

OS VOLUNTÁRIOS DO IMPREVISÍVEL

BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE JOINVILLE, 125 ANOS DE ORGANIZAÇÃO E EVOLUÇÃO

Apolinário Ternes

3ª Edição

1892
BOMBEIROS
VOLUNTÁRIOS





OS VOLUNTÁRIOS DO IMPREVISÍVEL

BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE JOINVILLE, 125 ANOS DE ORGANIZAÇÃO E EVOLUÇÃO

Joinville - 2017

Apolinário Ternes



3ª Edição

Capa: Torre da Unidade Central do Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville.
Contra-capas: Prédio da nova Sede do Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville.

Apresentação

Copyright© 2017 Apolinário Ternes. Todos os direitos reservados.

Texto e edição:
Apolinário Ternes

Coordenação:
Matriz Comunicação

Diagramação e projeto gráfico:
Daisy Dalberto

Revisão de textos:
Dolores Carolina Tomaselli

Impressão:
Coan Indústria Gráfica Ltda.

CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

Ternes, Apolinário, 1949-
Os Voluntários do Imprevisível/ Apolinário Ternes. 3ª. ed. - Joinville, SC : A. Ternes, 2017.
148 p.: il. ; 28 cm.

Inclui bibliografia e índice
ISBN 978-85-7802-006-4

1. Patrimônio cultural - Joinville (SC). 2. Joinville (SC) - História. 3. Paisagem cultural - Joinville (SC).

Impresso no Brasil



As comemorações em torno dos 125 anos de fundação da nossa mais nobre instituição estarão marcadas pela entrega da nova sede, antiga e imperiosa necessidade da corporação, por ambicioso plano de revitalização da entidade e, também, pelo lançamento desta terceira edição do livro ‘Os Voluntários do Imprevisível’, de Apolinário Ternes, historiador joinvilense e amigo dos bombeiros.

Ao longo do novo século, os desafios à nossa mais tradicional instituição têm sido vencidos, a exemplo do que ocorreu no passado, com a sempre presença da população, autoridades e de empresários e políticos de Joinville, irmanados todos em torno da defesa dos bombeiros. É o que nos cabe registrar no período em que estamos à frente da corporação, viabilizando novos e mais sólidos caminhos para esta secular entidade.

Com a nova sede, novos equipamentos, inclusive a tão ambicionada plataforma elevatória, os bombeiros de Joinville se mantêm como uma das corporações mais bem equipadas e treinadas do país. Com a nobre característica de ser a primeira instituição de caráter voluntário do Brasil, criada em julho de 1892, os bombeiros de Joinville dispõem de conceito e prestígio já reconhecidos não apenas pela população, como, ainda, por suas congêneres espalhadas por todo o país e importantes veículos de comunicação e de formadores de opinião.

O livro, a exemplo das edições anteriores, não só preserva e atualiza a memória e a história da nossa corporação, como ajuda a difundir os valores do voluntariado, essencial para a constituição de comunidades fortes, com cidadãos conscientes e colaborativos, como se faz na história de Joinville desde os primeiros dias dos colonizadores europeus em solo de Joinville, de Santa Catarina e do Brasil.

Moacir G. Thomazi
Presidente da Sociedade Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville
julho de 2017

Sumário

Apresentação	5
Introdução	9
PARTE 1 - ASPECTOS HISTÓRICOS	11
1º Capítulo – A Colônia Dona Francisca	12
2º Capítulo – Os voluntários do fogo	15
3º Capítulo – Dos 50 aos 100 anos	29
4º Capítulo – O Centenário como renascimento	40
5º Capítulo – O futuro com base no voluntariado	43
6º Capítulo – Do Centenário a 2007: quinze anos de evolução	46
Aos 100 anos, o renascimento	58
7º Capítulo - Modernização e tecnologia - 2008-2017	60
Plataforma Elevatória	65
Centro de treinamento	67
Unidade do Aventureiro	69
Nizan Guanaes	70
Modernizações do CAT	70
O espírito de Joinville	71
Filantropia	72
Mirins	73
A nova sede	74
Museu	78
Bandas	80
PARTE 2 - ASPECTOS TÉCNICOS	83
8º Capítulo – A Evolução da Defesa Civil	84
9º Capítulo – A Evolução Tecnológica	90
A roda	93
A máquina a vapor	93
A eletricidade	93
O automóvel	93
O avião	93

A televisão	93
O computador	94
O jato	94
Estruturas	95
10º Capítulo – Das ações de adestramento e disciplina	99
Combate e técnica	101
Utilização do material contra incêndios	104
Tipos de veículos	105
Salvamento de pessoas	105
Adestramento e disciplina	106
11º Capítulo – Industrialização e modernidade	110
PARTE 3 - APÊNDICES	115
Bombeiros com mais tempo de incorporação	117
Conselho Deliberativo	118
Membros natos	118
Sócios contribuintes	118
Sócios ativos	119
Diretoria	119
Comando Geral	119
Hino dos Bombeiros de Joinville	120
Quadro de divisas	121
Juramento e Lema dos Bombeiros de Joinville	122
Estatuto Social da Sociedade Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville	123
Regulamento disciplinar da Sociedade Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville	136
Machadinha Simbólica	140
Ordem da Machadinha	144
Bibliografia	147



Introdução

Aos 125 anos, a mais prestigiada e honorária das instituições de Joinville, vive momento de excepcional revitalização e eficiência. Criada por decisão de um grupo de imigrantes diante dos repetidos casos de incêndio na colônia, na noite de 13 de julho de 1892, a Sociedade Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville cumpriu extensa folha de serviços à cidade, sempre de forma voluntária, sem jamais ter registrado um único caso de desmando, autoritarismo ou desvio de suas finalidades comunitárias.

Orgulho da cidade e exemplo para o resto do país, a corporação conheceu períodos difíceis, ciclos de empobrecimento, crises financeiras e momentos de grande defasagem técnica e material, com equipamentos e frota de veículos bastante deteriorados. Mesmo assim, a cada crise, dela saiu-se a entidade com mais entusiasmo, maior apoio da população e adesão de empresários e políticos, todos irmanados em torno da recuperação e de ganhos de eficiência para a corporação.

Neste julho de 2017, ao completar um século e quarto de vida, a entidade vive momento de grande recuperação, revitalização e modernidade, num sinal claro de que as próximas décadas deverão ser de muito trabalho, dedicação e serviço na sempre sensível área de proteção a vidas e patrimônios.

No prefácio à segunda edição desta obra, em julho de 2007, agora ampliada e atualizada no período da última década, relembávamos que sob o lema ‘Um por todos e todos por um’ e ‘Em nome de Deus e em defesa do próximo’, os bombeiros voluntários de Joinville demonstram todos os dias, notável trabalho em favor da comunidade. Com a primeira sede surgindo apenas no ano de 1913, as reuniões e ensaios sempre foram marcados por excepcional rigor em termos de disciplina, com suas atas redigidas em alemão, descrevendo não só os fatos relevantes da corporação, mas advertências e punições a soldados que não tivessem exemplar comportamento. O uso de expressões chulas e de baixo calão, podiam representar a expulsão da corporação: os bombeiros deveriam ter boa apresentação e comportamento inatacável na vida particular, exigindo-se como prerrogativa para a votação de admissão ‘vida ilibada, comportamento másculo e honesto, sobriedade, pontualidade, perseverança, disciplina e obediência hierárquica irrepreensível’.

Até 1972 os bombeiros foram apenas voluntários, mas com a expansão urbana da cidade, desde aquele ano funcionam também equipes de bombeiros remunerados, atendendo imperiosa necessidade de cobrir a multiplicidade de casos em que se exigia a presença dos soldados da corporação em diferentes pontos da cidade.

Como observado na introdução da edição anterior, a obra ‘Os Voluntários do Imprevisível’ narra, ainda, o desenvolvimento da corporação, mostrando aspectos da evolução da defesa civil ao longo dos anos e de como os fatores tecnológicos ajudaram na organização e na atuação das comunidades no combate ao fogo e aos demais desastres da natureza.

Ao lado:
Torre da unidade central, 1906.
Na torre dos bombeiros, um
exercício compara a eficiência
da bomba manual que, ao ser
empregada, substituiu o trabalho
de 10 bombeiros em linha com
seus baldes de lona.

O objetivo deste livro, paralelamente ao resgate de uma das mais preciosas tradições de Joinville, com o exercício pleno da cidadania, através do voluntariado, é, também, o de estimular a difusão deste princípio na ampliação do número de corporações voluntárias por todo o Brasil, um país de extensão continental, urbano e com mais de 200 milhões de habitantes, e, no entanto, vulnerável a sinistros e com número mínimo de organização no que tange à defesa civil comunitária.

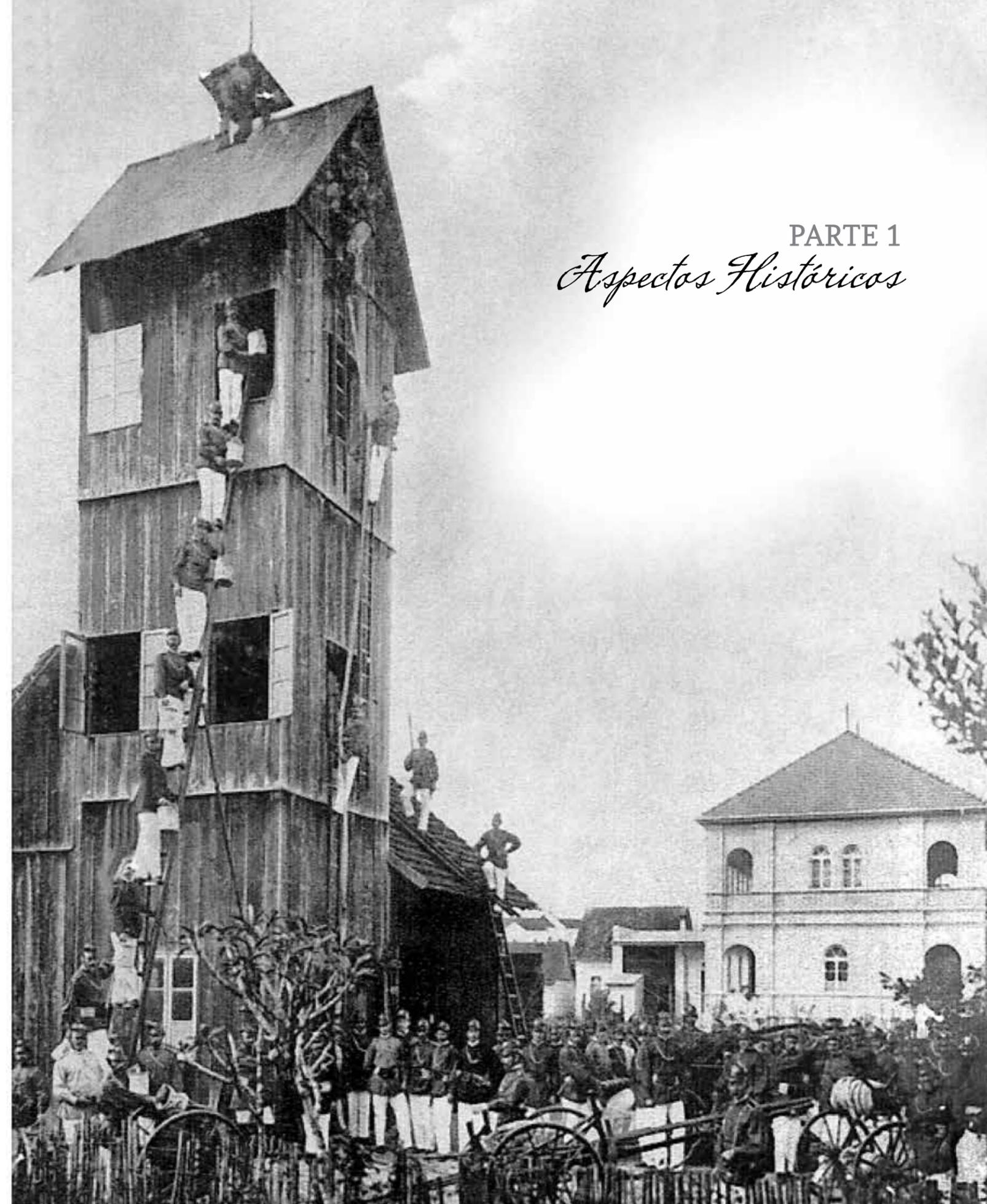
Esta terceira edição da obra, preservando e ampliando a memória histórica da entidade, impõe-se como registro do momento confortável que vive a corporação ao alcançar 125 anos de fundação, e, também, para mostrar a expansão, modernização e aparelhamento da entidade, sob a presidência de Moacir G. Thomazi, empresário que preside a instituição desde 2008. A nova e moderna sede, no tradicional endereço da Rua Jaguaruna, a aquisição da plataforma elevatória, importante equipamento adquirido na Finlândia e único no Sul do país; reorganização e modernização de todos os processos contábeis, agora informatizados; digitalização do Centro de Assistência Técnica; construção e funcionamento de novo Centro de Treinamento e obtenção do Certificado de Filantropia junto ao governo federal são algumas das realizações da atual diretoria, responsável por um novo ciclo de superior redimensionamento da corporação.

Em 2017, assim como ao longo dos últimos 125 anos, os bombeiros funcionam como indispensável fator de segurança e atuam em apreciável conjunto de emergências, deixando a muito tempo de atuar somente nos casos de incêndios. Dispõem de equipamentos avançados, de equipes técnicas de alta sofisticação e representam a garantia de pronta eficiência na defesa do patrimônio material e na preservação de vidas.

O modelo voluntário de Joinville, pelo pioneirismo e pela experiência acumulada em 125 anos, serve ao Brasil. É preciso valorizá-lo sempre e difundi-lo permanentemente.

Apolinário Ternes
- Agosto de 1994
- Julho de 2007
- Julho de 2017

PARTE 1 *Aspectos Históricos*



A Colônia Dona Francisca

1º capítulo

A Colônia Dona Francisca foi criada na Alemanha, em Hamburgo, sob o comando do capitalista e político Mathias Schroeder. A Colônia, instalada nas terras dotais da Princesa Dona Francisca, irmã de D. Pedro II e filha de D. Pedro I, deveria alojar “a maior colônia agrícola da América do Sul”. Com este propósito, no ano de 1849, em Londres, foi fechado contrato de aquisição de 8 das 25 léguas quadradas pertencentes ao dote da Princesa brasileira, quando de seu casamento, a 1º de maio de 1843, no Palácio São Cristóvão, no Rio de Janeiro, com o Príncipe de Joinville, que conhecera sua Princesa anos antes, quando da primeira visita à Corte da família Orleans e Bragança, no Rio.

As terras dotais só foram demarcadas dois anos após o casamento, entre dezembro de 1845 e março de 1846, pelo engenheiro Jerônimo Coelho, natural de Laguna e Conselheiro da Corte, ocasião em que foi elaborado também um mapa de toda a região, definindo-se os principais acidentes geográficos, como rios, montanhas, lagoas, ribeirões, mangues e planícies.

Em fevereiro de 1848, a partir da França, a Europa inteira mergulhara num novo e tumultuoso período de revoluções, com levantes nos estados italianos, em todo o império austríaco e na confederação germânica. Reeditavam-se as mesmas questões anteriores, com os reformistas da classe média tentando impor uma nova ordem, apesar da resistência dos monarquistas absolutistas e, ainda, da presença inquietante dos socialistas e comunistas.

Em razão da revolução de fevereiro de 1848, a Família Real da França foi destronada e o Rei Luiz Felipe obrigado a se refugiar em Londres, para onde se dirige também o filho, Príncipe de Joinville, que, como comandante das forças navais francesas, na oportunidade se encontrava no Norte da África, em missão da marinha imperial.

Com a perda do poder, o Príncipe de Joinville, no exílio, incumbe o Vice-cônsul da França em Santa Catarina, Leonce Aubé, que conseguira escapar da França para a Inglaterra, quando do movimento revolucionário, de contatar o senador Mathias Schroeder, negociando a venda de parte das terras recebidas como dote, no Brasil, cinco anos antes.

A 16 de março de 1849, em Londres, o representante do Príncipe de Joinville recebia ampla procuração para firmar contrato com o senador da Alemanha; o que aconteceria em Hamburgo, no dia 5 de maio do mesmo ano. Foi criada, então, a “Sociedade Colonizadora Hamburguesa de 1849”, sob o comando do senador Mathias Schroeder, sócio majoritário, já que muitos dos interessados na criação de uma colônia no Sul do Brasil acabaram desistindo do empreendimento. Schroeder, contudo, era homem de muitas posses, detinha o comando de importante empresa de navegação, com mais de 20 veleiros, com os quais já participava ativamente de um dos melhores e mais rentáveis negócios da época: o transporte de imigrantes, tanto para a América do Sul, quanto para a América do Norte.

Das muitas agências de negócios, Mathias Schroeder mantinha no Rio de Janeiro uma de suas mais movimentadas filiais, sendo grande o transporte de europeus para as terras da promessa – o Brasil e a América do Norte. A

“Sociedade Colonizadora de Hamburgo de 1849” tinha como meta criar nas terras do Príncipe de Joinville, uma grande colônia agrícola, desenvolvendo aqui um ponto de referência para os interesses geoestratégicos da Alemanha.

De outra parte, detentora de 8 léguas quadradas, com o compromisso já assinado em cartório pelo Príncipe de negociar mais 12 léguas em futuro próximo, conforme se desenvolvessem os negócios de transferência de imigrantes, a Cia. de Hamburgo operava sua própria frota de veleiros, ganhando, portanto, em quase todas as fases do processo: na venda das passagens para os colonos e famílias; e na comercialização dos lotes, feita através de prestações mensais, a partir de um determinado momento em que o colono, estabelecido em sua própria terra, começasse a produzir excedentes econômicos. Deve-se considerar ainda que, nos primeiros meses de chegada à colônia, o imigrante pobre dependia, integralmente, dos fornecimentos do “armazém” da Direção da Colônia, desde os gêneros alimentícios de primeira necessidade às enxadas, serrotes, pregos e outros utensílios imprescindíveis à vida doméstica.

O empreendimento teve início tumultuado, pois as providências de infraestrutura e de apoio antecipadamente determinadas pela direção da empresa colonizadora foram só parcialmente realizadas. A vinda do filho do senador Mathias, a apenas 37 dias da chegada dos primeiros imigrantes, foi providencial para determinar rápida alteração do rumo de malogro e fracasso que se desenhava para a futura colônia.

Enfrentando dificuldades superiores ao que podiam ter imaginado, os colonos chegados a 9 de março de 1851, em número de 118, a bordo do veleiro “Colon”, tiveram já no primeiro dia a companhia de mais 74 noruegueses que se dirigiam a São Francisco da Califórnia, mas com sua embarcação avariada, no Rio, acabaram optando pela nova colônia no Sul do Brasil. Os primeiros meses foram difíceis, na medida em que a área na qual se operou o desembarque e onde foram alojados os imigrantes, em precárias construções coletivas, não se destinava ao estabelecimento de um núcleo colonial. Inicialmente, o stadplatz (centro urbano) deveria se localizar numa área plana e menos úmida, a cerca de 10 quilômetros, em linha reta, do ponto de desembarque no Rio Cachoeira, na localidade de Annaburg, onde os primeiros colonos chegaram a adquirir lotes. Previse-se, ainda, a instalação da “vila”, que adiante se transformaria na cidade, três quilômetros ao sul do local de desembarque, na localidade de Bucarein. Nem lá nem cá, a vila foi se expandindo a partir do ponto em que se instalaram os primeiros colonos, na praça atual em que se encontra a biblioteca pública “Rolf Colin”, nas imediações do início da atual Rua 9 de Março, então uma simples “picada”, denominada de “Caminho do Jurapé”.

Nos primeiros meses, de março a dezembro de 1851, depois da chegada de quatro navios, a população somava 389 almas, existindo, então, 62 modestas edificações na vila e na área colonial. Em setembro, contudo, uma epidemia de desconhecida doença tropical, que misturava febre alta e diarreia intestinal, acabou causando a morte de 45 pessoas, entre velhos, adultos e crianças. Todos estes primeiros mortos foram sepultados num cemitério improvisado, na confluência das atuais ruas 9 de Março e João Colin.

Com determinação, inflexível disciplina e notável espírito empreendedor, a colônia foi recebendo novos imigrantes, novos investimentos, algum apoio da corte, no Rio de Janeiro, bem como do próprio Príncipe de Joinville, e, decorridos cinco anos de instalação, a paisagem de solidão e desamparo desaparecera, instalando-se na colônia um clima de alegria, de esperança e de certeza em dias melhores.

O “espírito do lugar”, forjado nas primeiras semanas por angústia e desolação, desde o início soube incorporar os valores mais profundos da alma alemã, apropriando-se de antigos princípios de dureza ante a adversidade, e de persistência ante o inesperado. O desafio acabou por reunir e amalgamar os povoadores pioneiros, determinando nos primeiros meses uma sólida convivência

comunal, fazendo com que a vitória de uma família, ajudada pelas demais, servisse de estímulo e de certeza quanto ao sucesso das demais.

Isolados na mata, enfrentando todos os tipos de precariedade e adversidade, mas convencidos de que poderiam realizar o sonho de cada um, as maravilhosas e ousadas viagens pelo mundo da imaginação durante os quase três meses de uma exaustiva travessia do Atlântico, os colonos conseguiram vencer o desânimo, a saudade e a solidão psicológica, valorizando, por mais insignificante que fosse, cada uma de suas conquistas, tanto no plano pessoal e familiar, quanto no plano coletivo, de organização e estruturação da colônia.

Bons homens vieram para Joinville, destaca o visitante e escritor Ave-Lallemant, em 1857, entusiasmado com o progresso do lugar. Muitos agricultores, lavradores, modestos artesãos, mas também intelectuais, políticos liberais, professores, pastores, homens de negócio e muitos de cultura. Assim, já a partir do quinto ano de instalação da colônia, nascem os primeiros movimentos comunitários voltados à cultura, ao cultivo do espírito, à filosofia e à religião. Joinville terá o privilégio de fundar a primeira loja maçônica da América Latina, em dezembro de 1855, reunindo a pequena elite da “cidade”. Surgem clubes de canto, de teatro, para a prática do tiro, para o cultivo do corpo, Joinville, em 1858, aos sete anos de idade, tem o privilégio de constituir a primeira sociedade ginástica da América do Sul, ainda hoje existente.

Já em 1862, onze anos depois de fundada, a colônia teria o seu próprio jornal, impresso em maquinaria especializada, trazida da Alemanha para este fim. Ottokar Doerfell, político, maçom, intelectual, advogado e jornalista, fundaria o *Kolonie Zeitung*, um dos mais antigos do país, e que funcionaria, ininterruptamente, até 1942, durante oito décadas consecutivas.

É neste contexto, de prosperidade econômica e riqueza espiritual, que a colônia rapidamente entende que seu destino natural está na terra, na produção agrícola, mas que poderia se transformar numa comunidade líder, irradiando iniciativa empreendedora na província. A persistente luta para instalar uma estrada até o Planalto Norte, iniciada no terceiro ano de instalação da colônia, e que se arrastaria por quase 30 anos, será de máxima importância a partir de 1877, quando chega à colônia, pela primeira vez em estrada carroçável, o primeiro carregamento de erva-mate, vindo do Planalto Norte. São Bento do Sul existe desde 1873, como primeiro subnúcleo de expansão regional da imigração. A Estrada da Serra, feita com equipamentos rudimentares como pá e picareta, seria o grande instrumento de progresso e de formação de capital em Joinville, possibilitando, por quatro décadas, a grande expansão do ciclo do mate, pelo qual Joinville consolidaria sua vocação, inicialmente como centro comercial e, posteriormente, industrial.

Depois de várias experiências comunitárias de pleno êxito, em que os desafios coletivos foram resolvidos a partir de iniciativas internas, seria fácil a instalação, em julho de 1892, de uma corporação de bombeiros voluntários. Os incêndios começavam a se registrar continuamente, em razão da rápida expansão de todos os tipos de construção, e era preciso dotar a comunidade de mecanismo eficiente de combate ao fogo. Os bombeiros voluntários constituem uma das mais preciosas instituições da Alemanha, nascidos, também, de sociedades dedicadas à ginástica, como fruto de arraigado espírito de disciplina dos alemães, bem como do sentimento de solidariedade para com o próximo e elevada cultura cívica, de respeito ao patrimônio, seja ele público ou privado. Dotados desta cultura, impregnados do mesmo espírito e amalgamados em quatro décadas de esforços coletivos, os joinvilenses não hesitaram na criação de um corpo de bombeiros, pelo qual garantiriam a melhor preservação de seu patrimônio na colônia. Foi o que aconteceu a 13 de julho de 1892, quando Joinville tinha 41 anos de idade e população não superior a 15 mil habitantes.

Os voluntários do fogo

2º capítulo



Sr. Victor Mueller
Primeiro comandante do Corpo de
Bombeiros Voluntários de Joinville
(13/07/1892 - 16/08/1893).

Naqueles tempos em que a população da colônia, no início da década de 1890, mal chegava a 15 mil almas, das quais apenas 3 mil habitantes no núcleo urbano, as decisões, invariavelmente adotadas em consenso, nasciam rápidas, frutos da lógica alemã. O fogo, que destruía e ameaçava o patrimônio de cada um, como já queimara nos últimos meses as residências e casas comerciais dos Trinks e dos Schneider, exigia uma reação da pequena comunidade, a exemplo do que já fizera em situações anteriores. Na Alemanha, sabiam os colonizadores, o fogo vinha sendo combatido por instituições nascidas do espírito comunitário, as corporações voluntárias, que tinham autorização do Estado, mas funcionavam com autonomia e liberdade, obedecendo a regras próprias, com estatutos e regimentos internos, eleições periódicas, e com o tradicional espírito combativo e disciplinado dos alemães. A solução, portanto, não poderia ser outra, nestas terras isoladas e inóspitas, em que a presença das instituições governamentais se fazia tão displicente quanto aleatoriamente.

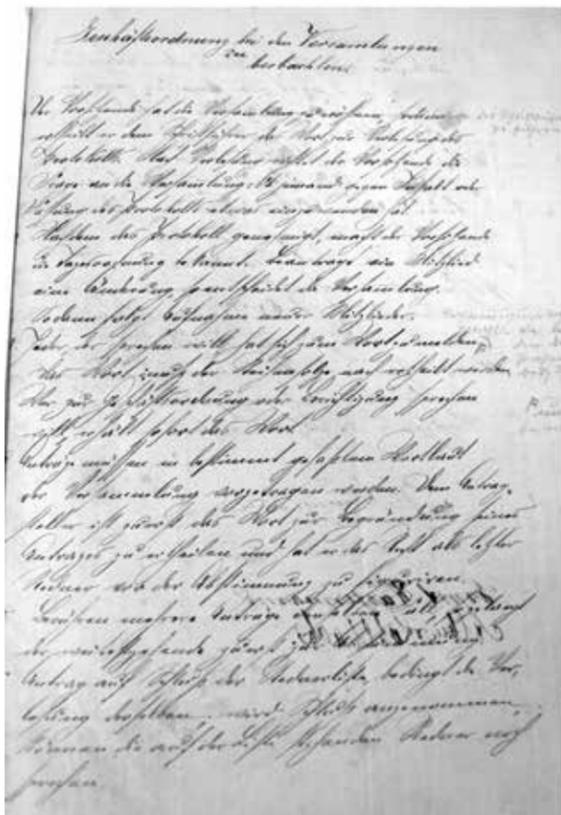
O pequeno grupo de líderes da comunidade, rapidamente, distribuiu o aviso de que na noite de quarta-feira, dia 29 de junho, no salão do Berner, na “Cachoeirastrasse”, às 19 horas, aconteceria a reunião preparatória para a criação de um corpo de bombeiros. A reunião aconteceu, criando-se, então, naquela noite, a primeira comissão organizadora, que ficaria encarregada de elaborar os estatutos, divulgar a proposta, convocar possíveis associados e promover a reunião de instalação oficial da corporação, já marcada, então, para o dia 13 de julho de 1892, no mesmo local e horário.

De boca em boca, circulou a notícia de que a colônia passaria a contar com serviços de combate ao fogo, não ficando mais à mercê das chamas destruidoras que ameaçavam o patrimônio de cada um e de todos. A corporação voluntária, reunindo homens fortes e corajosos, previamente instruídos, muitos já com espírito e corpos desenvolvidos em anos de prática esportiva e de ginástica, teria comando, apetrechos e autorização para operações organizadas de combate ao fogo.

Na noite de 13 de julho de 1892, portanto, era criado o Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville, a primeira corporação deste gênero do Brasil e uma das primeiras da América Latina, também foi escolhido o seu primeiro comandante e formada a primeira turma, inclusive com juramento tomado na mesma noite. Serviço dessa natureza só existia na Corte, no Rio de Janeiro, por ato de D. Pedro II, em 1857, e em raras outras cidades do país.

O primeiro comandante, escolhido por eleição, recaiu na pessoa do Sr. Victor Mueller, imigrante alemão de que pouco se conhece, mas que se sabe ter sido um dos primeiros líderes do movimento. Seu mandato durou de 13 de julho de 1892 a 16 de agosto de 1893, período curto de apenas 13 meses, em que milagrosamente, não se registraria nenhum incêndio na pequena Colônia de Joinville. Os exercícios de treinamento e as reuniões semanais, contudo, não deixaram de acontecer, com os *Freiwillige Feuerwehr* mantendo-se com rigorosa assiduidade e pontualidade.

Na noite de 13 de julho, imediatamente após o juramento solene e individual do comandante, os demais 39 primeiros soldados realizaram juramento coletivo, repetindo,



“Juro cumprir com os deveres assumidos como bombeiro, sem distinção para com a pessoa que necessite os meus serviços, e de seguir sempre à risca as determinações dos estatutos da corporação; portar-me pacificamente para os meus camaradas, obediente com os meus superiores hierárquicos, justo com os meus concidadãos, procurando sempre, com dignidade, executar as ordens recebidas, e servir de exemplo aos meus camaradas, no fiel cumprimento do dever”.

em alemão, de forma pausada, o compromisso: “Juro cumprir com os deveres assumidos como bombeiro, sem distinção para com a pessoa que necessite os meus serviços, e de seguir sempre à risca as determinações dos estatutos da corporação; portar-me pacificamente para os meus camaradas, obediente com os meus superiores hierárquicos, justo com os meus concidadãos, procurando sempre, com dignidade, executar as ordens recebidas, e servir de exemplo aos meus camaradas, no fiel cumprimento do dever”.

Além de Victor Mueller, foram os seguintes os primeiros soldados bombeiros de Joinville, que na noite de 13 de julho, prestaram juramento: Dr. Carlos Lange, Oscar Antônio Schneider, W. Wewetzer, Alexandre Schlemm, H. Hille, Friedrich Stoll, E. Stamm, Carl Parucker Junior, Otto Delitsch, Paul Stamm, E. Wassermann, Frederico Hudler, Edmundo Uhlemann, Hermann Stein, D. Sellmer, Carl G. Etzold, Francisco Schendel, Augusto Fissmer, Eduardo Miers, G. Raschke, T. Kreutz, W. Berner, Francisco Lepper, Paulo Schoof, C. Schmann, Félix Heizelmann, Otto Boehm, C. Gruensch, Max Friedrich, João Karsten, O. Gelbcke Junior, Wilhelm Walther, F. Timm, W. Manteufel, C. Isensee, Mathias Herkenhoff, Eduardo Hofmann Carl Urban e Eduardo Loos.

Na mesma histórica reunião de 13 de julho, ficou definida a joia de admissão para a corporação, fixada em 1 mil réis e a mensalidade em 200 réis. Ficou acertado que os soldados teriam uniforme e capacete, e que os primeiros equipamentos e apetrechos, principalmente baldes de lona e escadas, seriam guardados num depósito junto à residência da viúva Hasse, moradora do centro.

Além de Victor Mueller, comandante, foram eleitos ainda Oscar Schneider como

Acima: Juramento coletivo dos soldados em 13 de julho de 1892.

À esquerda: Ata de fundação, de 13 de julho de 1892, manuscrita em alemão. É o documento número 1 dos bombeiros de Joinville.

Cap. Frederico de Gusmão, comandante das “forças legais” na Revolucionário Federalista.



vice-comandante; E. Wassermann, como chefe do almoxarifado, Otto Delitsch, tesoureiro e Alexandre Schlemm, como secretário. Ficou decidido ainda que os exercícios fossem realizados no campo de esporte do Ginástico, cedido gratuitamente para este fim. É preciso registrar que muitos dos integrantes da nova corporação, já integravam, há anos, os quadros da Sociedade Ginástica, fundada em 1858, na colônia. Igualmente, várias das lideranças envolvidas na fundação dos bombeiros tinham longa vida maçônica, entidade criada ainda mais cedo do que a dos ginastas, em 1855. A consolidação dos bombeiros e sua lenta evolução, e garantia de sua não extinção nos primeiros anos, decorre destes laços profundos com o núcleo maçônico, que mantinha ativa tutela da comunidade, influenciando na política, na economia, nos movimentos culturais e, também, nas questões delicadas daqueles anos, a segurança.

Além do sentimento de que os desafios da colônia deveriam ser vencidos pelas próprias forças, o que gerou autoconfiança muito grande nos primeiros povoadores, nos limites de autossuficiência que beirava a egocêntrico e indisfarçável princípio de superioridade, as lideranças locais desde o princípio deram à corporação um status de dignidade e de honraria que a transformou numa instituição de invulgar imponência e importância no contexto comunitário.

De forma indireta, os colonizadores exercitavam através dos bombeiros o espírito militar, sempre tão forte e expressivo na cultura germânica.

A tradução explícita deste sentimento e desta compulsão castrense se pode constatar no ano imediatamente seguinte à criação da instituição, quando os bombeiros, estimulados e orientados pelas mesmas lideranças da colônia, investiram-se na qualidade de força militar para proclamar e defender a integridade da comunidade, declarando total neutralidade de Joinville no movimento Revolucionário Federalista que vinha do Rio Grande do Sul.

Com os colonos dispostos a garantir, em armas, sua isenção, os revoltados de Gumercindo Saraiva foram recebidos aqui sob verdadeiro “estado de guerra”. Adiante, atendendo apelo do comandante do 23º Batalhão de Infantaria, acantonado na colônia e em defesa da República, aliou-se a corporação local em defesa, também, das chamadas “forças legais”. Como reconhecimento, o comandante das forças do exército, Capitão Frederico Guilherme Pinto de Gusmão, ofereceu um retrato autografado de sua pessoa, o que na época era considerado demonstração de gratidão e reverência, que se encontra fixado (com lacre especial) no primeiro livro de atas da corporação, com data de 25 de junho de 1894.

A primeira bomba manual dos bombeiros, hoje integrante do acervo do Museu Nacional dos Bombeiros Voluntários, vinda da Alemanha, chegou a Joinville em abril de 1893. Compunha, juntamente com rústicas escadas de madeira, baldes de lona, machadinhas e facões, o arsenal de combate ao fogo. Fora adquirida pela Superintendência Municipal, que apoiava integralmente a corporação, facilitando-lhe instrução e funcionamento.

O primeiro incêndio em que a corporação tomou parte ativa, registram as atas, ocorreu às quatro horas da madrugada de 11 de fevereiro de 1895. As chamas ameaçavam a casa comercial de Carlos Schneider, na Rua do Príncipe, então ainda denominada “Ziegeleistrasse”, ou Rua da Olaria. Três horas depois o fogo havia sido debelado, mas os bombeiros permaneceram “até à tarde” no local, enquanto “corriam” umas “cervejas”, oferecidas pelo proprietário.

O “batismo” de fogo de 11 de fevereiro permitiu que fossem constatadas muitas deficiências e vulnerabilidades, tais como a de comando e de organização dos bombeiros, que se atiravam afoitamente, como se a extinção do fogo dependesse tão somente da bravura pessoal de cada um. Também o público que acorreu ao

local, mesmo às quatro horas da manhã, prejudicou em muito a primeira atuação da corporação. Como das vezes anteriores, todos se entendiam capazes de ajudar, pois, afinal, o importante era acabar com o fogo o mais depressa possível.

Na prática, a ajuda se transformava em transtorno, prejudicando a ação mais eficaz dos “soldados”. Era o início de uma consciência profissional, de atuação objetiva, que desde lá, em 1895, até os dias atuais, distingue o bombeiro de Joinville como um dos mais competentes e dedicados do país, superando, em muitos casos, guarnições estatais que operam no setor.

Em decorrência do ocorrido a 11 de fevereiro, poucos dias depois, o superintendente municipal, após a aprovação do Conselho Municipal, baixava a resolução nº 16, do seguinte teor:

Faço saber a todos os habitantes deste município, que o Conselho Municipal, em sessão ordinária desta data, adotou, e eu promulgo, a seguinte resolução:

Artigo 1º – Fica autorizado o Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville, de, em casos de incêndios, e no interesse da boa execução de seus deveres, entrar nos prédios adjacentes ao incêndio, sem prévia licença do respectivo dono.

Artigo 2º – Nos mesmos casos e para o mesmo fim, o dito Corpo fica autorizado a proibir o trânsito em contorno do incêndio, se puder estorvar o livre exercício dos bombeiros, bem como de chamar à coadjuvação os espectadores e de admoestar e até prendê-los, se não obedecerem às ordens do Comando do Corpo.

Artigo 3º – Ficam revogadas as disposições em contrário.

Mando, portanto, a todos os a quem, o conhecimento e execução da referida resolução pertence, que a cumpram e façam cumprir tão inteiramente como nela se contém. O secretário a faça pública pela Imprensa. Dada e passada na sala de sessões do Governo Municipal da cidade de Joinville, aos 25 de fevereiro de 1895, 7º da República dos Estados Unidos do Brasil.

Ass. João Paulo Schmalz – presidente.

O segundo comandante assumiu o posto a 16 de agosto de 1893, poucos meses antes da Revolução Federalista alcançar Joinville e, sob seu comando, a corporação fez frente aos revoltosos gaúchos. Félix Heinzelmann, nascido em 1860, no Sul da Alemanha, chegou a Joinville em 1888, provavelmente junto com um irmão, de nome Helmuth. Félix era militar e agrônomo, e em Joinville atuou como professor da Escola Alemã, tendo se casado com Elise Dorothea, filha de Carl Julius Parucker, alemão, radicado na colônia desde 1854.

No seu comando, os bombeiros realizaram os primeiros exercícios de “capacete e cinto”, em setembro de 1893. A corporação pôde se organizar efetivamente, sempre



Sr. Felix Heinzelmann
Segundo comandante do Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville
(16/08/1893 - 08/08/1898).



Torre de madeira de 1906
construída para exercícios.

com a participação entusiasmada de seus fundadores, como Félix, que transformava a corporação numa instituição comunitária de invulgar valor e presença, gerando sentimento de segurança, não só em relação a incêndios, mas também de força organizada, de proteção de todos, sob o lema “Por Deus e pelo próximo”.

Heinzelmann teve destacada atuação nos acontecimentos de 1893, tendo sido distinguido, posteriormente, com a patente de Capitão da Guarda Nacional, integrando o 1º Regimento de Cavalaria de Guarda Nacional em Joinville, a partir de 1896. Em agosto de 1897, afasta-se do comando dos bombeiros, em razão de problemas de saúde e falece, a 4 de agosto de 1898.

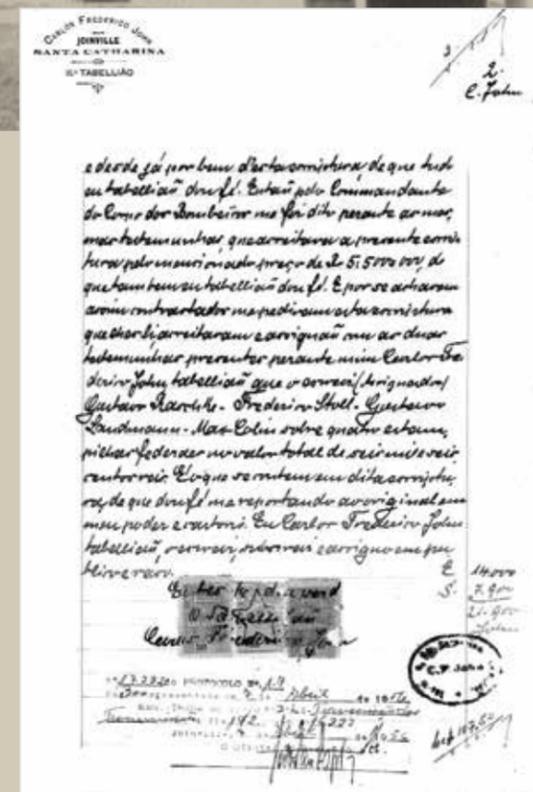
Como terceiro comandante, e figura tão ativa como Felix Heinzelmann, assume Friedrich Stoll, também um dos fundadores da Corporação. O seu mandato inicia-se a 8 de agosto de 1898 e só terminaria 35 anos depois, em 30 de agosto de 1933, sendo reeleito a cada três anos, sucessivamente, para o cargo. Seleiro de profissão, Stoll dedicou aos bombeiros quase todas as suas forças físicas, emocionais e financeiras. Dele, de sua modesta oficina de selas e arreios, saíram os cintos, capacetes, baldes e muitos outros equipamentos da corporação. Cada hora roubada de sua oficina, era religiosamente dedicada aos bombeiros. Cada centavo economizado, era generosamente empregado em favor da corporação, além dos serviços pessoais, de reconhecido artesão do couro, Friedrich Stoll soube conquistar não só os soldados da corporação, mas a comunidade inteira como um dos mais valorosos líderes da colônia e um entusiasta da causa do voluntariado, um líder de seu tempo. Muitas são as histórias em torno de Friedrich Stoll, uma, porém, traduz, com inegável precisão, o quanto a corporação significava para Stoll. – “É – dizia sua mulher, com galhofa – o Frederico não tem dinheiro para dar um vestido novo para a filha, mas para pagar barril de chope para os colegas, nos bombeiros, sempre tem”.



Sr. Friedrich Stoll
Terceiro comandante do Corpo de
Bombeiros Voluntários de Joinville
(08/08/1898 - 30/08/1933).



Segunda sede do Corpo de
Bombeiros Voluntários de
Joinville, construída em estilo
enxaimel, na Rua Jaguaruna, 1913.



Documento de aquisição da área
junto a rua Jaguaruna onde será
construída a sede definitiva da
Sociedade Corpo de Bombeiros
Voluntários de Joinville.

Daisy Dalberto



Caminhão Chevrolet, ano 1926.
Acima, o mesmo caminhão,
exposto atualmente no Museu
Nacional do Bombeiro Voluntário,
em Joinville.



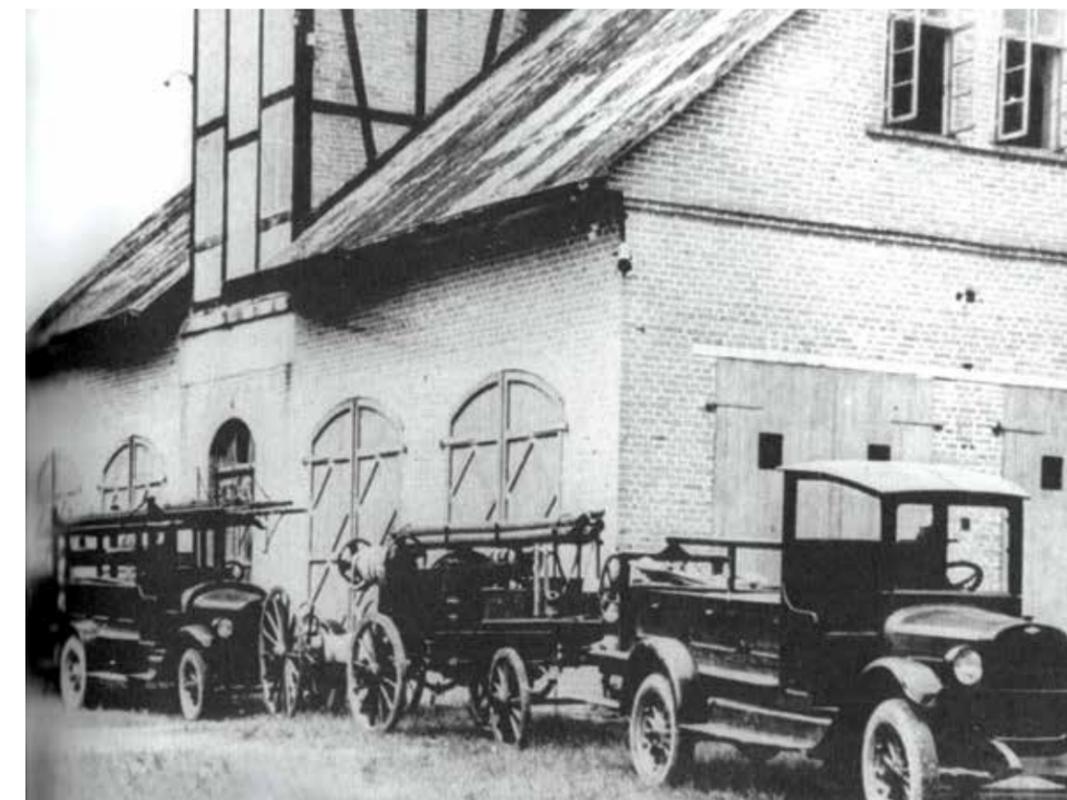


Saída para atender a um incêndio, 1927.

No longo mandato de 35 anos de Friedrich Stoll, os bombeiros evoluíram muito: em 1911, por meio de subscrição popular e venda de ações, foi adquirido um grande terreno, na antiga Rua da Cerveja, atual Jaguaruna, para instalar a sede própria. Em 1913, a 23 de fevereiro, foi inaugurado o prédio próprio, onde se guardam os apetrechos, equipamentos, bomba manual, e se dispunha de área para exercícios e ensaios, então, e por anos, realizados no campo do Ginástico. Em 1925, também no mês de abril, era incorporada a primeira bomba a motor dos bombeiros e, no ano seguinte, fato verdadeiramente histórico, a corporação adquiria o primeiro caminhão, um Chevrolet, 34 anos depois de sua fundação.

Pouco tempo mais tarde, em fins de 1927, a prefeitura doaria o segundo caminhão da entidade. De autoria de Friedrich Stoll, desde 1923, funcionaria com pleno êxito, um “acordo” com os proprietários de “autos-de-praça”, pelo qual, em caso de incêndio, os bombeiros podiam ser deslocados do local em que estivessem para a sede, sem que a “corrida” implicasse em qualquer custo para o bombeiro ou para a corporação. Desde o século XIX, até por volta de meados do século passado, os bombeiros eram convocados por um sistema de cornetas. Em casas previamente escolhidas, as cornetas eram acionadas nos casos de incêndio, avisando os voluntários da ocorrência de sinistro. Mais tarde, na década de 1940, foi adotado o sistema de sirene central, que funcionaria até a década de 1970, quando ocorreram novas transformações na instituição, sendo a principal delas a formação da guarnição de bombeiros profissionais, para plantão permanente e pronta resposta às necessidades.

Frota do Corpo de Bombeiros Voluntários em frente à segunda sede, na Rua Jaguaruna.



Sobre o sistema de cornetas, que funcionou exemplar e eficientemente, contam-se muitas histórias e estórias. Mulheres que tentavam acionar, sem êxito, a corneta. Avisos falsos, brincadeiras nas chamadas “horas mortas”, casos de bebedeiras etc. Quanto ao sistema de sirena central, deve-se reconhecer a eficiência da mobilização e deslocamento dos soldados. Em muitos casos, a primeira viatura saía do quartel em menos de três minutos após acionado o aviso de incêndio. Há uma boa explicação, contudo, para a rapidez: uma das grandes empresas da cidade, senão a maior, a Fundação Tupy, funcionava a distância de apenas uma quadra da sede da corporação e, na empresa, sempre trabalharam e ainda trabalham, muitos dos soldados voluntários. Em apenas um minuto, era possível correr da Tupy à sede da corporação.

Ao longo das três décadas e meia em que Friedrich Stoll exerceu o comando da corporação, os bombeiros voluntários foram levados a excepcional avanço material, técnico e na especialização, conquistando ainda maior respeito e admiração da comunidade. A corporação consolidou-se como uma instituição da maior representatividade, advindo daí prestígio ímpar, conferindo a cada bombeiro “status” de valoroso cidadão, capaz de oferecer a própria vida em defesa do patrimônio e do próximo. Ingressar em suas fileiras como voluntário representava honraria, o mesmo acontecendo ao encaminhar filhos e netos para a corporação, o que passa a conferir uma aura de dignidade a cada família.

Ilustres sobrenomes de famílias mais antigas e tradicionais, conferem aos bombeiros a tradição de uma instituição sem paralelo nos primeiros 100 anos. Apesar da grande respeitabilidade da corporação, este prestígio e gravidade não resulta apenas da presença em suas fileiras de homens economicamente bem sucedidos ou influentes. Pelo contrário, respeitadas boas exceções, de forma

Corneta para anúncio de incêndio, localizada em casas de particulares. Serviam para reproduzir o sinal de alarme de incêndio emitido pelo sino da Sede da Corporação. Estes locais eram denominados “Casa dos Anunciadores de Fogo”.



Adquiridas em 1893, eram utilizadas pelos comandantes.

Banda de Música do Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville



Sr. Eugen Lepper
Quarto comandante do Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville (30/08/1833 - 30/08/1950).



Sr. Albert Lepper
Quinto comandante do Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville (30/08/1950 - 18/06/1961).

geral, as chamadas “classes representativas” de liderança no campo econômico e político estiveram perfiladas como soldados dentre os bombeiros. Homens simples, na grande maioria trabalhadores, profissionais liberais de serviços manuais – marceneiros, encanadores, mecânicos, escriturários – desenham permanentemente, o perfil do soldado voluntário.

Oriundos igualmente de famílias que se destacaram na vida comunitária, em especial na atividade econômica e empresarial, mas sem fazer parte da faixa mais abastada, sobressaíram os dois seguintes comandantes: os primos Eugen e Albert Lepper. Eugen ficará no comando e na presidência da entidade no período de 30 de agosto de 1933 a 30 de agosto de 1950, por 17 anos, portanto. Albert Lepper assumiria o comando de 30 de agosto de 1950 a 18 de junho de 1961, num total de 11 anos de gestão, falecendo investido na missão.

Os primos Lepper enfrentaram um período difícil para os bombeiros: o tempo da Segunda Guerra Mundial (1939/45). Época em que a Campanha de Nacionalização alcançou Joinville com inusitada e inflexível virulência, quando muitas instituições, sobretudo as culturais, vieram a sofrer intervenção governamental, ou foram fechadas, com seus arquivos desaparecendo, muitas vezes queimados, em razão do receio que a todos contaminara, de acusações e boatos.

O governo do presidente Getúlio Vargas, inicialmente indeciso em relação aos blocos em confronto, a partir de 1938 determina intenso programa de nacionalização, obrigando as colônias alemãs do Sul do Brasil, bem como as italianas, a uma espécie de abasileiramento cívico cultural. Proibiram-se as línguas alemã e italiana, os usos e costumes ainda europeus por aqui extensa e largamente difundidos e cultivados. O cotidiano dessas pequenas cidades, em fins da década de 1930, mantinha feições europeias com tradições na órbita da cultura, do ensino, do jornalismo e até mesmo nos hábitos de vida que reproduziam, no Brasil, as tradições das comunidades de origem dos alemães e italianos aqui radicados.

Em Joinville, o período da campanha de nacionalização, entre os anos de 1938 a 1945, não só desarticulou a comunidade, como provocou sentidas rupturas, extinguindo instituições da mais significativa importância e expressão, como o



Daisy Dalberto

BOMBA MANUAL

Utilizada para bombear a água para as mangueiras, associada ao carro pipa. A conexão era feita entre os dois instrumentos e a força física de 12 voluntários que finalizavam a operação bombeando a água. Usado entre 1893 e 1935. Encomendada em 3 de novembro de 1892, ficou presa na Alfândega, em São Francisco do Sul, por 10 meses, até ser paga a taxa de importação.

Jornal Kolonie-Zeitung, fundado por Ottokar Doerfell, em 1862; a Escola Alemã; várias entidades culturais, dentre estas, a intervenção na tradicional Sociedade Ginástica, para não falar em instituições voltadas para o canto, para o teatro, grupos folclóricos e conjuntos musicais. O que não foi administrativamente extinto, sofreu intervenção burocrática, inclusive, com bibliotecas e arquivos sendo levados ao fogo. O corpo de bombeiros, no que se tem conhecimento, foi a única instituição característica de cultura alemã que teve preservados os seus inúmeros livros-ata, todos manuscritos em alemão gótico. Mesmo assim, sofreu intervenção, por ato do General Meira de Vasconcellos, o comando da 5ª Região designou o Capitão Francisco Faustino da Silva para exercer as funções de “orientador e instrutor”.

Pelo que constam das atas, a intervenção do ponto de vista da guarnição, não gerou acirramentos, tendo o interventor se transformado num “amigo e benfeitor”, granjeando a simpatia e a amizade de todos os integrantes da corporação. O nobre militar teve “atuação sensata e ponderada”, revelando-se um admirador da instituição, onde reconheceu singulares valores éticos, espírito cívico e comunitário que desconhecia no resto do país.

Os Lepper, foram, ambos, marceneiros e trabalhavam numa próspera serralaria, dos Lepper/Colin, situada no terreno onde se localiza o prédio antigo do Fórum. Eugen e Albert dedicaram os melhores anos de suas vidas aos bombeiros, não só reservando horas de lazer ou de trabalho em prol da instituição, como aplicando boas quantias em dinheiro dos próprios bolsos em favor de equipamentos melhores, uniformes e apetrechos para a guarnição.

Durante a Campanha de Nacionalização uma das empresas que sofreu intervenção em Joinville foi a Usina Metalúrgica Joinville, sucessora da Fundação Bennack, fundada em 1893 e que, por décadas, funcionou à Rua Itajaí. Conta-se que, na época, houve um grande incêndio na empresa, localizada às margens do Rio Cachoeira. O interventor convocou os bombeiros e, como sempre, lá estava o comandante Eugen Lepper, dando ordens a seus bravos companheiros. Tudo num português deficiente e difícil e pior ainda de ser entendido pelos

comandados. Um mangote foi jogado no Cachoeira, mas nada de água nas mangueiras. Lepper explicou ao capitão que os soldados não entendiam os seus comandos em português, ao que ele esbravejou: – “pois fale em alemão, mas pelo amor de Deus, acabe logo com este fogo”. Na língua de Goethe, o mangote foi jogado no meio do leito do rio e a água brotou farta nas mangueiras em poucos segundos. Comemoraram todos o fim do incêndio com ruidosa gritaria em alemão, com o capitão-interventor sendo o mais entusiasmado dos presentes.

Uma das filhas de Albert era exímia tocadora de corneta. Ela, como poucos, conseguia emitir os três toques prolongados, anunciando a existência de incêndio na cidade e convocando os bombeiros a comparecerem ao quartel. Tudo isto acontecia em minutos, num tempo em que o trânsito fluía muito facilmente no perímetro urbano, que não excedia a alguns quilômetros em torno do anel central. Os voluntários muitas vezes deixavam seus postos de trabalho, de onde tinham autorização para sair a qualquer momento em caso de sinistro, já sabendo onde acontecia o fogo e para lá se dirigiam com invejável rapidez, muitos chegando a pé, outros de bicicleta, alguns de automóvel, simultaneamente à chegada dos conhecidos caminhões dos bombeiros, com suas sirenas estridentes, seus homens encarapitados, numa espécie



Reunião festiva do Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville com seus familiares.



Membros com mais de 25 anos de atividade nos Bombeiros Voluntários de Joinville (década de 30); da esquerda para a direita (sentados) Rudolf Brand, Otto Delitsch, Friederich Stoll (comandante), Wilhelm Manteufel e Eugênio Lepper; (em pé) João Krisch, Friedrich Birkholz, Robert Pfützenreuter, August Krause, Albert Lepper e Adolf Ziesche.

Dos 50 aos 100 anos

3º capítulo



de balé mágico que certamente enfeitiçaram muitas crianças e até sensibilizaram adultos, todos com o mesmo forte sentimento de que o soldado do fogo exerce, de fato, missão cívica e humanitária da mais densa significação.

Os valores do voluntariado, da responsabilidade comunitária, do envolvimento social, da solidariedade e da participação, que tanta importância exerceram na vida da comunidade em seus primeiros e difíceis anos, prosseguiram sendo cultivados pelos joinvilenses ainda por longo período no século XX. O Corpo de Bombeiros, uma das entidades que menores efeitos da nacionalização forçada sofreram no período de 1938 a 1945, acabou se transformando num símbolo e na materialização, para as gerações futuras, de valores humanísticos. Ao menos no plano espiritual e simbólico, a corporação continuou exercendo o papel de testemunha de um tempo difícil, mas de exuberantes demonstrações de amor ao próximo e à comunidade.

Voluntária, em 1942, ao completar o seu primeiro meio século de existência, a corporação, como nos dias atuais, depois de novos 50 anos, continuava então solidamente fincada nas mais fortes e autênticas raízes da cidade. Com sede própria, dois caminhões, 80 soldados treinados e 260 sócios-contribuintes, os bombeiros de Joinville, sob o comando de Eugen Lepper, atravessaram o ano de seu cinquentenário em boa fase, ainda que mantivessem padrões materiais pouco satisfatórios.

Para a cidade, em 1942, de apenas 40 mil habitantes, os bombeiros conseguiam desempenhar com regular competência a missão de zelar pelo patrimônio de cada um e de todos. Os festejos de 50 anos, contudo, foram tão rápidos quanto discretos, sendo homenageados os seus quatro comandantes, dos quais três falecidos: Victor Mueller, Felix Heinzelmann e Friedrich Stoll. Eugen Lepper estava no comando, e permaneceria, ainda, até o ano de 1950.

Bombeiros Voluntários de Joinville, com seu uniforme de gala, por ocasião das comemorações dos 50 anos de fundação (1892-1942).

Desfile dos Bombeiros na Rua do Príncipe, em 1951, nas comemorações do Centenário de Joinville, tendo à frente o comandante Eugênio Lepper.



Aos 60 anos de fundação, os bombeiros enfrentaram, talvez, a maior crise de sua história. Estavam, em 1952, quase insolventes em termos financeiros e, em pior situação em termos materiais. “Até mangueiras faltavam”, confessam os mais antigos que chegaram a presenciar o quase colapso da instituição. Problemas de toda ordem, de administração, de apoio, de reconhecimento da própria comunidade, pois, voluntária, a instituição dependia integralmente do apoio da cidade. Poucas contribuições das empresas, menor presença do poder público, reduzido número de sócios-contribuintes.

Claro, como sempre, os próprios bombeiros contribuíam com suas módicas mensalidades, dinheiro todo que, arrecadado de forma aleatória, não permitia que a instituição pudesse manter suas atividades com o mesmo padrão de eficiência dos anos passados.

Neste momento de crise, surge a figura do empresário Walter Hermann Meyer que, juntamente com alguns amigos, praticamente realiza uma “intervenção” na entidade. É criada, então, uma diretoria para gerir administrativamente a corporação, ficando o comandante apenas com as funções específicas de chefe hierárquico das operações e dos soldados, responsável também pelos exercícios de adestramento e aperfeiçoamento operacional.

Com a presença de um presidente, a Corporação, a partir de 9 de abril de 1952, vai conhecer novos tempos. Walter Meyer desencadeará ampla campanha de revitalização e recuperação dos bombeiros, inclusive propondo a construção de nova sede e novo quartel, no mesmo terreno da Rua Jaguaruna, adquirido em 1911 da Comunidade Evangélica.

Mobilizando as lideranças econômicas da cidade, propondo contribuições especiais, criando a “Comenda da Machadinho”, com a qual serão agraciados benfeitores mais expressivos, o empresário e a “turma do chimarrão”, em pouco tempo, conseguiram recuperar quase integralmente a instituição. Já dois anos depois, em 1954, seria inaugurado o novo quartel, desativando-se as instalações de 1913.

Os bombeiros passaram a viver novo tempo, mas equipamentos, caminhões, mangueiras e todo o arsenal de aparelhos para o bom desempenho de suas missões continuavam poucos em quantidade e defasados na qualidade. Por isso, na década de 1950, as campanhas visando o reaparelhamento foram frequentes, sempre objetivando recursos da iniciativa privada joinvilense, do poder público municipal, estadual e até federal. Os políticos, quase sem exceção, dos deputados federais aos vereadores, insistiam com pedidos de auxílio, tanto na capital Federal, quanto na estadual.

Desnecessário dizer que, apesar da seriedade da corporação, indistintamente, o poder público continuava refratário às reivindicações. Mas, de tempos em tempos, se consegue aprovar uma verba, ainda que para garantir a sua liberação, depois, sejam necessários novos esforços.

Após seis anos consecutivos dedicados à entidade, em 1958 deixa a presidência o empresário Walter Hermann

Governador do estado,
Jorge Lacerda, inaugura
sede central da corporação,
em 1954.



Meyer, passando a direção da sociedade a Lothário Mielke, que permanecerá até novembro de 1962 na presidência.

Seguem-se as gestões de Wolfgang Voigt, diretor da Fundação Tupy, de novembro de 1962 a março de 1966; de Evaldo Eicholz, de 1966 a 1970, que cumprirá um segundo mandato de março de 1975 a setembro de 1986. No período de março de 1970 a março de 1975 presidirá a corporação Ubirajara Dippold, funcionário da Tupy. Cumpre mandato de poucos meses, entre setembro de 1986 a março de 1987, substituindo o presidente Eicholz, falecido, o empresário Hubert L. Meier, também da velha guarda, integrante da “turma do chimarrão”, a principal responsável pela recuperação da entidade, no início da década de 1950.

A partir de 1987, a Associação Comercial e Industrial de Joinville assume a responsabilidade da administração e manutenção da corporação como mantenedora, passando a dirigir a sociedade o presidente da ACIJ, seguindo-se, portanto, na presidência os empresários Udo Döhler, Raul Schmidt e José Henrique Carneiro de Loyola, que mantém a presidência em 1994, mesmo tendo deixado a presidência da ACIJ em 1992, por especial delegação do presidente daquela entidade, Edgar Meister.

Destacam-se nestas administrações, o contínuo reaparelhamento e aperfeiçoamento técnico da corporação, notadamente os desenvolvidos de 1991 em diante, sob a presidência do empresário José Henrique Carneiro de Loyola que, aproveitando a passagem do centenário, transformou a efeméride num instrumento poderoso de nova recuperação da entidade, com obtenção, por doação, de 10

Galeria de Ex-Presidentes



Walter H. Meyer
04/1952 - 09/1958



Lothário Mielke
09/1958 - 11/1962



Wolfgang Voigt
11/1962 - 03/1966



Evaldo Eicholz
03/1966 - 03/1970
03/1975 - 09/1986



Ubirajara Dippold
03/1970 - 03/1975



Hubert L. Meier
09/1986 - 03/1987



Udo Döhler
03/1987 - 04/1989



Raul Schmidt
04/1989 - 07/1991



Henrique C. Loyola
07/1991 - 05/1996
12/1997 - 06/1998



Sr. Guilherme Metzger
Sexto comandante do Corpo de
Bombeiros Voluntários de Joinville
(18/06/1961 - 22/08/1962)



Sr. Henry Schmalz
Sétimo comandante do Corpo de
Bombeiros Voluntários de Joinville
(22/08/1962 - 11/08/1971)



Sr. Arthur Zietz
Oitavo comandante do Corpo de
Bombeiros Voluntários de Joinville
(11/08/1971 - 24/08/1998)

novas viaturas, equipamentos especiais, escada tipo magirus e subvenções do poder público, desencadeando uma nova fase na centenária vida da corporação.

Nesta segunda etapa dos bombeiros, ou seja, ao longo dos 50 aos 100 anos, a corporação teve apenas quatro comandantes: Albert Lepper, de 1950 a 1961; Guilherme Melzer, que cumpriu apenas 14 meses de comando, de junho de 1961 a agosto de 1962; seguindo-se a gestão de Henry Schmalz, de 9 anos, entre 1962 e 1971; e Arthur Zietz, respondendo pelo comando de 11 de agosto de 1971 a 1998, sendo sucedido por Valmor Maliceski em 01/07/1998.

Guilherme Melzer, bombeiro de muitos anos, tinha a profissão de marceneiro e trabalhava na serraria/marcenaria dos Lepper/Colin, sendo, portanto, companheiro de trabalho dos primos Eugen e Albert Lepper. O sétimo comandante, Henry Schmalz, ingressou na corporação a 1º de novembro de 1944 e mantém sua ligação até os dias atuais, sendo, portanto, um dos mais antigos bombeiros, somando mais de meio século de “incorporação”. O seu comando, exercido de agosto de 1962 a agosto de 1971, foi marcado pelo aprimoramento técnico dos bombeiros, tendo sido constituído, a partir de 1971, a primeira guarnição de plantão permanente. O passo seguinte, em 1972, seria o de constituição de guarnição de bombeiros profissionais, mantendo-se permanente a postos um número reduzido de bombeiros na unidade central.

Inicialmente, porém, apenas 4 bombeiros passaram a “dormir” no alojamento da unidade, dentre eles o atual subcomandante Ademar Stuewe. Filho de bombeiro, o sétimo comandante é bisneto do superintendente municipal que em 1895, pela resolução 16, reconheceu e oficializou a corporação. Técnico-mecânico e eletricitista, Henry Schmalz dividiu sua vida profissional entre empresas como a Tupy, Hansen e Arp, além de instrutor do SENAI e professor da Escola Técnica Tupy, e a corporação, para a qual dedicou a maior parte de sua vida.

Arthur Zietz ingressou na corporação no dia 6 de agosto de 1941, como aspirante, aos 15 anos de idade. Com 63 anos de ininterrupta colaboração com a entidade, exercendo o comando desde 11 de agosto de 1971. Também filho de bombeiro – seu pai Otto Zietz, esteve nas fileiras por 18 anos consecutivos – o

oitavo comandante foi marceneiro, trabalhou 42 anos consecutivos na Nielson S/A. Exatamente por conhecer mais de um ofício, Arthur desempenhava ainda as funções de latoeiro, soldador e pintor, pôde realizar centenas de atividades semelhantes no quartel, inclusive, a de coordenar a montagem de um caminhão hidroquímico nas oficinas da instituição, além de dirigir os trabalhos de manutenção e recuperação de quase todas as viaturas da corporação.

A dedicação destes abnegados e antigos bombeiros supera em muito o exercício semanal de adestramento ou a atividade específica de extinção de incêndio ou de socorros gerais, mas se alarga em muitas atividades internas, nas mais diversificadas tarefas, desde o trâmite de papéis e ofícios, à constante e silenciosa tarefa de zelar pela manutenção e durabilidade de viaturas e equipamentos.

Bombeiros Voluntários de
Joinville, com uniforme de gala,
por ocasião das comemorações
de seus 53 anos de fundação.





Em seis décadas dedicadas aos bombeiros, Arthur Zietz acompanharia de perto as diferentes fases da corporação. Assim, tanto assistiu a fase ruim, de quase extinção da entidade, pouco antes da chegada de Walter Meyer, em 1952, como a fase dramática dos incêndios criminosos, em 1977/78, e o novo impulso da entidade, preparando-a para a realidade urbana da Joinville pós-ano 2000. Desde os tempos de bombeiro, Arthur recebeu apoio das diretorias da época para operar grandes transformações. Como comandante, participou de inovações como a implantação do Centro de Atividades Técnicas, setor responsável pela realização de serviços de vistorias de acordo com a legislação municipal de incêndio, e por iniciativas pioneiras como a criação dos contingentes de bombeiros mirins e do acesso de mulheres à atividade operacional.

A mais expressiva delas foi a implantação dos bombeiros efetivos na corporação, pagos através de convênio com o governo do Estado, no ano de 1972 e que permitiu à cidade usufruir de maior segurança. Com explosivo crescimento demográfico, com a multiplicação e acelerado crescimento dos bairros, com a forte expansão da indústria e a transferência de muitas para o Distrito Industrial, ou outras áreas menos centrais, a configuração de atendimento em caso de incêndio alterou também o quadro anterior, vivido pela comunidade desde 1892, de atendimento exclusivo de bombeiros voluntários. Impunha-se a introdução de plantões permanentes, de 24 horas, possibilitando que em poucos minutos os bombeiros estivessem em ação. Manteve-se o voluntariado, mas, a partir de 1972, Joinville conta com bombeiros efetivos.

Trata-se de experiência inédita no país, esta da condição mista de voluntariado e efetivos na unidade operacional de bombeiros. A experiência e a dedicação dos bombeiros que nada recebem para as mesmas tarefas de socorro ao patrimônio alheio, acaba por influir e definir o comportamento de toda a corporação, que revela índices de eficiência superiores às corporações formadas pelos efetivos remunerados, mantidos pelo governo. Apesar do profissionalismo se impor em razão do crescimento da cidade, a partir de 1972, a chama sagrada do voluntariado, então com 80 anos de bons e heroicos serviços prestados à

À esquerda: Desfile cívico na década de 60.

Acima: Parte da frota do Corpo de Bombeiros Voluntários na sede, da Rua Jaguaruna, década de 60.

Acima: Vista da Brigada de incêndio da antiga Malharia Arp, realizando exercícios na década de 1960.

À direita: Na década de 70, bombeiros voluntários posam perfilados em frente à corporação, trajando o uniforme de gala, instituído em 1894, ao lado de veteranos à paisana.

comunidade, mantém a tradição e o mesmo padrão cultural de inegável valor, convocando-se cidadãos aos serviços comunitários sem remuneração, um dos aspectos do pleno exercício da cidadania e de realização pessoal. O voluntariado reduz as despesas do poder público que, no caso do Brasil, é incapaz de atender até mesmo outras necessidades básicas da população, em áreas como a da saúde, educação, saneamento e segurança.

Após deixar o comando, como forma de homenageá-lo, a diretoria da Sociedade Corpo de Bombeiros Voluntários concederia a Arthur Zietz a condição de “comandante de honra”. Também foi homenageado pela Câmara de Vereadores com o título de Cidadão Benemérito, em 2002. Até sua morte, em 21 de dezembro de 2003, Zietz se constituiria em personagem emblemático do perseverante trabalho voluntário da corporação.

Durante décadas, o exercício do voluntariado pelos bombeiros de Joinville serviu para a admiração e a curiosidade do resto do país. Parte do prestígio de cidade produtiva e disciplinada que Joinville usufrui, se deve à exemplar instituição dos voluntários soldados do fogo, que, durante décadas, foram rigorosamente únicos na paisagem municipal brasileira.

De resto, vale dizer que na área específica de combate ao fogo, através de corporações dedicadas a este mister, o Brasil sempre sofreu de múltiplas carências.

A falta de estatística não permite hoje se afirmar com precisão qual o número de corporações existentes em todo o território nacional, estima-se que pouco mais de 5% dos municípios brasileiros tenham qualquer tipo de serviço bombeiril, insuficiente para atender a demanda de mais de 5.000 municípios espalhados pelo continental território nacional, vivem em dificuldades permanentes, com escassez de material, equipamentos, viaturas e pessoal.

No cenário brasileiro das últimas décadas, em que se confundem as crises de ordem financeira do Estado, com a crise ética de grande parte da população, notadamente parte das chamadas elites, um dos setores dentre outros que apresentam grave nível de desempenho, é o da defesa civil, com natural repercussão nas corporações de bombeiros.

Não se trata apenas de gravíssima deficiência do setor de segurança pública, não-equipado e vulnerável às artimanhas da corrupção, mas também dos bombeiros militares profissionais, existentes em pequeno número das cidades brasileiras, que vivem idêntico período de acanhamento, com a inexistência de reposição de viaturas, equipamentos e até mesmo de treinamento a seus soldados. A situação nesta área, no Brasil, é tão grave que não há qualquer tipo de informação estatística na área governamental sobre o número de corporações existentes no país. Sabe-se, porém, que a grande maioria das comunidades espalhadas pelo país não possui sistemas de combate ao fogo. Somente cidades com populações acima de 60 a 80 mil habitantes e com infraestrutura urbana e econômica, possuem alguma organização neste setor. É neste contexto subdesenvolvido que o exercício do voluntariado e especificamente, na área da segurança do patrimônio e de buscas e salvamentos, que se pode desenvolver notável trabalho, mobilizando as comunidades e difundindo o modelo da corporação voluntária.



Foto oficial da Corporação, década de 70.

Em Santa Catarina e Rio Grande do Sul, a partir do modelo desenvolvido em Joinville, inspirado em seus estatutos e regimentos, nos últimos anos o número de corporações voluntárias de bombeiros foi ampliado, todas com satisfatório desempenho especializado e adequada estruturação burocrático institucional.

É importante ressaltar que as crises financeiras já enfrentadas pela corporação, bem como o gravíssimo episódio dos incêndios criminosos que ocorreram em Joinville em 1977/78, e, ainda, a reestruturação da corporação liderada pelo presidente José Henrique Carneiro de Loyola ao ensejo dos festejos do centenário, em 1992, consubstanciaram experiência administrativa na sua manutenção e na garantia de estabilidade à corporação.



Matéria de jornal na época a respeito dos incêndios criminosos.

A estabilidade financeira e operacional decorrem ainda da definição do regime misto em que a entidade opera, reunindo bombeiros voluntários e guarnições profissionais remuneradas. Com aporte financeiro do poder público, tanto municipal quanto estadual. Além dos convênios e repasses, inseguros quanto a pontualidade, mas indispensáveis à manutenção da entidade, existem as contribuições de sócios, que tanto podem ser pessoas físicas quanto jurídicas.

Neste sentido, nos últimos anos, em razão de um envolvimento sempre maior da classe empresarial, com a presidência da entidade sendo exercida – por alguns anos – pelo presidente da Associação Comercial e Industrial, cresceu o poder de mobilização de recursos, tanto junto a seus filiados, quanto às fontes oficiais, através da gestão política desenvolvida pela comunidade.

Entre outubro de 1977 a março de 1978, Joinville foi atingida brutalmente por um fato inédito em sua história: uma onda de incêndios criminosos abalou a comunidade. Três igrejas, uma escola de excepcionais, várias indústrias, lojas, restaurante e até um supermercado tiveram suas instalações incendiadas. Nas tardes de domingo, ou nas horas de menor presença de pessoas nas ruas, o fogo misteriosamente surgia em vários pontos, simultaneamente, deixando inequívoca prova de que vinha sendo propositalmente ateadado.

Sob a administração do prefeito Luiz Henrique da Silveira, Joinville foi submetida a dolorosa prova tendo sido declarado “estado de emergência”. Apesar dos esforços da polícia, e dos pedidos de socorro por parte do poder público às autoridades superiores, os incêndios criminosos se repetiram durante quase meio ano. Sem deixar rastros, impor qualquer condição ou emitir qualquer tipo de explicação, os criminosos desafiaram a polícia, investigadores federais e as forças de segurança do Estado, mobilizadas em regime especial em Joinville.



Bombeiros Vountários e os mirins, em 1985.

Repetiam-se os incêndios e agiam com rapidez os bombeiros, mas, até hoje, não há explicação para o ocorrido. Alguns elementos foram presos, a polícia conseguiu descobrir um motorista de táxi que deslocava a quadrilha pela cidade, mas jamais se soube se era gente de fora ou da cidade. Estavam a mando de alguém sim, pois confessaram receber dinheiro “pelo serviço”.

Mandante ou mandantes, porém, jamais foram identificados. O pânico foi grande e, a partir daqueles fatos de 1977, a comunidade se mobilizou para estruturar ainda melhor a sua corporação de bombeiros, envolvendo-se nesta tarefa de forma ainda mais expressiva o empresariado do município, o mais afetado, durante a onda dos incêndios criminosos.

Constatou-se, mais uma vez, que a corporação podia atender com regularidade e eficiência os casos de incêndio, se não fossem de grandes proporções e, ainda, não ocorressem muito longe da unidade, no centro da cidade. Os bombeiros, em 1977, estavam mais uma vez desestruturados em relação ao crescimento da cidade, principalmente, em razão de sua acelerada expansão urbana, multiplicando-se as regiões periféricas, ao redor do antigo núcleo urbano, com intensa ocupação populacional. Os bairros de Joinville não só se tornaram mais densamente habitados, como se multiplicaram em todas as direções. Nas décadas de 1960/70 a explosão demográfica alcançou seu apogeu, com índices de crescimento superiores ao dobro da média nacional, então da ordem de 3,2% ao ano. As indústrias de Joinville disputavam mão-de-obra, buscando-a nos municípios vizinhos, através de sistemas próprios de transporte. O emprego, naquele momento é pleno, ainda que para serviços braçais, o que ampliou o segmento

Frota renovada depois da intensa onda de incêndios criminosos, década de 1980.



populacional de baixa renda, provocando rápido processo de favelização ao redor da cidade, notadamente na ocupação de áreas de preservação permanente, os mangues, que, afinal, sob o patrocínio da prefeitura e com apoio de recursos do governo federal, continuaram sendo urbanizados, com a demarcação de mais de 1.500 lotes em áreas absolutamente não recomendadas à ocupação humana.

A rapidez do processo de urbanização das décadas de 1960/70 e parte dos anos 80, e o êxodo das cidades ditas rurais, modificou radicalmente a geografia urbana de Joinville, impondo novos desafios aos administradores e, por redundância, também às questões relacionadas com a ação dos bombeiros. Tornou-se necessário equipar a corporação com mais viaturas e outros aparatos mais modernos e eficazes, e se constatou a necessidade de descentralizar o sistema, com a inadiável instalação de duas unidades, respectivamente um na Zona Norte e outro na Zona Sul, conforme projeto do então presidente da corporação, Udo Döhler. Apesar dos esforços, a primeira unidade descentralizada, para atender o Distrito Industrial e Pirabeiraba, distantes 15 quilômetros da unidade central, só veio a ocorrer no dia 10 de outubro de 1982. A subunidade da Zona Sul demorou ainda mais tempo.

Passado o impulso recuperador, a partir dos incêndios criminosos de 1977, durante a década de 1980 os bombeiros voltariam à vida silenciosa de sempre, sem que a comunidade mantivesse entre suas prioridades os cuidados e preocupações para momentos de crise. A rigor, somente dez anos depois, próximo à passagem do centenário da corporação, em julho de 1992, é que se desencadeará o rejuvenescimento da corporação. Deflagrada a nova fase de efetiva reestruturação da entidade e de concreta e substantiva reaparelhagem, voltada principalmente à obtenção de doações para o reequipamento da corporação a agenda de comemorações foi levada a efeito de julho de 1992 a julho de 1993.

O Centenário como renascimento

4º capítulo

Concluídos os festejos do centenário da corporação, não é temerário afirmar-se que foi graças à passagem do significativo 13 de julho, que, pela terceira vez em sua história, os bombeiros conseguiram driblar as cinzas da insolvência, reacendendo a chama do voluntariado. O primeiro renascimento ocorreu em 1952, na gestão do empresário Walter Meyer; a segunda, nos anos de 1978/79, depois dos incêndios criminosos, quando a Associação Comercial e Industrial adotou a entidade; e a terceira, na gestão de José Henrique Carneiro de Loyola, por ocasião do centenário da corporação.

Se, em 1952, quando completava 60 anos de existência, a corporação estava em fase difícil, pois até mangueiras faltavam no quartel e os veículos e equipamentos estavam tecnicamente comprometidos por falta de manutenção, em 1977/78, no período dos incêndios criminosos a instituição vivia nova e profunda crise material. Parcialmente atendidos, em termos de veículos e equipamentos, os bombeiros voluntários, contudo, continuaram vivendo dias de restrições franciscanas, administrações desmotivadas, à margem das preocupações e interesses reais dos empresários que se sucederam na direção da ACIJ. Com o passar dos anos, ou durante toda a década de 80, a corporação manteve-se na precariedade, registrando acentuada deterioração, por falta de recursos para a manutenção mínima. Assim, não foi sem surpresa que se discutiu nos meios empresariais possível alternativa ou possível liquidação, passando o patrimônio para o poder público. Isso não aconteceu em razão do brio de algumas lideranças envolvidas com a entidade, que se recusaram a admitir a falência da corporação aos 100 anos de existência.

Para evitar o constrangimento da instituição, um grupo de joinvilenses tendo a frente o Presidente Raul Schmidt, foi negociar o reajuste de convênio com o governo do Estado, procurando, em 1988, o então joinvilense que ocupava o cargo de Secretário da Indústria e do Comércio e Turismo, no governo Pedro Ivo, o empresário José Henrique Carneiro de Loyola.

Os festejos do centenário começaram, então, a merecer as primeiras atenções, dentre os diretores da ACIJ, que, presidida por Raul Schmidt, entre outros atos, sugeria a elaboração de livro que registrasse a história da corporação no primeiro centenário. Com a renovação da diretoria da ACIJ, por condição estatutária, também a presidência da Sociedade Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville se transferiu de Raul Schmidt para José Henrique Carneiro de Loyola, já como vice presidente em julho de 1990, dando impulso definitivo para a organização dos atos do centenário.

Foi montada comissão especial, sob a presidência do empresário José Henrique, envolvendo nomes de um largo círculo de representação da comunidade, desde o governo municipal, estadual, ACIJ e Bombeiros, até representantes de outras entidades envolvidas nos festejos, tais como Arquivo Histórico, FURJ, Fundação Cultural, Fundação Municipal de Esportes, RBS, A Notícia, Fundema e



Fonte: Acervo do Museu Nacional dos Bombeiros Voluntários.

Associação Filatélica. Para coordenar toda a programação inicialmente prevista para durar seis meses, mas que se estendeu por exatos 12 meses, foi criado um comitê executivo, tendo como coordenador o radialista Ramiro Gregório da Silva, então Secretário de Turismo da Prefeitura Municipal de Joinville, à época do Prefeito Luiz Gomes.

A extensa programação teve início no dia 25 de julho de 1991, às 20 horas, com a solenidade de lançamento dos festejos do centenário, na Sociedade Harmonia-Lyra, e teve um dos seus momentos mais importantes no dia 13 de julho de 1992, no pátio da corporação, às 19 horas, quando da realização de culto ecumênico, a inauguração de placa alusiva ao evento, lançamento de selo comemorativo pela Empresa de Correios e Telégrafos e um show pirotécnico, transformaram a noite do centenário num marco de toda a programação.

Desfile alegórico, encontro nacional sobre voluntariado, exposição de fotos “100 anos de Corpo de bombeiros”, no Arquivo Histórico, baile do centenário, homenagens no Festival de Dança, competição dos Bombeiros, gincana, concurso de contos e de redações escolares, concurso do hino dos bombeiros e competições esportivas foram desenvolvidas no período de seis meses, entre junho e dezembro de 1992. Parte dessa programação, por envolver considerável número de participantes, acabou se estendendo pelo ano de 1993, concluindo-se o calendário de eventos somente no mês de julho, quando a corporação já comemorava 101 anos de existência.

O amplo e contínuo noticiário sobre os 100 anos, produziu oportuna revitalização da corporação, mas o principal destaque dos festejos deve ser creditado à estratégia da diretoria da entidade, que canalizou o momento para a campanha de reestruturação da entidade.

Desta forma, simultaneamente às comemorações cívicas e ao enaltecimento do espírito do voluntariado, foi desenvolvido trabalho de obtenção de veículos e equipamentos, através de doações, junto aos governos municipal e estadual.

Também junto ao empresariado joinvilense e a instituições de caráter nacional. A campanha fez com que a entidade incorporasse 10 novos veículos e uma moderna escada magirus, esta, como destaque, foi entregue pelo governador do Estado de São Paulo, Dr. Luiz A. Fleury, além de 12 trajes especiais que permitem aos bombeiros adentrar em áreas de fogo. Além deste ambicioso projeto de reestruturação em termos de veículos e equipamentos, o centenário permitiu que se desencadeassem outras iniciativas junto aos governos e ao empresariado, visando nova, mas duradoura e consistente captação de recursos financeiros, dando maior estabilidade à corporação.



Parte da frota durante os festejos do primeiro centenário. Em destaque o automóvel do comando, caminhão 23, auto escada mecânica 27 e o caminhão de combate hidro químico 09 construído pelos bombeiros de Joinville.

O futuro com base no voluntariado

5º capítulo

Como fruto deste terceiro renascimento, provocado por ampla reestruturação decorrente da mobilização da comunidade em torno dos festejos de 100 anos, não foi ilusão esperar que o futuro imediato dos serviços de bombeiro em Joinville tendesse a adquirir maior consistência, amplitude e mesmo ressonância nacional.

Não só porque o perfil da Sociedade Corpo de Bombeiros Voluntários sofreu profunda e vertical alteração, ganhando feições atualizadas de administração e estabilidade financeira, mas principalmente, porque o espírito do voluntariado ganhou promissora revitalização, readquirindo o prestígio e o poder de mobilização que, nos idos de 1892, permitiu o nascimento da corporação nas terras da então modestíssima Colônia Dona Francisca.

A exemplo do que ocorre em sociedades mais avançadas, com sólidos fundamentos culturais e generosa experiência de envolvimento comunitário, traço singularmente presente nos primeiros 50 anos de existência de Joinville, também por aqui, nas cidades fundadas por imigrantes europeus em meados do século passado, como decorrência de importante etapa de acelerado processo de urbanização e industrialização, retorna no cotidiano destas cidades, o espírito participativo e desencadeador de movimentos em defesa da melhoria de qualidade de vida, com base no voluntariado.

As mudanças estruturais que se registraram na corporação dos bombeiros de Joinville, foram provocadas justamente para que se estabelecessem condições quase perenes de continuidade dos serviços, com base no voluntariado, mas, também, com a participação de soldados profissionais, mantidos em parceria através de convênios com o governo do Estado, ao qual se subordina constitucionalmente, a responsabilidade pela defesa civil. Neste sentido, apesar das crises enfrentadas ao longo de seu primeiro século de existência, jamais ocorreram providências de tão longo alcance, quanto as que foram deflagradas na oportunidade do centenário dos bombeiros, e que haveriam de se refletir ainda por um grande número de anos.

As mudanças não se limitaram à revisão e revitalização das contribuições financeiras à corporação, tanto de pessoas físicas quanto jurídicas, algumas absolutamente modestas, no valor simbólico de uma garrafa de cerveja, mas alcançaram mudanças na legislação municipal e estadual, objetivando introduzir este tipo de corporação, o de caráter voluntário, como força auxiliar do Estado na área da defesa civil, o que obriga contribuições financeiras consolidadas no orçamento anual destes governos.

Além da atualização da contribuição mensal de munícipes, empresas e outras organizações; de recursos provenientes dos alvarás de funcionamento e de habitabilidade dos imóveis da cidade e das vistorias quanto ao cumprimento das exigências de segurança das edificações, os bombeiros lograram obter verbas anuais mais generosas por parte dos órgãos governamentais, como resultado

de maior poder reivindicatório, inerente ao aperfeiçoamento de sua estrutura organizacional.

Como parte do planejamento estratégico elaborado em março de 1990, os bombeiros de Joinville seguiram um cronograma de expansão até o ano 2000. Um documento de 20 páginas, elaborado a partir de exigência da administração do ex-prefeito Luiz Gomes, baseado no crescimento populacional, evolução urbana, aumento do número de habitação e que orientou a expansão dos serviços de bombeiros no município até o final do século passado.

Pelo documento, previa-se que Joinville teria nos anos subsequentes, além da unidade central, mais 8 unidades em outras regiões da cidade. Todas, além das edificações físicas e demais benfeitorias, deveriam estar equipadas com frota própria de veículos, observando-se o processo de transferência das viaturas em uso na unidade central para os bairros, bem como demais equipamentos e equipes próprias de bombeiros. O plano previa também a ampliação da unidade central, com a implantação de mais um pavimento no prédio existente, e completa recuperação das instalações, o que foi realizado. Registre-se que essas metas foram alcançadas.

Foram previstos ainda investimentos, ano a ano, em pessoal, viaturas, administração e equipamentos, particularizando despesas de salários, alimentação, fardamento, assistência médica, seguros, combustíveis, lubrificante, pneus, conservação e recuperação dos veículos e despesas gerais de caráter administrativo. Além dos investimentos e despesas, o programa garantia o crescimento da frota e de pessoal, alcançando-se, no ano 2000, um total de 48 viaturas e 303 bombeiros. Em 1994, com a inclusão de 10 viaturas recebidas em doação por ocasião do centenário, o total da frota chegou a 29 veículos e o contingente de bombeiros a pouco mais de 200, considerando-se 52 voluntários, 66 soldados assalariados e 111 aspirantes e mirins, na faixa dos 10 a 18 anos.

Por ocasião do centenário renovou-se o sentimento de que a evolução dos bombeiros e o crescimento das corporações – e não apenas em Joinville, mas muito possivelmente em boa parte do território nacional, ao menos na região Sul, ainda com fortes traços da cultura europeia e níveis de desenvolvimento econômico e urbano mais acentuado e identificado com o panorama europeu e americano – voltaria a se verificar a partir da valorização do voluntariado e de um novo entendimento de cidadania.

A crise, econômica, social e moral que o Brasil enfrenta ao longo dos últimos dez anos, tem produzido uma sensível e acelerada mudança de antigas concepções, valores e comportamentos. Na verdade, como lucidamente analisa este grande historiador da modernidade, Peter Drucker, em “Sociedades Pós-Capitalistas”, há uma notável recuperação da cidadania, depois de seu desaparecimento após a queda de Roma, onde o viver em área urbana impunha uma sólida ética de convivência comunitária, com amplos deveres e alguns direitos.

Diz Drucker, “na Idade Média não havia cidadãos; os senhores feudais tinham agregados, as cidades tinham burgueses, a igreja tinha comungantes – mas nenhum deles tinha cidadãos”. Foi o estado nacional que reinventou o cidadão, abrindo generosas avenidas para o exercício da cidadania e sobre ela construiu a história dos tempos modernos.

“Cidadania é a disposição para contribuir para o seu país. Significa disposição para viver, ao invés de morrer pelo seu país. A restauração da cidadania é uma exigência vital do governo pós-capitalista”, ensina Drucker.

Na mesma linha de resgate das chamadas instituições sociais, registra-

se o início de longa caminhada em busca da restauração da comunidade. “As comunidades tradicionais não possuem mais o mesmo poder de integração; elas não podem sobreviver à mobilidade que o conhecimento confere ao indivíduo. Hoje sabemos que as comunidades tradicionais mantinham-se unidas menos por aquilo que seus membros tinham em comum do que pela necessidade, quando não pela coerção e pelo medo”, destaca o analista americano da sociedade industrial.

Na perspectiva de Drucker, as transformações de nosso tempo conduzirão as pessoas ao exercício da “cidadania através do setor social”. É o capítulo 9 de sua última obra, que analisa as transformações nas sociedades capitalistas no fim do século passado, e que tem o seguinte primeiro parágrafo: “as necessidades sociais irão crescer em duas áreas. Em primeiro lugar, elas irão crescer naquilo que tradicionalmente tem sido considerado caridade: ajudar aos pobres, aos incapacitados, aos desamparados, às vítimas. E elas irão crescer, ainda mais rápido, com respeito a serviços que visam ‘mudar a comunidade e mudar as pessoas’”.

O renascimento do voluntariado, uma tradição do século XIX, foi asfixiada pelo surgimento do “Estado do Bem-Estar Social”, mas ressurgiu agora, como enfatiza Drucker. “A principal razão para o crescimento na participação de voluntários nos Estados Unidos não é o aumento da necessidade, mas a busca, por parte dos voluntários da comunidade, de compromisso, contribuição. A maioria dos novos voluntários não é composta por pessoas aposentadas; são maridos e mulheres que trabalham, pessoas na faixa dos trinta e quarenta anos, com boa educação, afluentes e ocupadas. Elas gostam dos seus trabalhos, mas sentem necessidade de alguma coisa onde possam ‘fazer uma diferença’ – quer isso signifique ensinar a Bíblia na igreja local, ensinar as tabuadas a crianças excepcionais ou visitar pessoas idosas que voltaram para casa depois de um longo período de hospitalização e ajudá-las em seus exercícios de reabilitação. A cidadania no setor social através dele não é uma panaceia para os males da sociedade e do governo pós-capitalista, mas ela pode ser um pré-requisito para se enfrentar esses males. O setor social restaura a responsabilidade cívica que é a marca da cidadania, e o orgulho cívico que é a marca da comunidade”, diagnostica Drucker.

A restauração da comunidade, o resgate da identidade de nossas cidades de médio porte e a recuperação da cidadania através do voluntariado e do orgulho cívico de uma função social diferenciada do contexto técnico profissional-empresarial, são caminhos naturais para o desabrochar de um tempo promissor para entidades do tipo dos bombeiros voluntários. E, se se reconhecer que no Brasil mais de 90% das comunidades não têm este tipo de corporação e o Estado é incapaz de suprir as exigências mínimas, não será difícil aceitar que a cidadania no país também pode ser aí exercitada com pleno sucesso.

Do centenário a 2007: quinze anos de evolução

6º capítulo

O movimento de reestruturação, iniciado com a deflagração dos festejos do primeiro século de fundação, a partir de junho de 1992, e que se prolongaram até os primeiros meses de 1993, determinou, de fato, novo e surpreendente capítulo na história dos Bombeiros Voluntários de Joinville.

Nos últimos 15 anos, a corporação sofreu permanente processo de revitalização e reorganização, consolidando, agora de forma definitiva, os fundamentos do voluntariado e da participação comunitária. Foram anos de um processo contínuo de expansão e modernização, desenvolvido em várias frentes de batalha, tanto no aspecto operacional e logístico – com a instalação de 10 unidades operacionais distribuídas em diferentes regiões da cidade, e de uma unidade administrativa no centro – quanto na fundamentação de legislação específica, de apoio institucional aos bombeiros voluntários de Joinville, de Santa Catarina e de todo o país.

Para a forte reestruturação dos bombeiros, colaboraram a sociedade civil e os poderes constituídos, mas, de forma continuada e persistente, as diretorias que se sucederam no comando da corporação no período de 1993 a 2007. Esta continuidade, decorre de exemplar serviço prestado pela mantenedora da corporação, a Associação Empresarial de Joinville, responsável direta pela constituição das diferentes diretorias que se sucederam ao longo dessa primeira década e meia da mais tradicional e antiga corporação de bombeiros voluntários do país.

Para a compreensão desse salto de qualidade, de tamanho e de eficiência dos bombeiros de Joinville nos últimos 15 anos, se faz imprescindível o relato sucinto dos principais eventos do período, destacando, ano a ano, a trajetória da corporação.

Na presidência da entidade, em 1993, se mantém o empresário José Henrique Carneiro de Loyola, que se revelou um entusiasta do modelo e da corporação e que ampliará, para muito além de suas funções de presidente dos bombeiros, sua atuação em prol do movimento bombeiril em Santa Catarina, inclusive criando a Associação dos Bombeiros Voluntários de Santa Catarina – ABVESC, da qual seria o primeiro presidente.

As mudanças que foram implementadas a partir do histórico ano de 1992, em decorrência dos festejos do centenário, tiveram escopo modernizador, de reestruturação da entidade e sua expansão em termos físicos e operacionais para, de fato, atender às necessidades de Joinville, então, próxima de alcançar a população de 500 mil habitantes.

As primeiras providências foram no sentido de revisar o estatuto da entidade, eliminando excentricidades de tempos passados, como a proibição explícita da presença feminina. Também foram eliminadas do estatuto algumas punições a integrantes da corporação, estabelecidas há muitas décadas.

Foram dados os primeiros passos no sentido de dotar a corporação de um museu, reunindo peças, equipamentos, uniformes, documentos, fotos, manuais, bandeiras



Acervo em exposição no Museu Nacional dos Bombeiros

Acima: Sino de Ferro confeccionado exclusivamente para os Bombeiros de Joinville para soar os alarmes de incêndio. Utilizado até 1938 quando foi substituído por uma sirene elétrica.

À direita no topo: Pipa de madeira à tração animal usada para transporte de água.

À direita: Bomba Manual adquirida por catálogo, na Alemanha, em 1893.



e instrumentos antigos. O museu dos bombeiros de Joinville, sabe-se, é o primeiro do país, o que explica a denominação de “Museu Nacional dos Bombeiros”.

No ano de 1993, a corporação atendeu a um total de 318 incêndios e realizou 1.117 buscas e resgates. A corporação contava, à época, com frota de 30 veículos e tinha como sócios ativos, 1.600 pessoas físicas e 620 pessoas jurídicas.

Em 1994, como resultado de intensas atividades da diretoria no sentido de promover a expansão da corporação em direção às diferentes áreas do município, foi instalada a primeira unidade regional, a do Iriiriu. A região contava com população de cerca de 80 mil habitantes e a unidade Leste nascia, também, como reivindicação da Associação dos Moradores do Bairro Iriiriu, integrada ao espírito do voluntariado. No dia 9 de abril foi oficialmente criada a Associação dos Bombeiros Voluntários de Santa Catarina – ABVESC – iniciativa do presidente José Henrique Carneiro de Loyola, que tem como principal objetivo difundir e estimular o voluntariado nas atividades de combate ao fogo e de defesa civil nos demais municípios catarinenses. Em setembro de 1994 é promovido o lançamento do livro “Os Voluntários do Imprevisível”, comemorativo, ainda, aos 100 anos da corporação. De autoria do jornalista e historiador Apolinário Ternes, o livro foi amplamente distribuído no estado e no país, divulgando as diferentes fases vividas pela corporação em seu primeiro século de existência.

Também, no ano de 1994, surgiria o Plano Anual de Trabalho, documento que estabelece diretrizes e objetivos a serem alcançados no exercício 1994-95. Uma dessas diretrizes preconiza a integração das brigadas industriais com a corporação, ajustando o trabalho de combate ao fogo de forma integrada. As brigadas industriais que primeiro se conveniam com os bombeiros serão as da Metalúrgica Schulz e Carrocerias Nielson, duas tradicionais empresas de Joinville.

O deputado estadual Adelor Vieira propõe, na Assembleia Legislativa, emenda orçamentária elevando os subsídios do governo de Santa Catarina à corporação, para o ano de 1995, de R\$ 17 mil para R\$ 35 mil, enquanto em Joinville, seriam mantidos entendimentos com o prefeito para a elevação da dotação municipal de R\$ 4 mil para R\$ 10 mil anuais. Os bombeiros voluntários, no ano de 1994, somam 48 integrantes e os efetivos, remunerados, 67. Somado aos bombeiros das brigadas industriais, o contingente disponível na cidade para o combate ao fogo totaliza 364 pessoas. Novas unidades regionais estão sendo implantadas, atendendo aos bairros mais densamente povoados, dando continuidade ao processo de descentralização iniciado no ano de 1993.

Em 1995, como decorrência dos projetos de descentralização e expansão da corporação, seriam implantadas cinco unidades em diferentes regiões do Município, a saber: no sul, bairro do Itaum; leste, bairro Iririú; norte, no Distrito Industrial; no Boa Vista, unidade integrada à Fundação Tupy e, ainda, no bairro Floresta, junto à unidade fabril da Akros, atual Amanco. Atuam de forma coligada, as brigadas industriais da Schulz e Nielson. Naquele momento, em 1995, estão adiantados os entendimentos para a instalação da sétima unidade regional, junto às instalações fabris da Tigre, na Rua Bororós.

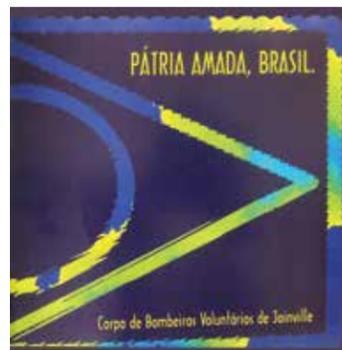
Como resultado de entendimentos com corporações do exterior, relações bastante intensificadas pelo presidente José Henrique C. de Loyola, foram enviados para cursos de aperfeiçoamento junto a Academia Nacional de Bombeiros do Chile, dois bombeiros da unidade central. Também para a Alemanha, para estágio de 90 dias, foram encaminhados outros dois bombeiros voluntários. Contatos com autoridades da França, igualmente, são intensificados, além de países da América do Sul, numa integração do movimento bomberil de Joinville com outras corporações de soldados voluntários.

No ano de 1996, como parte de campanha especial deflagrada para ampliar o quadro de sócio colaborador, através de contribuições na conta de energia elétrica, em convênio com a CELESC, é incrementado o número de doadores mensais para 35 mil contribuintes. Também, negociações com o governo do Estado, resultam na ampliação da dotação orçamentária para a instituição para R\$ 400 mil/ano.

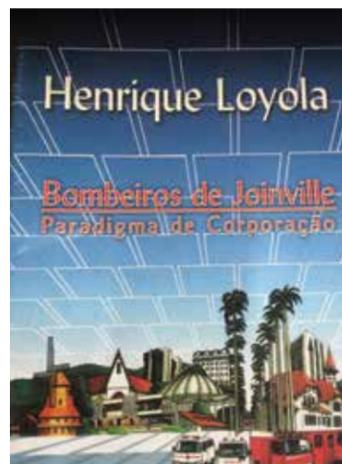
Ainda em 1996, no dia 2 de fevereiro, durante solenidade de troca de comando da unidade do Exército em Joinville, foi lançado o CD com o hino da corporação, composição do maestro Tibor Reisner e letra do maestro Luiz Fernando Melara e Ruy Randolfo Weber.

Negociações com a prefeitura são desenvolvidas para a instalação da unidade da Vila Nova, junto às instalações do Terminal de Integração naquele bairro. É lançado, como parte da campanha permanente de difusão do movimento em prol dos bombeiros voluntários, o fascículo denominado “Bombeiros de Joinville – paradigma de corporação”, com edição de 1.200 exemplares. Em julho, dia 2, foi oficialmente instalada a unidade Tigre-Bororós, dotada de caminhão auto-bomba-tanque, totalizando, agora, sete unidades regionais, mais a unidade central, à Rua Jaguaruna. Para assumir vaga no Senado da República, por um

CD com o hino da corporação, composição do maestro Tibor Reisner e letra do maestro Luiz Fernando Melara e Ruy Randolfo Weber.



Fascículo “Bombeiros de Joinville – paradigma de corporação”, com edição de 1.200 exemplares, para a campanha em prol dos Bombeiros Voluntários.



período de seis meses e posteriormente participar da campanha eleitoral no município como candidato a vice-prefeito, José Henrique C. de Loyola afasta-se da presidência da corporação, assumindo, interinamente, o vice-presidente Mário Krüger.

O ano de 1997 será marcado por grandes investimentos na renovação da frota de veículos e também na aquisição de novos barcos de alumínio. Roupas especiais, de neoprene, são adquiridas e cursos são ministrados na corporação, com intensa participação do Centro de Atividades Técnicas. Dentre as atividades anuais, a participação de representantes da corporação em congressos, cursos e estágios, no país e no exterior, se torna rotina dentro da instituição. Em 1997, foi oficialmente instalado o Museu Nacional do Bombeiro, em solenidade que contou com a presença do presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, durante os festejos de 146 anos de fundação de Joinville e do 105º de criação dos bombeiros.

Como fato marcante do ano, com a presença do ministro-chefe da Casa Militar da Presidência da República, general Alberto Mendes de Cardoso, foi ativada a oitava unidade regional, junto às instalações da Empresa Brasileira de Compressores (Embraco), no distrito de Pirabeiraba. Juntamente com a empresa Multibrás, do mesmo grupo, foram integrados como brigadistas mais 378 bombeiros, que formam as 36 brigadas das duas importantes empresas.

No relatório anual de 1997, subscreve o presidente Loyola: “o que nos motiva a continuar é a plena convicção de estarmos trilhando o caminho certo, quanto ao fomento do trabalho voluntário. É lugar-comum, em países do primeiro mundo, a existência em quase a sua totalidade, de bombeiros voluntários como na Alemanha, Japão, Itália, Portugal dentre outros. Somente com a instalação de entidades civis de bombeiros voluntários, poderemos mudar a triste estatística nacional, onde, ao redor de 95% dos 5.600 municípios, não possuem serviço direto de bombeiros. Além dos aspectos de economicidade, fomento ao civismo dentre outros, essas comunidades organizadas não ficariam apenas contemplativas frente a incêndios em hospitais, aeroportos ou patrimônios históricos”.



Inauguração oficial do Museu Nacional do Bombeiro, com a presença do então presidente da República, Fernando Henrique Cardoso.



Ação de resgate.



Felinto Koerber. Ex-Presidente dos Bombeiros Voluntários, (24/06/1998 - 19/06/2002)

Em junho de 1998, assumiria a presidência dos bombeiros, para mandato de dois anos, até junho de 2000, o empresário Felinto Koerber. Sua gestão seria marcada pelo enfrentamento direto de situação financeira crítica, decorrente do não-pagamento, pelo governo do Estado, dos repasses relativos ao ano de 1997 e, também, de parcelas de 1998. A entidade entra em regime de forte contingenciamento de recursos, com a paralisação quase total, por um período de meses, de todo e qualquer investimento. Os recursos disponíveis são integralmente aplicados nas despesas de custeio da corporação. Repete-se nova situação crítica, que, ciclicamente, se abate sobre a corporação.

Até a regularização da questão financeira, que só ocorreria em meados do ano seguinte, as atividades foram mantidas, mas investimentos em equipamentos, renovação de frota e demais gastos de manutenção, ficaram suspensas.

No ano seguinte, em 1999, será lançado o jornal mensal da corporação, “Bombeiros em Ação”, reunindo informações da entidade. Naquele ano, foram registrados 611 incêndios e a corporação realizou um total de 868 serviços extraordinários e 2944 resgates diversos, a maioria através do serviço de ambulância, em atendimento a acidentes de trânsito. Os bombeiros, então, somam 314 membros, apoiados por mais 1.200 brigadistas industriais. Nas comemorações alusivas ao 107º aniversário da instituição, em julho, no baile oficial dos bombeiros, foram homenageados com a “Ordem da Machadinha” – a mais importante da instituição – o economista Lauro Salvador, que tem se distinguido em atuação diversa em prol do movimento bomberil, o jornal A Notícia e a Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina – FIESC.

Atendimento simulado com Bombeiros Mirins.



Simulação com Bombeiros Mirins.

Com a regularização da questão financeira, ainda que por breve período, as atividades da corporação voltaram ao ritmo intenso registrado ao longo da última década do século passado. No ano 2000 seria criada a Unidade de Combate Rápido, serviço pioneiro no Brasil, formada por duplas de bombeiros que se deslocam em motocicletas, equipadas com ferramentas especiais para atendimento emergencial e rápido em acidentes de trânsito. Com equipamento especial, os atendentes chegam de forma rápida ao local do acidente, o que significa, em muitos casos, o salvamento de vidas. No ano 2000 registra-se, ainda, aumento de 65% nas ocorrências diversas atendidas pela corporação, num total de 7.376 registros de saídas para socorrer a população.

O ano foi pródigo em doações à corporação, com o recebimento de um ônibus – destinado ao deslocamento de grupos para treinamento, ou em casos de calamidade pública e emergências maiores – das empresas Transtusa e Gidion, operadoras do transporte coletivo em Joinville. A Fabril Lepper, o Laboratório Catarinense e o Bradesco doaram três motos para a Unidade de Combate Rápido, enquanto o governo do Estado liberou verba especial de R\$ 60 mil para a aquisição de mais uma ambulância; e a prefeitura municipal de Joinville outros R\$ 40 mil para a compra de equipamentos e ferramentas hidráulicas para atendimentos diversos. A central de comunicação recebeu investimentos de R\$ 30 mil, sendo dotada de equipamento que permite a visualização do local da ocorrência, o que muito ajuda no deslocamento de equipes estruturadas para o atendimento de cada sinistro. Também foram aplicados recursos na reforma da unidade central, com a instalação de nova cobertura em parte do prédio, remodelações no alojamento, refeitório e torre.

O Centro de Ensino e Instrução desenvolveu ao longo do ano 2000, 22 diferentes cursos, com cerca de 300 participantes, todos integrantes da corporação. Foram realizadas 243 palestras em todo o município sobre combate a incêndios e primeiros socorros, alcançando-se um total de 7.792 pessoas em escolas, empresas e clubes de serviço.

Em 2001, aos 109 anos de fundação, sob a presidência de Felinto Koerber, reeleito para um novo mandato de dois anos, a corporação mantém o renovado ritmo de expansão, modernização e revitalização de suas atividades, dando continuidade ao projeto que visa a implantação de 10 unidades regionais. Com recursos de R\$ 500 mil, foi criado neste ano um fundo especial para a compra de escada de longo alcance, aquisição que demanda investimento da ordem de R\$ 2 milhões. Da receita mensal da entidade, 10% serão destinados ao fundo, até que se complete o montante necessário.

Neste momento, em 2001, é criado o cargo de Presidente de Honra, sendo aclamado para o posto o ex-presidente José Henrique Carneiro de Loyola. Também nas homenagens de julho, nos tradicionais festejos de aniversário, foram homenageados com a “Ordem da Machadinha” o ex-secretário estadual da Fazenda, Antônio Carlos Vieira; o ex-secretário municipal de finanças de Joinville, Luiz Carlos Meinert; e o ex-presidente da corporação, Mário Krüger. Também homenageado o bombeiro mais antigo em atividade, Bruno Brodbeck, aos 82 anos de idade e, ainda, o comandante de honra, Arthur Zietz. A história do comandante de honra, Arthur Zietz, é uma das mais representativas da entidade, como demonstração de cidadania, ética e de amor a uma causa.



O Ex-Comandante Arthur Zietz recebe, em 2002, da Câmara Municipal de Joinville, o Título de Cidadão Benemérito.

Zietz permaneceu 63 anos na corporação, tendo ingressado no ano de 1941, aos 15 anos de idade, por orientação do pai, também bombeiro. Exerceu diferentes funções, e, no comando geral no período de 27 anos, entre os anos de 1971 a 1998, quando ascendeu ao posto de Comandante de Honra, ao lado do também ex-comandante Henry Schmalz. Athur Zietz faleceu no dia 22 de dezembro de 2003, um ano após receber homenagem da Câmara de Vereadores, com a outorga do título de “Cidadão Benemérito de Joinville”. O prefeito Marco Tebaldi decretou luto oficial no município em homenagem e em memória do valoroso bombeiro e o presidente da entidade, Ney Silva, destacou a importância do grande comandante: “sintetiza o espírito dos homens e mulheres de honra que formam os bombeiros voluntários em todo o Brasil.”

Por indicação do deputado Jaime Duarte, a Assembleia Legislativa de Santa Catarina outorgou o diploma de “Voluntário do Ano” à corporação dos bombeiros voluntários de Joinville. A gestão de Felinto Koerber encerra-se com a ativação da unidade 9, no bairro Vila Nova.

Ainda em 2002, em junho, de acordo com as disposições estatutárias, é eleita e assume nova diretoria, com os bombeiros agora sob a presidência do empresário Ney Osvaldo Silva Filho. O ano será marcado pela ativação da unidade 10, localizada no bairro Aventureiro e a cessão, por comodato, por 10 anos, pelo governo do Estado



Ney Silva Filho. Ex-Presidente do Corpo de Bombeiros de 19/06/2002 a 23/06/2004

à instituição, das instalações do antigo Centro de Saúde e Delegacia Regional de Polícia, localizadas defronte à unidade central. São mais de 800 metros quadrados de imóvel localizado no centro e que atenderá a inúmeras atividades da corporação. Nos dois pisos do prédio, serão instalados os serviços administrativos, salas de aula do Centro de Ensino e Instrução e, também no piso térreo, o Museu Nacional do Bombeiro. Aos 110 anos de existência, aquele seria o primeiro imóvel cedido pelo poder público para a ampliação das atividades dos bombeiros voluntários.

No ano de 2002 os bombeiros seriam acionados para dar combate a um total de 444 incêndios no município e realizariam 862 operações denominadas “serviços extraordinários”, atendendo aos mais diversos tipos de socorro da população. Contabilizando os bombeiros mirins, aspirantes, adultos, brigadistas e socorristas, voluntários e efetivos, além de 16 pessoas na área administrativa, a estrutura de atendimento totaliza 1.639 pessoas diretamente vinculadas à corporação.

Foram colocadas em serviço, três novas ambulâncias para atendimento pré-hospitalar e diplomados mais 67 bombeiros voluntários que concluíram o curso de cinco meses, onde são ministradas aulas sobre técnicas de combate a incêndio, noções de primeiros socorros, salvamento em altura e resgate veicular. Em São Paulo, durante o Seminário Nacional dos Bombeiros, o comandante Valmor Maliceski e o subcomandante operacional Heitor Ribeiro Filho, apresentaram palestra sobre o tema “O Bombeiro do Futuro”. Dentre os cursos ministrados em Joinville, destaque para o de salva-vidas, para 86 integrantes da corporação e, ainda, oficiais do 62º Batalhão de Infantaria, ministrado por representante da Deutsche Lebens-Rettungs Gesellschaft, da Alemanha.

Em julho de 2002, a grande festa anual de conagração dos bombeiros foi realizada no Centventos “Cau Hansen”, reunindo mais de duas mil pessoas. Na oportunidade, foram homenageados os bombeiros e colaboradores com 5, 10, 15, 25, 30, 35 e 40 anos de atividade. Nas últimas quatro categorias (25, 30, 35 e 40 anos), respectivamente, foram condecorados Osvaldo Longo Pereira, José Domingos Moreira, Edgar Seiler e Ademar Max Stuewe. Com a “Ordem da Machadinha”, foram condecorados: o ex-presidente da corporação, Felinto



À esquerda: treinamento de resgate em altura com vítima.



Abaixo: estrutura para atendimento pré-hospitalar.

Koerber, e o professor da UDESC, Antonio Felisberto Pinheiro. E, também, as instituições da Presidência da República, Governo de Santa Catarina, Prefeitura de Joinville e 62º Batalhão de Infantaria.

A 10ª unidade regional, prevista no projeto de descentralização de 1993, foi instalada no ano de 2003, no bairro Aventureiro, sendo formada integralmente por voluntários. A solenidade de início das atividades ocorreu no mesmo dia 13 de julho, data em que se comemorou os 111 anos da corporação. Neste ano, o número de pessoas vinculadas às atividades dos bombeiros soma mais de 2 mil pessoas, das quais 500 diretamente ligadas à corporação e outras 1.500 de brigadistas que atuam nas empresas do município.

Dentro dos festejos de 111 anos, em 2003, foi realizada, a 1ª Olimpíada Interna dos Bombeiros de Joinville, envolvendo mais de 500 pessoas, de 11 a 85 anos, consagrando-se campeã dos jogos a “Equipe Charlie”. Em julho, no baile oficial, foram agraciados com a “Ordem da Machadinha”, o prefeito municipal de Joinville, Marco Antônio Tebaldi, e o historiador e jornalista, Apolinário Ternes. Também as empresas de transporte coletivo da cidade, Transtusa e Gidion.

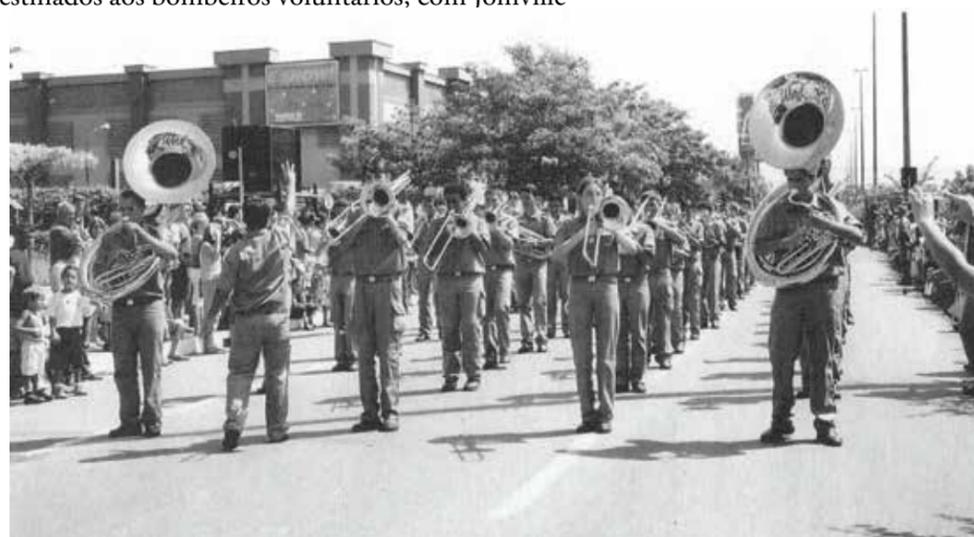
Em junho de 2004 foi eleita nova diretoria, voltando à presidência o empresário Mário Krüger, representante da Associação Empresarial de Joinville e diretor da Schulz S/A, que já ocupara o cargo, em substituição ao Dr. Loyola, no ano 2000, por um período de um ano e sete meses.

Desde 2004 voltaram a se agravar as questões de repasses financeiros da esfera do poder público à corporação, notadamente verbas oriundas do governo do Estado. Em decorrência da lei 21/2003, aprovada pela Assembleia Legislativa e sancionada pelo governador do Estado, foram substancialmente reduzidos os recursos anuais destinados aos bombeiros voluntários, com Joinville sofrendo grande perda de recursos indispensáveis à manutenção de suas atividades. Num momento de baixo crescimento da economia do país, ficou mais difícil substituir os recursos oficiais por doações de empresas e pessoas físicas. Os investimentos em equipamentos especiais, renovação da frota e qualquer tipo de expansão ficaram prejudicados, numa situação que vem se estendendo desde aquela data. Mesmo assim, as atividades do Centro de Ensino e Instrução foram mantidas, na medida em que é de fundamental importância o treinamento constante das equipes e a qualificação de novos bombeiros. Também, o Centro de Atividades Técnicas incrementou seus serviços, ampliando o atendimento de vistoria de edificações, em conformidade com a Lei Municipal de Proteção Contra Incêndios.

Dentre os destaques do ano, foram desenvolvidas negociações para a ampliação do contingente da unidade do Boa Vista, em parceria com a Indústria de Fundação Tupy, tornando possível que um maior número de brigadistas



Mário Krüger. Ex-Presidente do Corpo de Bombeiros de Joinville, de 31/05/1995 a 17/12/1997, de 24/06/2004 a 04/08/2006 e de 08/2006 a 06/2008



Desfile com a Banda dos Bombeiros.

daquela empresa passassem a atuar como voluntários, a exemplo da unidade do Aventureiro. Também em 2004, em decorrência de negociações anteriores e de doação da Receita Federal, foi constituída a banda da corporação, com 58 músicos. Idealizada ainda na gestão do ex-presidente Ney Osvaldo Silva Filho, além de reunir em confraternização integrantes da corporação, a banda atua como instrumento de marketing, dando visibilidade à instituição. O mesmo ocorre com o conjunto de harmônicas formado na mesma época. Os dois grupos musicais trouxeram alento aos dias difíceis enfrentados pela escassez de recursos. Mesmo com dificuldades de custeio, foram incorporadas ao longo do exercício duas ambulâncias, equipadas com recursos para atendimento de ocorrências envolvendo emergências médicas e traumas.

Como tradicionalmente acontece, em julho, foi devidamente comemorado mais um aniversário da instituição, oportunidade em que foram homenageados sócios remidos, que completaram 40 anos de contribuição à instituição e receberam a “Ordem da Machadinha”, por relevantes serviços prestados: o advogado Evi Varela; o procurador do Estado, Odil José Cota; o então secretário da Fazenda Estadual, Max Bornholdt; e as seguintes instituições e empresas: Palhares Advogados Associados, Henrique Meyer Corretora de Seguros Ltda., Impressora Ipiranga S/A e Companhia de Desenvolvimento e Urbanização de Joinville – Conurb.

Ao longo do ano de 2005, para enfrentar a crise financeira decorrente de entraves na liberação de recursos do governo do Estado, foi implementada campanha de apoio junto a diversos segmentos da sociedade joinvilense. Mídia, líderes empresariais, políticos foram mobilizados no sentido de mostrar à comunidade a importância do trabalho realizado pelos bombeiros voluntários, como, ainda, a economia de recursos que o sistema resulta aos cofres públicos. A corporação juntou esforços no movimento estadual liderado pela Associação dos Bombeiros Voluntários de Santa Catarina, no sentido de provar juridicamente a ilegalidade da decisão do governo em reduzir os repasses às corporações voluntárias. Ação movida pela OAB – Ordem dos Advogados do Brasil, seção de SC, permitiu preservar os convênios anteriores, como, também, o direito das corporações voluntárias atuarem sem submissão ao organismo oficial, isto é, os bombeiros militares.

Num esforço conjunto das entidades de representação civil do município, sob a liderança da Associação Empresarial (ACIJ), Ajorpeme, CDL e Acomac junto ao governador Luiz Henrique, foram regularizados os repasses do governo à corporação. No período de dificuldades financeiras, vale registrar que os repasses da prefeitura de Joinville foram liberados com pontualidade, o que representou a garantia de pleno funcionamento da corporação no período de crise.

Dentre os avanços de 2005, registre-se investimentos na implantação de novo sistema de radiocomunicação, no valor de R\$ 34 mil; aquisição de novas ferramentas hidráulicas de fabricação alemã, no valor de R\$ 15 mil; aquisição de três conjuntos autônomos respiratórios, no valor de R\$ 23 mil; e de um automóvel, no valor de R\$ 18 mil. A corporação atendeu no ano de 2005 a um total de 749 incêndios e realizou 2.548 intervenções em serviços extraordinários. No atendimento a ocorrências pré-hospitalares foram realizados 13.551 intervenções, com os bombeiros dedicando à comunidade um total de 180 mil horas de trabalho.

Dos 113 aos 125 anos de fundação, entre os anos de 2006 e 2007, os bombeiros mantiveram suas atividades, superando, a cada mês, dificuldades de ordem financeira, apesar dos inúmeros e conhecidos benefícios e vantagens que o modelo voluntário traz para a sociedade, do qual, aliás, depende integralmente.



Campanha Publicitária "Anjos da Guarda".

193

É só chamar que eles vêm voando. A corporação, além de ser o primeiro grupamento da América Latina, é reconhecida como modelo em eficiência. Uma equipe treinada e bem equipada para realizar resgate veicular, buscas, salvamentos, socorro clínico emergencial, etc. Ou seja, verdadeiros anjos da guarda cuidando de você. Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville. Sempre ao seu lado, mesmo que você não veja.



193



Há mais de 100 anos, Joinville tem seus anjos da guarda: o Corpo de Bombeiros Voluntários. A corporação, além de ser o primeiro grupamento da América Latina, é reconhecida como modelo em eficiência. Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville. O seu anjo da guarda nas horas difíceis. Em caso de emergência, ligue 193 que a gente vai voando.

Apoio: **ANotícia**
Catarinense de verdade

Sob a presidência de Mário Krüger, que completou o segundo mandato de dois anos em junho de 2008, a atual diretoria desenvolve esforços para manter a performance da instituição nos últimos anos, atuando no sentido de qualificar tecnicamente os integrantes da corporação, dotá-la de equipamentos, veículos e mecanismos de atendimento modernos e atualizados.

Ao longo de 2006 foram realizados mais de 20 mil atendimentos diversos, com o funcionamento integral e permanente durante 24 horas por dia, 365 dias por ano, da unidade central, apoiada em 10 unidades operacionais regionais e uma administrativa, o que possibilita a presença dos “soldados do imprevisível” ao local do sinistro com uma média de atendimento entre 5 e 8 minutos, como tempo-resposta padrão de acordo com a Organização das Nações Unidas para operações do gênero, e que qualifica a corporação de Joinville como uma das mais eficientes do país e de todo o continente.

Em julho, nas comemorações alusivas aos 114 anos, a entidade voltou a homenagear os bombeiros mais antigos, bem como fez a outorga de sua comenda “Ordem da Machadinha” a importantes personalidades. Foram agraciados o ex-prefeito de Joinville, empresário Baltazar Buschle; Lothar Eckhoff, criador da competição das brigadas industriais; e, ainda, a Centrais Elétricas de Santa Catarina – CELESC – que mantém, há 10 anos, convênio para a arrecadação de fundos. Dentre os homenageados da corporação, destaque para Levino Zietz, que completou 40 anos de atuação como mecânico responsável pela manutenção da frota de veículos e equipamentos.

Dentre as atividades de qualificação técnica e operacional dos bombeiros de Joinville, desenvolve-se, há 27 anos a Competição de Brigadas Industriais. A de 2006 aconteceu no dia 8 de julho, na área externa do centro de eventos Sítio Novo, com a participação de 34 equipes, envolvendo mais de mil brigadistas. A competição – denominada Combiville – Competição de Brigadas Industriais – é organizada pela Associação de Profissionais de Segurança e Saúde Ocupacional de Joinville e Região.

Abaixo: Presidente Mário Krüger recebe da Câmara Municipal homenagem pelos 115 anos do Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville.

À direita: Da esquerda para a direita, sub-comandante dos Voluntários Ademar Max Stuewe, Comandante Valmor Maliceski e o sub-comandante Operacional Heitor Ribeiro Filho.



Em junho de 2006, durante assembleia dos conselhos da instituição, quando da aclamação do nome de Mário Krüger para um novo mandato, foram anunciadas mudanças na estrutura de comando. Valmor Maliceski, então comandante operacional, passou a exercer as funções de comando institucional, com Heitor Ribeiro Filho sendo indicado para o comando operacional. Maliceski está na corporação há 20 anos, enquanto Heitor Ribeiro Filho ingressou aos 15 anos como bombeiro aspirante, em março de 1988, sendo efetivado em dezembro de 1994, como bombeiro efetivo operacional, assumiu diversas funções até chegar ao posto de subcomandante em 2002 e finalmente ao comando operacional em junho de 2006. Para ocupar as funções de subcomandante dos voluntários foi indicado Ademar Stuewe, enquanto Renato Otacílio Seiler, há 13 anos na corporação, exerce as funções de coordenador administrativo. Vale o registro ainda, em 2006, da campanha institucional “Anjos”, realizada pela RBS como apoio à corporação e veiculada nas suas emissoras de rádio e TV, e no jornal A Notícia, então incorporado ao grupo empresarial. Nova campanha, alusiva aos 125 anos, seria realizada em 2007. Nas duas ocasiões, as peças de divulgação foram produzidas pela agência PEB Planejamento e Comunicação.

Com estrutura administrativa e operacional descentralizada, a corporação funciona com áreas específicas, como o Centro de Ensino e Instrução, responsável por cursos, treinamento, palestras sobre combate a incêndios e primeiros socorros e qualificação permanente dos integrantes da corporação, em 2007 num total de mais de 500 pessoas, e o Centro de Atividades Técnicas, como avaliação de projetos, vistoria de obras e liberação de alvará de funcionamento, em convênio com a prefeitura de Joinville.

Em 2007, ao chegar ao 115º ano de instalação, a Sociedade Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville, desenvolve estudos no sentido de definir metas e objetivos para os próximos anos, criando documento capaz de servir como planejamento estratégico para a corporação para os próximos cinco anos.

Aos 100 anos, o renascimento

A longa trajetória de 125 anos dos bombeiros de Joinville obedece a diferentes ciclos. Desde o ano de 1977, quando a cidade se viu abalada por uma série de incêndios criminosos, a população percebeu que a tradicional corporação enfrentava problemas sérios em toda a sua estrutura de funcionamento. Equipamentos antigos, frota de veículos precária, condições operacionais sofríveis. Foi, então, a partir da gestão do empresário Udo Döhler, que a corporação começou a viver melhores dias, em diferentes fases de revitalização, modernização e expansão.

Com a forte presença da Associação Empresarial de Joinville – ACIJ – a entidade recebeu atenção e recursos da comunidade e foram ampliadas as verbas oficiais junto à prefeitura e ao governo do Estado. As administrações foram se sucedendo, sempre com melhorias em todos os setores da corporação.

Na gestão do empresário José Henrique Carneiro de Loyola, a instituição voltou a receber novo e significativo impulso, estabelecendo-se a rede de unidades regionais, num processo difícil, que exigiu esforços continuados ao longo de mais de 10 anos, com todas as diretorias mantendo a prioridade estabelecida no ano de 1993 no processo de instalação de unidades de apoio. Com a descentralização, os bombeiros de Joinville conseguiram estabelecer estrutura capaz de atender a

todos os cantos do município em poucos minutos, mantendo uma média de 5 a 8 minutos para o deslocamento das equipes aos locais de sinistros.

Muitas e significativas mudanças ocorreram nos últimos 15 anos, decorridos desde o centenário, em 1992. Por exemplo, foram modificados os estatutos para a admissão de mulheres, que participam, desde 1995, de quase todos os serviços prestados pela corporação. São exemplos afirmativos de participação voluntária das mulheres, que tanto dirigem veículos, quanto executam serviços de telefonia ou de Atendimento Pré-Hospitalar, integrando as equipes de primeiros socorros ou de combate a incêndios. A primeira mulher incorporada nas fileiras dos bombeiros foi Terezinha Fortes, que exercia as funções de socorrista, em 1995. Permaneceu, contudo, poucos meses na corporação. Tendo ingressado no mesmo ano de 1995 e atuando há mais de 10 anos, permanece Amazilda Maria Berger, também, da primeira turma, tendo desempenhado diferentes funções na instituição.

No plano material a evolução foi, de fato, muito significativa, enquanto no plano técnico e operacional, como a qualificação das diferentes equipes da corporação, a evolução é contínua e segue princípios e diretrizes empregados nos serviços de defesa civil, tanto no Brasil quanto do exterior.

Eficiência, modernidade e atuação modelar ao longo de 125 anos, fazem dos bombeiros de Joinville, um modelo para todo o país. Advém dessa privilegiada condição, o prestígio nacional e internacional da corporação. E, também, o tratamento respeitoso e reverencial que a cidade dá ao seu melhor ícone de cidadania e civismo. E preserva, os bombeiros voluntários, como o mais importante patrimônio de sua história.



Vereador Fabio Dalonso entrega ao Comandante de Honra dos Bombeiros Voluntários de Joinville, Henry Schmalz, o Título de Cidadão Benemérito de Joinville conferido pela Câmara Municipal.

Modernização e tecnologia - 2008 - 2017

7º capítulo

A história dos bombeiros voluntários é feita de ciclos, de saltos e avanços e de momentos de permanências e consolidações. Os ciclos se repetem em décadas, ou por comandos e diretorias. Assim tem sido ao longo de suas primeiras doze décadas e meia de existência, de 1892 a 2017.

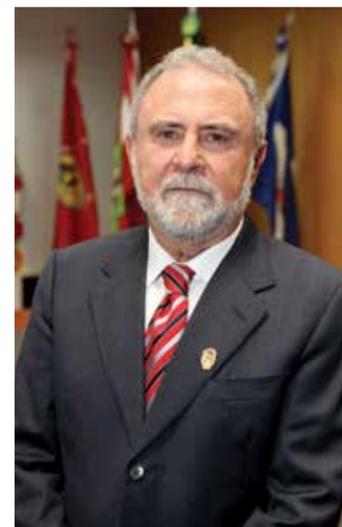
Uma história sempre cheia de momentos difíceis, de escassez de recursos, ou até mesmo de gestões pouco eficientes, não compatíveis aos desafios e necessidades daqueles momentos. Mesmo assim, mostram os fatos e a narrativa anterior, a instituição tem sabido preservar e ampliar os laços que mantém com a comunidade, da qual, além de protetora permanente, obtém o amparo, a sustentação e as forças que a alimentam desde 1892.

Trata-se de instituição identificada com os valores superiores da comunidade, ainda profundamente enraizados nos vínculos de amor à terra, espírito de solidariedade e fortes sentimentos de ordem comunitária. Os bombeiros, desde 1892, representam e simbolizam valores do espírito comunal que foram se enraizando nos fundamentos políticos, sociais e econômicos de Joinville, e hoje representam um pilar de reconhecimento ao passado e de desafio ao presente. Valores absorvidos quase sempre dos primeiros imigrantes europeus e de sucessivas levas de novos colonizadores, ainda nos séculos 19 e 20.

Na gestão anterior à iniciada em 2008, sob a liderança do empresário Moacir G. Thomazi, outro empresário, Mário Kruger, dera continuidade aos planos e projetos que vinham sendo implantados desde a chegada de José Henrique Carneiro de Loyola à presidência da corporação, no começo da década de 1980. O traço marcante das últimas três décadas dos bombeiros é justamente este, a da continuidade administrativa e dos avanços em gestão e tecnologia.

Nesta perspectiva, a gestão de oito anos de Moacir G. Thomazi e diretoria, marcam pontos de evolução e modernização da instituição que, silenciosa e permanentemente, sofreu no período processo significativo de avanços em diferentes e decisivos setores. Na continuidade do planejamento e dos propósitos delineados no final dos anos 90, as diretorias da corporação conseguiram avançar em quase todos os objetivos propostos, dando nova e consistente dimensão à secular instituição.

Em maio de 2008, em reunião reservada de membros dos conselhos e da diretoria da Associação Empresarial de Joinville, a tradicional e secular ACIJ, avaliado o nome do vice-presidente Moacir G. Thomazi seria indicado para ocupar a presidência dos bombeiros. Desde a crise de 1977, quando Joinville foi alvo de dezenas de incêndios criminosos, em ocorrências sucessivas até hoje nunca esclarecidas por completo, os empresários de Joinville, através de sua entidade de classe, decidiram adotar a manutenção e administração dos bombeiros. Então com mais de oito décadas de serviços prestados e, apesar do excelente conceito nacional, a corporação continuava padecendo de ciclos positivos e negativos. Em 1977, apesar da gravidade dos atentados e da grande perplexidade de toda a



Moacir Gervásio Thomazi.
Presidente do Corpo de
Bombeiros empossado em
23/06/2008 e reeleito com
mandato para 2016/2018.

população, os bombeiros enfrentavam período delicado, com estruturas precárias e deficitárias. Era preciso reagir. E foi o que fez a Associação Empresarial, indicando, a partir dali, os sucessivos presidentes, todos com amplos poderes para, de comum acordo com os responsáveis pelos bombeiros, vencer a crise.

Agora, e por quase meio século, a corporação é presidida por indicado pela classe empresarial. Nesta fase, sucederam-se no comando os presidentes Udo Dohler, Raul Schmidt, José Henrique Carneiro de Loyola, Felinto Koerber, Ney Silva Filho, Mário Kruger e Moacir G. Thomazi.

Thomazi presidiu a Associação Empresarial de Joinville nos anos de 1999-2001 e, desde 2008, preside os bombeiros em quatro sucessivos mandatos de dois anos, igual período exercido pelo seu antecessor, Mario Kruger. Com larga folha de serviços na área pública, tendo exercido os cargos de Secretário da Educação de Santa Catarina, no governo Esperidião Amin (1983/1986) e secretário da Educação em Joinville, no governo Luiz Gomes (1989-1992), quando igualmente presidiu a Fundação Cultural do Município, Moacir G. Thomazi foi o principal dirigente do jornal A Notícia por quase trinta anos, até sua incorporação pelo Grupo RBS, em 2006.

No curto período de apenas nove anos, entre 2008 e 2017, a presidência elegeu itens de prioridade, tendo obtido completa renovação e reestruturação da entidade, tanto em suas condições materiais e de patrimônio, quanto de melhorias e avanços tecnológicos, operacionais e administrativos.

Com seu estilo silencioso e equilibrado de gerir empreendimentos, com persistência e obstinação, Thomazi renovou a corporação em múltiplos aspectos, tornando-a mais eficiente, aparelhada e modernizada em processos de gestão e em equipamentos e frota motorizada. Agora com orçamento anual, a instituição conseguiu dar consistentes saltos de eficiência e produtividade, consolidando o modelo descentralizado de operação, com uma dezena de unidades regionais espalhadas por todo o território urbanamente ocupado de Joinville.

O processo de instalação das unidades regionais exigiu persistência e pouco mais de uma década, até que todas as unidades alcançassem o nível atual de funcionamento e operação, com equipes prontas para quaisquer tipos de operação na defesa civil nas 24 horas do dia, sete dias por semana 365 dias do ano. Resulta o modelo de minucioso planejamento do sistema municipal de segurança, com foco no combate ao fogo e em dezenas de outras possíveis intervenções dos soldados da corporação. Desde acidentes de trânsito, inundações, desmoronamentos e qualquer outro caso de calamidade pública.

Lutando com recursos financeiros sempre escassos, as últimas presidências têm mantido persistente foco na consolidação do modelo descentralizado de atendimento à população, o que gerou nova e mais eficiente estrutura à corporação, hoje reconhecida como das maiores e mais eficientes de todo o país, independente do tipo de funcionamento do sistema bomberil, se militar, privado ou voluntário.

Desde 2008, quando assumiu a presidência, Moacir G. Thomazi mobilizou os demais componentes da diretoria para a urgente necessidade de se dotar a instituição de sistema de gestão mais eficiente, capaz de permitir o controle efetivo das contas e de encaminhamento das decisões administrativas.

O empresário Ivan Hudler, que há 30 anos atua no setor de informática e gestão empresarial, foi acionado a colaborar, fazendo estudos e análises da situação em 2008/2009 e propondo soluções e aperfeiçoamentos. Foram meses de avaliações e proposições até que o processo de gestão acabasse sofrendo quase



Da esquerda para a direita, de cima para baixo:
Unidade Operacional 8 Embraco - Pirabeiraba | Unidade Operacional 5 Tupy Boa Vista
Unidade Operacional 2 Zona Industrial | Unidade Operacional 6 Pirabeiraba
Unidade Operacional 3 Gidion - Região Sul | Unidade Operacional 9 Vila Nova

integral renovação, sendo remodelado e modernizado, permitindo o atual sistema de módulos integrados de gestão e controle. A Prosyst, que opera no mercado brasileiro há trinta anos, oficializou, em 2013, a doação de software ERP Prosyst, informatizando todos os departamentos da corporação. Além de desenvolver o sistema, o empresário Hudler obteve licença da Microsoft, conferindo legalidade a todos os sistemas em uso na corporação, através de licenciamento especial concedido pela corporação norte-americana ao Terceiro Setor, organizações sem fins lucrativos.

Preliminarmente foram informatizados os serviços da área financeira como contas a receber e a pagar, controle bancário e de compras e também um sistema de controle orçamentário de gastos com dupla finalidade. De forma proativa e reativa, ou seja, a realizada antes da efetivação das aquisições, afetando principalmente a área de compras. A reativa é análise dos gastos efetuados pelo monitoramento do realizado. Em seqüência foi adotada outra ferramenta de especial importância, através da extração rápida de dados – BI- que agilizam a obtenção dos resultados financeiros e orçamentários.

Naquele momento, a contabilidade, o setor fiscal e controle do patrimônio eram realizados de forma tradicional, a partir de lançamentos manuais dos movimentos, sem integração, o que pode produzir variação entre o realizado e o contabilizado. O modelo não é mais suportável, decorrente da grande quantidade de exigência de detalhamento destes lançamentos e respectivas obrigações legais. Por conta disto, o volume de trabalho cresceu em demasia. A solução, portanto, passa por um contabilidade e fiscal integrados ao sistema ERP. No caso, integrado ao financeiro – receitas e pagamentos – compras, recebimento de materiais e movimentos de caixa e bancos. Acrescente-se que todo os softs enquadram-se no Plano de Contas Padronizado, dentro das Normas Brasileiras de Contabilidade. Da mesma forma, a instituição já está enquadrada no chamado SPED- - exigência que o governo está estendendo ao Terceiro Setor, do qual não havia cobrança de controles contábeis e fiscais, por ser isento do recolhimento de tributos. Várias instituições do Terceiro Setor do país já receberam notificação da Receita Federal para a entrega da Escrituração Contábil Digital – ECD – através do Sped.

É preciso registrar que o empresário Ivan Frederico Hudler, que integra a diretoria dos bombeiros na gestão de Moacir G. Thomazi, é bisneto do imigrante alemão Friedrich Hudler, um dos primeiros a participar de reuniões que determinaram a fundação da corporação, antes da noite de 13 de julho de 1892, quando foi oficialmente fundada a instituição. Natural de Berlim, Friedrich Hudler imigrou aos 27 anos de idade. Veio com a mulher Bertha e duas filhas menores, Agnes de apenas um ano e Gertrud, de 6. Na Colônia Dona Francisca Francisca exerceu inúmeras atividades, inclusive a de Juiz de Paz. Ficou conhecido também por suas esculturas, em madeira. Chegou a Joinville no dia 19 de setembro de 1886.



Friedrich Hudler, participou das reuniões que determinaram a fundação do Corpo de Bombeiros Voluntários. Bisavô de Ivan Frederico Hudler.

Deflagrado o processo de modernização da gestão contábil e fiscal, ainda em 2009 novos avanços seriam alcançados pela revisão de todo o processo de telemarketing, responsável por preciosas doações individuais de moradores de Joinville em suas contas de luz. A equipe da instituição que atua no setor foi integralmente treinada, com a atualização de processos e formas de relacionamento com a população, o que acabou gerando ampliação da receita, importante item na composição geral do orçamento da instituição.

Praticamente ao longo de todo o ano de 2009 dezenas de contatos foram mantidos com o governo do Estado e organizações privadas no sentido de que fossem garantidos recursos para a incorporação de plataforma elevatória, equipamento a ser adquirido no exterior e inicialmente orçado em 1 milhão e 350 mil euros. Com a moeda da Comunidade Européia cotada a R\$ 3,20, em 2017, o valor da aquisição seria de R\$. 4.455.000,00. Após minuciosos levantamentos e contatos com fornecedor na Finlândia, em dezembro daquele ano seria firmado compromisso do governo de Santa Catarina na alocação de recursos para a compra do equipamento, em solenidade que contou com a presença do então governador Luiz Henrique da Silveira. A solenidade contou com a presença de conselheiros da então Secretaria de Desenvolvimento Regional, empresários de Joinville e demais autoridades municipais. Registre-se que o político de Joinville –Luiz Henrique - sempre concedeu à corporação especial atenção ao longo de sua carreira, tanto como prefeito de Joinville quanto como deputado federal, governador em dois mandatos e ainda no Senado federal, onde cumpriu metade do mandato conquistado nas urnas no ano de 2012, até sua inesperada morte no dia 10 de maio de 2015.

O compromisso firmado em 2009 seria integralmente cumprido, com a liberação de mais de cinco milhões de reais do governo do Estado para a corporação, o que permitiu a quitação da plataforma, finalmente negociada com o fornecedor da Finlândia pelo valor de 1 milhão e 75 mil euros, tendo a corporação sido beneficiada com equipamentos adicionais como roupas de aproximação e um desencarcerador, equipamento especial usado para retirar vítimas que estejam presas a escombros ou, principalmente, a metais retorcidos em acidentes de veículos motorizados.

Com mudanças no câmbio, e o euro mais acessível em relação ao real, a corporação obteve ganho extra na liberação da verba do governo do Estado. Dele obteve a autorização para usar os recursos existentes em novos projetos em formatação e planejamento, o de um novo Centro de Treinamento, além da aquisição de equipamentos extras e mais um caminhão tanque.



Bomberos Oswaldo Kurt Baumrucker apresentando a Plataforma Bronto SKYLIFT F 54 HDL ao Governador Luiz Henrique da Silveira.



Presidente Moacir G. Thomazi e Governador Luis Henrique da Silveira quando da chegada da plataforma elevatória.

Cidade de Tamperi - Finlândia, setembro de 2010. Na sede da fabrica da Bronto, foi realizada a entrega técnica da plataforma ao Comandante dos Bombeiros, Heitor Ribeiro Filho.



Vista a partir de 54 metros de altura, ponto mais alto da plataforma Bronto Skylift F54 HDL, fabricado na Finlândia em chassi Scania .

PLATAFORMA ELEVATÓRIA

Desejada e planejada por mais de uma década, a aquisição da plataforma elevatória, cuja entrega ocorreu no dia 17 de dezembro de 2010, em solenidade que contou com autoridades municipais e estaduais, foi uma das mais importantes conquistas dos últimos anos. Não apenas porque se trata de equipamento indispensável no combate a incêndios numa cidade como a do porte de Joinville, com população superior a 500 mil habitantes e prédios de grande altura, mas porque representa um avanço no aporte tecnológico disponível pela corporação. Trata-se, aliás, da única existente no Sul do país.

Fabricada pela empresa da finlandesa Bronto Skylift, a plataforma é equipada com bomba de incêndio de grande porte, articulada e escada capaz de alcançar 54 metros de altura. Equipamentos complementares, como escadas de alumínio e plataforma para 7 pessoas. O equipamento tem peso bruto de 32 toneladas e fazem parte do conjunto adquirido na Finlândia, equipamentos de apoio, como sistema de ar comprimido respirável de 4 cilindros na base. Operando com caminhões tanque de apoio, a plataforma assegura maior eficiência em incêndios em edificações mais elevadas. A capacidade anterior de atendimento neste tipo de sinistro, permitia combate ao fogo na altura máxima de 37 metros, com escadas Magirus e Mecânica.

O custo final do equipamento elevou-se a 1 milhão e 75 mil euros, custeados por dotação especial do governo de Santa Catarina, ainda na gestão do governador Luiz Henrique da Silveira. Equipes de operadores foram treinadas na Finlândia e em Joinville, durante semanas. A plataforma elevatória está montada sobre chassi da Scania, fabricado na Suécia e único no Brasil, do modelo P-380, com alta dirigibilidade e equipamentos adicionais de manobra e condução.



Atividade de combate a incêndio realizado no Centro de treinamento Comandante Henry Schmalz.

Centro de Treinamento

Para a construção do novo Centro de Treinamento, em terreno junto ao Distrito Industrial, a diretoria conseguiu a adesão integral do Sindicato da Construção Civil de Joinville, que se responsabilizou pela obra civil, através da participação direta de seus associados, cada um doando os materiais necessários para a construção, tais como equipamentos sanitários, hidráulicos, de luz, ou mesmo de portas, janelas e demais complementos. Foi um extraordinário e exemplar processo de mobilização em torno da corporação, finalizando-se, em pouco tempo, uma das mais antigas aspirações dos bombeiros, qual seja o de instalações apropriadas para treinamento e exercícios gerais de formação e atualização permanente de procedimentos técnicos e operacionais. O início das obras civis ocorreu em julho de 2011, com a finalização dos trabalhos dois anos após. Também para a aquisição de equipamentos especiais para o Centro de Treinamento, a diretoria obteve auxílio do governo do Estado de pouco mais de R\$ 500.000,00, aplicados integralmente no projeto.

Em 2011, nas comemorações dos 119 anos de fundação, a Ordem da Machadinha, a mais importante comenda da entidade seria entregue ao prefeito municipal de Joinville, Carlito Mers, em razão de trabalhos em prol dos bombeiros. Em 2010 a mesma comenda seria concedida ao empresário joinvilense Ovandi Rosenstock, da Metalúrgica Schulz, igualmente por colaborações com a entidade ao longo das últimas décadas.

Como normalmente acontece a cada ano, a corporação renova equipamentos e apetrechos, como ainda atualiza sempre que possível a frota motorizada. Em 2011, por exemplo, foram incorporados novos veículos como uma ambulância, uma camionete da Mitsubishi, com tração nas quatro rodas, a diesel, e ainda um novo automóvel. O volume da receita totalizou R\$ 4,9 milhões e as despesas totalizaram R\$ 4,7 milhões, com parte do dinheiro aplicados nas despesas gerais, inclusive de folha de pagamento de funcionários da corporação.

O ano de 2012 seria marcado pela ampla discussão a respeito da Proposta de Emenda Constitucional em tramitação na Assembléia Legislativa de Santa Catarina, conferindo restrições ao funcionamento das corporações voluntárias dos bombeiros. De autoria do deputado Titon e com a relatoria do deputado sargento Soares, a emenda pretende restringir a ação dos voluntários na fiscalização de imóveis e autorizações de funcionamento a novas e antigas edificações, sob a justificativa de que se trata de ação restrita a corporações de bombeiros militares.

O debate tem mobilizado a opinião pública e exigido grandes esforços das instituições de caráter voluntário, no sentido de pacificar a questão e garantir espaços a todas as corporações, independentemente de suas respectivas identificações de funcionamento. Assim mesmo, apesar de constante e ininterrupto diálogo, a questão acabou transferida para análise e julgamento do Supremo Tribunal Federal, depois de posicionamento parcialmente favorável dos deputados catarinenses.

A corporação promoveu a venda, em meados de 2012, de terreno de sua propriedade localizado à Rua Florianópolis, na zona sul da cidade, e que se mantinha há anos com problemas de manutenção e de preservação. Em decorrência, foram transferidos para o caixa da corporação um total de R\$ 1.540.000,00, os quais seriam destinados a investimentos gerais, notadamente em aplicações voltadas às instalações do Centro de Treinamento, ainda em construção naquele ano.

Ainda em 2012, nas comemorações dos 120 anos de criação dos bombeiros, foi veiculado nas emissoras locais e regionais de televisão um novo vídeo sobre a corporação, mostrando as diferentes formas de atendimento à população dos

‘Soldados do Imprevisível’, como qualificado no título da obra que retrata a instituição, cuja primeira edição ocorreu no ano de 1994. Da mesma forma, encarte especial sobre os 120 anos da entidade circulou com edição do jornal Notícias do Dia. Por iniciativa do deputado Nilson Gonçalves, a corporação recebeu recursos da ordem de R\$ 200.000,00 para a aquisição de duas ambulâncias e equipamentos suplementares. Também como resultado da presença dos bombeiros na promoção Criança Esperança, da Rede Globo, foram obtidos mais R\$ 160.000,00.

Desde setembro de 2012 já se mobilizavam recursos e ações destinados à nova sede da unidade central e ampla reforma da unidade que abriga o Museu Nacional do Bombeiro. O tema tem sido freqüente nas reuniões semanais da diretoria, com a discussão das possibilidades de uso do espaço ocupado pela garagem, com a edificação em dois pavimentos e possível área construída com mais de dois mil metros quadrados.

O ano de 2013 seria essencialmente marcado pela finalização das obras do Centro de Treinamento, junto a unidade do Distrito Industrial, a compra de equipamentos e o funcionamento do novo local como unidade básica das ações de treinamento, instrução e formação de bombeiros. Com instalações construídas sob a responsabilidade do Sindicato da Indústria da Construção Civil, o CT é dotado de instalações adequadas como salas de aula, banheiros masculino e feminino, salas de apoio, almoxarifado, área administrativa, campo de instrução, torres para escaladas, tanques de água e gás, além de banheiras especiais para a produção de chamas.

Equipamentos para as diferentes ações de treinamento, desde roupas de aproximação, mangueiras, escadas, botes, machados e demais utensílios estão à disposição dos soldados não apenas dos bombeiros voluntários e profissionais, mas das brigadas existentes nas indústrias de Joinville, que tradicionalmente recebem treinamento dos técnicos da corporação.

Por decisão da diretoria, o Centro de Treinamento recebeu o nome de ‘Comandante Henry Schmalz’, o mais antigo soldado da corporação, com mais de meio século de serviços prestados aos bombeiros, inclusive na condição de comandante geral da corporação no período de agosto de 1962 a agosto de 1971. Henry Schmalz esteve presente na festa da inauguração do centro. Registre-se, ainda, que a construção do CT obteve dos presidentes do Sindicato da Indústria da Construção Civil total apoio e permanentes atenções, em especial na gestão dos empresários Luiz Carlos Presente e Marco Antonio Corsini. A inauguração, com a presença de autoridades, inclusive do governador Raimundo Colombo, ocorreu no dia 12 de julho de 2013, véspera da passagem do dia comemorativo aos 121 anos de fundação. Na mesma data, nos festejos comemorativos, seria entregue a Ordem da Machadinha ao governador Raimundo Colombo, em agradecimento ao apoio daquela autoridade às atividades da instituição.

No mês de abril o programa Fantástico, da Rede Globo, exibiu reportagem sobre as condições brasileiras na área da defesa civil, com enfoque especial do setor de combate ao fogo, mostrando, então, as atividades exemplares da corporação criada há mais de um século em Joinville, que obteve excelente repercussão



Bombeiros no Centro de Treinamento Henry Schmalz.



Outorga da Ordem da Machadinha em 2014 ao SINDUSCOM. Da esquerda para a direita: João J. Martinelli, Pres. da ACIJ, Vanderlei Buffon, Pres.do SINDUSCOM, Marco A. Corsini, Francisco M. Jáuregui (Dir. do SINDUSCOM) Moacir G. Thomazi, Presidente do Corpo de Bombeiros e Pref. Udo Dohler.

Em 13 de julho de 2003, foi instalada junto à garagem da secretaria regional do Aventureiro a Unidade de número 10. Em 2013, esta unidade ganhou uma nova sede que leva o nome de seu idealizador Cmdt. Ademar Max Stuewe.

nacional. Como resultado de gestões desenvolvidas pela diretoria, em novembro seria apresentado o projeto preliminar da nova sede na unidade central, idealizado e desenvolvido pelo Studio Delai de Arquitetura, de Joinville.

Como agradecimento à colaboração do Sindicato da Indústria da Construção Civil de Joinville, responsável pela edificação do Centro de Treinamento e da unidade no Distrito Industrial, a Ordem da Machadinha seria concedida em 2014 àquela entidade. Sua contribuição expressiva à expansão e consolidação da corporação dos bombeiros voluntários obteve unanimidade de votos na reunião em que se decidiu pela homenagem do ano ao Sinduscon.

Unidade do Aventureiro

Funcionando há vários anos em instalações provisórias, junto à sede da sub-prefeitura regional Leste, no bairro Aventureiro, a unidade dos bombeiros estava ameaçada de desativar suas atividades pela precariedade e espaço exíguo de suas instalações.

Para equacionar o impasse, a diretoria decidiu encontrar solução mais satisfatória, criando o projeto de novas instalações, em novo terreno, junto ao complexo social implantado pelo governo federal no mesmo bairro. Assim, com a adesão plena do Pároco Ivam Macieski, atual ecônomo da Mitra Diocesana de Joinville, foram deflagradas ações e adotadas medidas e soluções comunitárias que, rapidamente, deram encaminhamento positivo à questão. Nova sede seria



construída, com espaços mais adequados e a comunidade, através da paróquia do Aventureiro participaria direta e financeiramente no empreendimento, permitindo que a unidade dos bombeiros mantivesse suas atividades no bairro, como tivesse suas ações de proteção e segurança ampliadas.

Nizan Guanaes

Uma visita de grande repercussão, que gerou artigo no jornal Folha de São Paulo, foi a do publicitário Nizan Guanaes às instalações dos bombeiros em Joinville, no início de 2014. Reconhecido como um dos líderes do mundo empresarial da comunicação e da publicidade no Brasil, Nizan Guanaes se apaixonou pelo modelo de corporação que viu em Joinville, confessando-se emocionado pelo exemplo de doação comunitária, o publicitário observou que referido modelo devia ser copiado pelas demais cidades brasileiras.

O ano teve como registro especial a escolha de Moacir G. Thomazi para a presidência da Associação dos Bombeiros Voluntários de Santa Catarina – ABVESC – recaindo a vice-presidência ao representante de Jaraguá do Sul, a tesouraria ao representante da cidade de Caçador e a secretaria ao de Ascurra. Dentro das mudanças com a transferência da sede da ABVESC para Joinville, em razão da nova presidência, também se registraram mudanças no comando técnico dos bombeiros de Joinville. O comandante Heitor Ribeiro Filho foi designado executivo da Associação, tendo o cargo de comandante operacional sido transferido ao subcomandante, Jaekel Antonio de Souza.

Modernizações no CAT

Seria colocado em operação no mesmo ano de 2014, o novo sistema do Centro de Atividades Técnicas, agora de forma digitalizada, o que oferece mais garantia de segurança, maior agilidade e ganho de tempo no processamento dos pedidos de fiscalização e autorização de funcionamento de imóveis. O novo CAT representa avanço e modernização nos processos de vistoria técnica e de arquivo digitalizado de plantas e estudos de toda e qualquer edificação no Município.

Com significativas melhorias e avanços em diferentes áreas da corporação, tanto no aspecto físico e material, quanto na constante atualização de programas, processos e procedimentos de ordem técnica, administrativa e burocrática, a entidade materializa e consolida nos dois últimos anos que antecede a chegada dos 125 anos de fundação, ritmo bastante acelerado de transformações.

Ao longo dos anos de 2015 e 2016, estas transformações evoluíram no sentido de melhorar significativamente os perfis de atuação, com a redução do tempo de chegada aos locais dos sinistros, como de ação dos soldados da corporação nos mais diversificados tipos de atendimento. Além do pleno funcionamento das nove unidades regionais, entrou em operação nova unidade no Aeroporto Lauro Carneiro de Loyola, onde atua exclusivamente no serviço de prevenção, resgate, salvamento e combate a incêndios em aeronaves e todo o sítio aeroportuário. Trata-se de acordo com a Infraero, administradora do aeroporto, que dimensiona o nível técnico da corporação, na medida em que os níveis de segurança e eficiência com que operam os serviços aeroportuários do país se encontram entre o mais exigentes em todo o sistema internacional.

O espírito de Joinville

Não paro. Não podemos parar.

Estou sempre viajando pelo mundo e pelo Brasil, de olho em novidades. Não dá para ficar só “googlando” a vida. É preciso ver a vida. “Os olhos precisam viajar”, dizia Diane Vreeland, a grande fashionista americana.

Desta vez, estava no Sul do Brasil. Indo lançar uma agência em Santa Catarina, eu encontrei esta pérola: o Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville.

Cidade colonizada por alemães, apesar do nome francês, Joinville tem 550 mil habitantes, é a maior cidade de Santa Catarina, está na 21ª posição no Índice de Desenvolvimento Humano (o IDH da ONU) entre as cidades brasileiras, abriga algumas das indústrias mais importantes e maduras do nosso país, possui uma escola de dança do teatro Bolshoi, mas tem entre seus maiores orgulhos um Corpo de Bombeiros Voluntários.

Estabelecido no século 19, de inspiração europeia, o Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville é sustentado hoje por milhares de cidadãos que fazem doações todo mês, via conta de luz ou outras formas novas de pagamento.

O corpo voluntário nasceu de iniciativa de empresários da cidade, que reservam até hoje um dia de seu atarefado mês para dar plantão como bombeiro em turnos de 18 horas.

Os custos da operação voluntária são muito menores do que os da estrutura estatal-militar e sua eficiência é comprovada por séculos de existência e bons serviços, apesar do lobby contrário.

O número de Corpos de Bombeiros oficiais no Brasil é pequeno. São poucas as cidades cobertas pelo sistema estatal. O voluntariado e o terceiro setor são caminhos necessários para resolver nossas carências, esta inclusive, de forma rápida e a custo baixo. O Estado se move devagar -a sociedade civil 2.0 quer acelerar o passo.

Esse espírito cidadão, empreendedor e eficiente mobiliza empresários, trabalhadores, donas de casa, professores etc. Dezenas de cidades já se inspiraram no modelo do Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville. Um modelo que é muito disseminado pelo

mundo, especialmente nos Estados Unidos e em países da Europa.

Esse espírito, que às vezes parece tão distante da nossa realidade, redobra minha crença neste país e neste mundo a despeito das coisas horríveis que o mundo e este país podem produzir neste ou naquele momento.

É difícil compreender por que governantes de Santa Catarina querem insistentemente acabar com os Corpos de Bombeiros voluntários e substituí-los por Corpos de Bombeiros profissionais.

Isso apesar de comparações de custo mostrarem que os do modelo voluntário conseguem ser muito menores do que o do oficial.

Mais de 2.700 pessoas hoje são voluntárias nas várias corporações desse tipo que se espalharam pelo Estado e pela região. Elas têm treinamento especializado e executam serviços de combate a incêndios, busca e salvamento, prestação de socorros em emergências, desabamentos, inundações, catástrofes, calamidades públicas.

Tenho certeza de que, como Joinville, muitas comunidades e cidades brasileiras se orgulham de iniciativas eficazes e viáveis para resolver seus problemas e destravar seu potencial. Não é possível ficarmos presos a interesses cartoriais num mundo que é ultracompetitivo, mas também cheio de soluções.

O Brasil é muito grande, muito maior que seus problemas. Existe vida rica e intensa fora de São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília, que às vezes monopolizam demais as discussões e os rumos do país.

O saber e o fazer estão se espalhando. As cidades médias têm tanto a contribuir quanto as nossas grandes metrópoles. Um país cheio de carências só pode ser rico em soluções.

Vamos descobrir as novidades centenárias e as novidades da última hora. Deus não pensou pequeno quando fez o Brasil.

Depois de dois dias de palestras e inaugurações em Joinville, saio gripado e exausto, mas animado e revitalizado por esse espírito cidadão de tocar a vida em comunidade.

Generosidades nesses tempos que às vezes nos parecem ser tão pouco generosos.

Nizan Guanaes

A plataforma elevatória adquirida na Finlândia continua operando normalmente, e não apenas em Joinville, mas tem sido deslocada para demonstração de seus equipamentos e serviços em eventos vinculados a outras entidades de combate ao fogo no Sul do país.

Em 2015, a intervenção no combate ao fogo sinalizou a média de 1,8 atendimentos de incêndio ao dia, tanto em edificações (376), fogo em vegetação e entulhos (115), meios de transporte (114), vazamento de gás (99), captura de animais (514), eventos naturais (115), como enchentes, alagamentos, vendavais, corte de árvores, e operações de busca e salvamento (76).

Nas chamadas intervenções pré-hospitalares, a atuação da corporação atendeu a 4.327 casos entre acidentes de trânsito, outros acidentes e emergências médicas. Apenas no ano de 2015. Neste mesmo ano, no dia primeiro de abril, seria nomeado como novo executivo da diretoria, o economista Matheus Andreis Cadorin, que atua na coordenação e execução das atividades administrativas da corporação.

Ao longo de 2016 as estatísticas de atendimento à população sofreram modificações, mantendo-se, contudo, o mesmo volume de operações em todas as áreas de atendimento. Foram, em 2016, cerca de 130 mil horas de serviços gratuitos prestados à população.

A corporação conta com a presença de 450 bombeiros atuando permanentemente entre efetivos e voluntários, que todos os dias dedicam a vida a salvar outras vidas, patrimônio e o meio ambiente. Com a participação de bombeiros mirins, bandas e brigadistas das empresas industriais da cidade, o contingente alcança 1.750 pessoas em Joinville.

Anexo à unidade operacional da região Norte, o Centro de Treinamento desenvolveu atividades de treinamento que alcançaram 2.100 alunos formados, inclusive de alunos de 67 entidades da indústria, do comércio e vinculadas a instituições de ensino da cidade.

No tocante a atividades técnicas como vistorias, inspeções, foram avaliados mais de 10 milhões de metros quadrados, serviço sempre prestado de forma gratuita, com prazo médio de resposta de apenas 72 horas.

Filantropia

Outra grande conquista de 2016 foi a obtenção do Certificado de Entidade Beneficente de Saúde, processo em análise desde o ano de 2009. Através de reuniões técnicas em Joinville e Brasília, fez-se a mudança de ministério, da Assistência Social para a Saúde, com a auditoria comprovando os índices de serviços gratuitos exigidos para a manutenção da filantropia, importante enquadramento que autoriza ganhos na área tributária e administrativa em geral. A Martinelli Auditores, de Joinville, teve especial participação, desenvolvendo estudos e serviços técnicos que permitiram a rápida mudança de ministérios. De forma voluntária e gratuita o empresário Nereu Martinelli não poupou esforços no sentido de viabilizar a obtenção do certificado para a corporação, colocando técnicos e experiência de anos de atuação no setor.

MIRINS

Desde o ano de 1984, desenvolve-se o chamado projeto bombeiros mirins, reunindo jovens de 10 a 17 anos de idade. Trata-se de iniciativa que tem merecido especial atenção das diferentes diretorias, alcançando sempre excelente receptividade junto à comunidade, com centenas de jovens à espera de oportunidade de inclusão.

Centenas de jovens cumpriram importantes etapas no programa, que se subdividem em quatro diferentes categorias: mirim-1, até 10 anos de idade; mirim-2, de 11 a 13 anos; mirim-3, 13 anos e aspirantes, acima de 15 anos de idade. O programa chegou a atingir até 300 jovens e nos últimos anos mantém a média de pouco mais de 200 inscritos a cada ano.

Recepcionando com prioridade, jovens oriundos de famílias de baixa renda, ou jovens em situação de vulnerabilidade, o bombeiro mirim é constituído por jovens indicados muitas vezes pelo Centro de Referência em Assistência Social, cumprindo uma de suas principais metas que é o encaminhamento de jovens em situação de risco, dando-lhes oportunidade de educação, treinamento e qualificação profissional.

Segundo o professor Brasilino Catarino, responsável pelo grupo desde 2013, o programa do bombeiro mirim inclui aulas de formação de bombeiro, de música e arte e mesmo de informática, ampliando os horizontes ou o encaminhamento de eventual potencial nas artes em geral. Aulas de violão e flauta ocorrem normalmente, assim como de computação, além de atividades operacionais adequadas a cada faixa etária. No decorrer de seis anos ou mais, o bombeiro mirim recebe instruções semanais ou quinzenais, sempre na unidade central da corporação. Quando de atividade operacional, no Centro de Treinamento, para onde são deslocados pela corporação.

Com aulas em grupos aos sábados, ou manhãs e tardes alternadas, os jovens recebem orientação educacional suplementar e desenvolvem atividades de voluntariado, inclusive em apresentações artísticas em grupos em diferentes locais e oportunidades. Com uniforme próprio, regulamento e grade curricular de formação, em dezenas de casos os jovens bombeiros acabam integrando os contingentes regulares de bombeiros, ampliando a formação após os 18 anos e sendo integrados à corporação em razão de interesse, dedicação e habilidades operacionais. O ex-comandante geral dos bombeiros de Joinville, Heitor Ribeiro, é um

exemplo de bombeiro mirim que escalou os diferentes postos de comando na entidade, com quase duas décadas de anos dedicados à corporação.

Com 32 anos de existência, o bombeiro mirim já mereceu a atenção da mídia regional e nacional, tendo sido matéria em importantes órgãos da imprensa e de redes de televisão do país. As vagas oferecidas anualmente são disputadas, existindo permanente lista de espera, evidência que o projeto deu certo e é instrumento importante de formação e estímulo de vocações para o exercício do voluntariado nas corporações de todo o país.

Juramento à Bandeira dos Bombeiros Mirins, em 1988.



Bombeiros Mirins

A nova sede

O projeto maior da diretoria nos últimos anos, seria o de proporcionar uma nova sede à unidade central, tradicionalmente localizada na Rua Jaguaruna desde o início da década de 1950. Esforços vinham sendo canalizados para a grande conquista desde a posse de Moacir G. Thomazi na presidência dos bombeiros no ano de 2008. Com dezenas de reuniões e debates, fez-se o consenso em torno do aproveitamento do espaço destinado às garagens da frota de veículos da unidade central, ocupando-se integralmente o terreno e instalando um segundo piso, com a construção de área útil superior a dois mil metros quadrados.

Studio Delai - Arquitetura, tradicional e respeitado escritório do setor, com atuação de décadas na cidade, de forma voluntária incorporou-se ao processo, desenvolvendo estudos para a melhor ocupação do terreno e sobre a melhor adequação dos espaços às necessidades da corporação. Com o entusiasmo e a energia de Nilson Delai e dos filhos Diogo e Rodrigo, responsáveis pela continuidade da empresa de arquitetura, o projeto final de arquitetura foi desenvolvido em curto espaço de tempo. Feitos os estudos e obtidos os números finais de custo, a operação seguinte foi a de viabilidade econômico-financeira do projeto.

Os recursos viriam de ganhos próprios na gestão da corporação, auxílios especiais do poder público e da participação de entidades privadas, cedendo materiais em todas as etapas da obra. Orçada inicialmente a um custo de R\$ 3.600.000,00, e feita uma reserva financeira preliminar, Moacir G. Thomazi deflagrou o processo de realização da obra, que, iniciada em agosto de 2016, seria entregue oficialmente no dia 30 de março de 2017.

Moacir G. Thomazi não teve dificuldades, logo nas primeiras conversas em torno da construção da nova sede, em obter a adesão de empresas e voluntários, destacando-se o acordo obtido junto à direção da Perville, de Joinville, na co-participação na obra, optando por cobrar apenas os custos básicos, ou seja, a preço de custo, tendo em vista o caráter filantrópico da corporação. Assim, o custo inicial se reduziria de R\$ 3, 6 milhões para cerca de R\$ 2,5 milhões. A Perville foi criada para a instalação do parque industrial Perini, na zona Norte da cidade, especializada em pré-moldados industriais, tendo já construído dezenas de plantas em Santa Catarina, dentre os quais o da BMW, em Araquari, também em tempo recorde. Conhecedor da história e da tradição dos bombeiros, o empresário Marcelo Hack, não hesitou em aderir plena e ao projeto, executando a obra dentro do prazo estabelecido, com qualidade e empenho total para que todas as formalidades fossem integralmente cumpridas.

A nova sede possui área construída de 2.506 metros, em dois pisos. No térreo estão localizadas as garagens para a frota que opera a partir da unidade central, bem como salas especiais para a esterilização de equipamentos, expurgo de materiais, equipamentos mecânicos, almoxarifado, vestiários e reservatório de água com capacidade de armazenagem de 100 mil litros.

No piso superior localizam-se as demais dependências administrativas, operacionais e de apoio, tais como 6 salas de aula, auditório para 100 pessoas,

EMPRESAS QUE COLABORARAM PARA A CONSTRUÇÃO DA NOVA SEDE

Adobe Engenharia
Alexandra Mellies Paisagismo
Bermo
Bortolini Móveis
Carmelino Giacomelli
Cartório Gaia
Cerel
Consul
Copapel
Delai Studio
Docol
Extinville
Franklin Eletric
Geoforma
Guilherme Gaya
Governo do Estado de SC
Hartbau
Luzville
Marajó
Max Art
Medeiros
Multiseg
Perondi Engenharia
Perville
Prefeitura de Joinville
Renate Brietzig (Pessoa Física)
Refrigeração Manchester
Rudnick Terraplanagem
Schneider
Sictell
Tigre
Tintomax
TMS Eng. de Climatização
Tuper
Tupy
Vector
Vidraçaria XV
WEG
Whirlpool



Acima: Nova sede central do Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville.

À esquerda: Marcelo Hack, da Perville, entregando as chaves do novo prédio para o presidente Moacir G. Thomazi.



Inauguração do Centro de Treinamento em 12 de julho de 2013. Da esquerda para a direita: Marco Antonio Corsini (SINDUSCOM), Mario Kruger, ex-Presidente dos Bombeiros Voluntários de Joinville, Henry Schmalz, Comandante de Honra dos Bombeiros, Gov. Raimundo Colombo, Pref. Udo Dohler, Moacir G. Thomazi, Presidente do Corpo de Bombeiros Voluntários.



Moacir G. Thomazi, Presidente do Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville, no evento em honra aos 122 anos dos Bombeiros Voluntários de Joinville em 12 de julho de 2014.



Heitor Ribeiro Filho
Ex-comandante: 27/06/2006 a
02/02/2015



Jaekel Antonio Souza
Comandante atual

salas de reunião, 3 salas para a administração, banheiros masculinos e femininos, dormitórios e vestiários – masculino e feminino – sala de informática, telemarketing, salas para exercícios e ensaios de bandas, sala de professores, sala de instrumentos musicais, sala para equipamentos eletrônicos e sala para acolher escritórios da Associação de Bombeiros Voluntários de Santa Catarina – Abvesc.

O custo final da nova sede, além da negociação com a Perville, foi ainda mais reduzido com a colaboração e participação de inúmeras empresas estabelecidas na cidade. Sensibilizados pela diretoria e em razão do prestígio e dos serviços prestados ao longo de 125 anos à comunidade, sempre de forma gratuita e voluntária, sem um único registro de incorreção ou desvio, os empresários de Joinville atenderam aos apelos e deram igualmente nova contribuição aos bombeiros.

Assim, tubos e conexões foram entregues sem custos para a entidade pela joinvilense Tigre; tubos de ferro pela Tupy; metais sanitários pela Docol, aparelhos de ar condicionado pela Whirpool; motos bombas pela Franklin Electric; tubos de ferro pela Tuper, de São Bento; transformador, pela WEG, de Jaraguá do Sul; quadro elétricos pela Luzville.

A destacar, ainda, os serviços complementares da Adobe Engenharia, de Joinville, através do engenheiro Francisco Maurício Jauregi, responsável pelo gerenciamento da obra e pelos projetos de engenharia, de segurança e de impacto de vizinhança.

Com investimentos da ordem de R\$ 2,5 milhões, obtidos de receitas próprias, de verbas extras do governo do Estado e de empresas privadas, a corporação pôde alcançar uma das metas mais ambiciosas dos últimos anos, a de construir nova sede própria. As dependências inauguradas em 1952, sob a presidência do empresário Walter Meyer, agora serão ocupadas pelo Museu Nacional dos Bombeiros, criado em 1997 e inaugurado pelo então presidente Fernando Henrique Cardoso, na administração do empresário José Henrique Carneiro de Loyola.

A meta agora e complementar o mobiliário de todas as dependências e instalar os serviços gerais de administração na nova sede, bem como redimensionar e atualizar por completo o Museu Nacional dos Bombeiros, que passará a ocupar todas as dependências da sede antiga, onde registra a visitação anual de quase três mil pessoas, vindas de Joinville e de todas as partes de Santa Catarina e do Brasil.

Aos 125 anos, os bombeiros de Joinville constituem-se numa das mais respeitadas e prestigiadas instituições do gênero no país e na América Latina. Opera na sede central e em oito unidades espalhadas pela cidade, nas regiões Norte/Noroeste; Sul/Sudeste; Leste; Sul/Sudoeste; Norte/Nordeste; Oeste, na central de emergência na Rua Aquidaban e, ainda, no Aeroporto Lauro Carneiro de Loyola.

A frota de 39 veículos, dispõe de motos e veículos de apoio administrativo, carros de combate a incêndio modelo bomba tanque, caminhões tanques, ambulâncias, escadas Magirus e uma plataforma elevatória com alcance de 54 metros de altura, a única da região Sul do Brasil.

Desde o dia 13 de julho de 1892 os bombeiros voluntários de Joinville já atenderam a milhares de incêndios e sinistros de diferentes natureza e proporções, exercendo papel de importância na área da segurança pública na cidade e região. Contando com permanente apoio da população, jamais foi vítima de qualquer desvio operacional ou administrativo, constituindo-se em instituição exemplar, com atuação constante na proteção da população, bem como na formação de inúmeras gerações de jovens aprendizes e de profissionais de alto gabarito no desempenho das funções de combate ao fogo e de salvamento de pessoas e do patrimônio público. De fato, um orgulho para Joinville, para Santa Catarina e para o Brasil.



Vista do Museu Nacional dos Bombeiros Voluntários criado em 1992 por ocasião do Primeiro Centenário da Corporação.



Bomba Manual. Primeiro equipamento adquirido pelos Bombeiros Voluntários em 1893, vinda da Alemanha.

MUSEU

Criado e instalado em 1997 e inaugurado pelo presidente Fernando Henrique Cardoso, o Museu Nacional dos Bombeiros Voluntários é o marco das comemorações de um século de fundação da entidade.

Reúne e expõe rico acervo que registra a história e a evolução técnica e tecnológica da corporação, desde baldes de lona, usados no século 19 para combate a incêndios na cidade, então com população inferior a 20 mil habitantes, até veículos e bombas mais recentes. O museu, instalado no piso térreo da sede inaugurada em 1952, deverá ocupar novas áreas na mesma edificação, ampliando o acervo e atualizando mecanismos de exibição e de interação com os visitantes.

Trata-se de um dos poucos museus do gênero no Brasil e na América Latina, despertando a curiosidade de milhares de pessoas. Além de equipamentos, veículos e apetrechos em geral, o acervo reúne ainda fotografias de operações e desfiles ao longo das décadas, uniformes, sedes, bandeiras e curiosidades em geral, como instrumentos musicais, escadas, mangueiras e símbolos da corporação. A média anual

de visitantes é de 3 mil pessoas. Com mais espaço, obtido com a transferência de outras atividades para a nova sede, o museu será integralmente redimensionado e modernizado, seguindo as novas e mais avançadas diretrizes museológicas de interação com o público.



Plataforma elevatória no pátio dos Bombeiros Voluntários de Joinville sendo acoplada ao caminhão tanque.



A frota de 39 veículos dispõe de motos e veículos de apoio administrativo, carros de combate a incêndio modelo auto bomba tanque, caminhões tanques, ambulâncias e duas escadas mecânicas: uma magirus e uma plataforma elevatória com alcance de 54 metros de altura - a única na região Sul do Brasil.

BANDAS

A existência de bandas musicais nos bombeiros remonta ao século 19, início do século 20. Naqueles tempos, a existência de bandas nas instituições municipais funcionava não apenas como mecanismo de agregação e solidariedade, mas como símbolo de identidade comunitária e de força de segurança.

Os bombeiros ocuparam preciosos espaços no imaginário da população como instrumento de segurança e defesa civil através das bandas. Com uniformes especiais e destaque em todos os desfiles cívicos, nas datas essenciais de aniversário da cidade, em março e de 7 de setembro, as bandas contribuíram ainda para o acolhimento de dezenas de músicos, que se incorporaram à instituição através das diferentes bandas que existiram ao longo das primeiras cinco décadas do século passado.

A música e as bandas, avalia a dissertação de Mestrado do maestro Voldis Eleazar Sprogis (Udesc, 2015), atual responsável pelas bandas dos bombeiros, conheceram breve renascimento no período de 1967/1974, com a reativação dos ensaios e renovação dos músicos. Em decorrência do regime militar instalado em 1964, as bandas foram revigoradas país afora, o mesmo acontecendo em Joinville, tantos na corporação dos bombeiros quanto nos quartéis do exército e da polícia militar.

Atualmente, nas comemorações dos 125 anos da corporação, o núcleo musical sob a batuta de Voldis Sprogis reúne mais de 200 pessoas, agregadas num pólo de produção musical montado sob diferentes opções instrumentais. Professor de violino e viola na Casa da Cultura há mais de duas décadas, o maestro Sprogis conduz núcleos de jovens músicos que se dividem em operadores de instrumentos musicais como trompetes, trombones, trompa, tuba, fagotes, oboés e clarinetes. Conforme o desenvolvimento musical, os jovens dividem-se em mirins 1, 2 e 3. Duas bandas existem funcionalmente, reunindo músicos que ensaiam quase semanalmente, sob a orientação técnica de 10 instrutores. Trata-se de importante trabalho social, que tem obtido apoio da comunidade e apoio financeiro de empresas e do Instituto Carlos Roberto Hansen. Dezenas de instrumentos musicais dos bombeiros atualmente em uso, foram cedidos pela Sociedade Harmonia Lyra, obtidos por doação do Banco do Brasil na década de 1980, e que descontinuou suas atividades nos últimos anos.

As bandas participam ativamente de atividades sociais e efemérides, realizando cerca de 60 apresentações ao ano, em clubes, escolas, desfiles e eventos comemorativos, além das festividades tradicionais da corporação.



Na página anterior:

- Banda no início do século 19.
- Banda do CBVJ em apresentação na Sociedade Harmonia Lyra.
- Apresentação da Banda Sinfônica dos Bombeiros Voluntários em shopping da cidade.
- Apresentação banda na inauguração do novo Mirante de Joinville.



Comemorações dos 122 anos. Senador Paulo Bauer, Capitão Vila Verde do 62º Batalhão de Infantaria, Deputado Estadual Darci de Mattos, João Joaquim Martinelli presidente da ACIJ, Moacir G. Thomazi presidente do Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville, Prefeito Municipal Udo Döhler.



Imagem do incêndio da Leif Tabacos, ocorrido em 23 de dezembro de 2007. Atingiu um galpão de 19.985 metros quadrados utilizado para depósito de folhas de fumo. O incêndio, que consumiu 1.211.500 litros de água, envolveu 15 viaturas e 60 bombeiros por 7 dias e 6 noites. Um dos maiores incêndios em nossa cidade na última década.

Ao lado: Torre da unidade central, 2017.

PARTE 2
Aspectos Técnicos

Daisy Delberto

A evolução da Defesa Civil

8º capítulo

Nos confins da antiguidade, o homem lutou para descobrir a técnica da combustão. O fogo, então, foi um dos maiores aliados do ser humano. Por isto, desde o início, o homem deu ao fogo um caráter superior, conferido aos deuses, como manifestação do sagrado.

As mais antigas civilizações, como da Índia e da China, tinham os seus respectivos deuses do fogo. Até nos dias atuais, a linguagem metafórica confere ao fogo poderes especiais. Ele representa a alma, a oração, o fervor, a ira, a paixão, o amor, a purificação e o castigo. É relevante sua presença em todas as mitologias, religiões, ritos e rituais.

Narram os mais antigos textos, que nas eras primitivas, os homens mantinham o fogo aceso como fator de coesão familiar. O culto do fogo sagrado, que tanta importância exerceu na construção da civilização grega, foi passado também aos romanos e a Bíblia dos cristãos é inteiramente permeada por referências ao fogo.

Uma vez dominada a tecnologia de sua produção, segundo a vontade humana, o fogo tem sido o mais importante e permanente instrumento do processo civilizatório. Partícipe de toda a evolução cultural da humanidade, o fogo tem sido um dos fundamentos de todo o progresso do homem, contribuindo nos mais diferentes momentos de sua trajetória, desde o primitivo aquecimento, nas cavernas do paleolítico superior, à produção de armas que permitiram ampliar suas provisões alimentares, promover sua defesa e, simultaneamente, acelerar o processo de agressão e domínio do meio ambiente, na mais antiga e contínua luta do homem: a da sobrevivência.

Exercendo fascínio e sedução, talvez como um dos mais primitivos arquétipos do homem, o fogo, contudo, ao mesmo tempo em que é amigo e vital, pode se transformar no mais insidioso, inesperado e quase invencível inimigo. A história do homem na face da terra, é um pouco deste combate, na luta permanente pelo domínio e controle das forças sobrenaturais do fogo.

Perde-se na memória do tempo, a origem do combate ao fogo. Das mais remotas lembranças, sabe-se que no ano 27 antes de Cristo, em Roma, já existiam os *triumviri nocturni*, grupos organizados com o objetivo de combater incêndios.

Durante o reinado de Júlio César Octávio, entre 63 a.C. e 14 d.C., foram criadas as *cohortes vigilum*, em número de 7, cada uma integrada por 1.000 homens, aos quais estava reservada a responsabilidade de proteger contra o fogo os 14 bairros de Roma.

Na Roma daqueles tempos, uma lei obrigava a cada proprietário de casa a dispor de uma cisterna, com água reservada para casos de incêndio. A legislação dispunha uma série de regras para as construções, desde afastamento regular até a proibição de uso de produtos inflamáveis. Também a altura dos prédios deveria se limitar a 100 pés, ou seja, 30 metros.

Na Pérsia antiga, conta a história, o incendiário que queimasse sua casa, fosse ou não involuntariamente, era condenado ao apedrejamento vivo, permitindo-



Jan van der Heyden (1637–1712)
Comparação dos antigos motores
de bombeiros com o motor
de incêndio de mangueira de
Van der Heijden 1685 - 1690 -
Rijksmuseum Amsterdam.

Bomba de Van der Heyden.

se à mulher acompanhar o marido, se esta fosse a sua vontade.

Marco Polo relata de sua viagem à China, que os bombeiros sufocavam os incêndios de uma forma eficaz e surpreendente. Não utilizavam água contra o fogo, mas se dedicavam a demolir as construções vizinhas, deixando que apenas a casa incendiada acabasse destruída, impedindo a propagação do fogo.

Na Grécia antiga, os bombeiros usavam as quadrigas para alcançar o local de incêndio com maior rapidez. Os soldados mais experientes sabiam de memória os locais de Atenas em que se podia encontrar água com facilidade, poços, riachos, cisternas e baixios e de lá, em processo de revezamento, os baldes eram deslocados de mão em mão, às vezes de distância de até um quilômetro ou mais, o que exigia a mobilização de grande número de escravos.

O mesmo processo continuou sendo utilizado pelo homem em quase todas as partes do mundo, até o fim da Idade Média. Com a evolução da economia, nos fins da Idade Média, a burguesia foi se instalando em pequenos burgos, reinstalando-se o processo de vida urbana. Com ele, por volta de fins do século XVI e início do XVII, começaram a surgir os primeiros bombeiros da era moderna. Na França, isto ocorreu com Luiz XV, o Rei-Sol, que reinou de 1638 a 1715, com os *corps des pompiers*, que já utilizavam a bomba Van Der Heydens, de 1699. Na Inglaterra, pouco adiante, surgem os “homens do fogo”. Na Alemanha, desde 17 de julho de 1841, em Meissen, existem corpos voluntários de bombeiros. Em Durlach, em 1846, surge a segunda corporação e nasce

em Berlim, no ano de 1851, o primeiro corpo de bombeiro profissional.

Rapidamente, em razão da evolução cada vez mais acelerada das cidades, foram surgindo corporações de combate ao fogo em muitos países do mundo. Nos Estados Unidos, a iniciativa coube ao grande Benjamin Franklin, em 1736, que criou, na Filadélfia, o primeiro corpo de bombeiros voluntários da América. Em Portugal, a história dos bombeiros na era moderna começa no ano de 1794, com a destacada participação de um brasileiro nascido na Bahia, Guilherme Gomes Fernandes, que juntamente com outros idealistas criou a Associação dos Bombeiros Voluntários do Porto. O brasileiro Gomes Fernandes, um abnegado da causa, foi considerado, então, o “maior bombeiro do mundo”, criando as bases do sólido movimento português de defesa civil, com base na multiplicação pelo território português de grupamentos voluntários de combate ao fogo.

No Chile, o primeiro corpo de bombeiros, também de caráter voluntário, foi criado no ano de 1851, na cidade de Valparaíso, depois de um devastador incêndio nas instalações do porto daquela cidade. Poucos anos depois, em 1863, foi criada a corporação de Santiago, a capital do Chile, também após um terrível incêndio na igreja da Companhia de Jesus, no qual morreram mais de 2 mil pessoas. Os *Caballeros del Fuego*, no Chile, constituem hoje uma instituição de caráter nacional, com mais de 280 corporações voluntárias espalhadas por todo o país, e mais de 30 mil homens inscritos e treinados.



No Brasil, o primeiro corpo de bombeiros foi criado oficialmente pelo decreto 1.775, assinado por D. Pedro II, em 1856, instalando-se no Rio de Janeiro, o Corpo de Bombeiros da Corte. Antes, porém desde 1763, os incêndios no Rio de Janeiro eram combatidos pelo pessoal do Arsenal da Marinha, de forma provisória.

Não se tem notícia da criação de uma segunda corporação no Brasil entre o 2 de julho de 1856 e o 13 de julho de 1892, quando, em Joinville, 36 anos depois de instalado o corpo do Rio, surge o Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville, o primeiro no país de caráter voluntário. Como na Alemanha, em Portugal, nos Estados Unidos e no Chile, também em Joinville os bombeiros surgem de iniciativa da comunidade, por livre e espontânea manifestação dos moradores da ainda modesta Colônia Dona Francisca, com cerca de 15 mil habitantes.

A evolução técnica, o aperfeiçoamento dos equipamentos, a utilização de

Incêndio na antiga Câmara Municipal, Amsterdam, 1652, Jan van der Heyden (atribuída a), 1688-1690 - Rijksmuseum Amsterdam.



O francês em Moscou, 1812, artista alemão desconhecido.

bombas mecânicas, manuais e motorizadas, a substituição dos baldes de pano por mangueiras de tecido, os caminhões-tanque, os auto bombas, as escadas Magirus, as bombas Metz, até os macacos hidráulicos e as roupas especiais que permitem o acesso de bombeiros a locais em chamas, tudo isto se deve às maravilhas da revolução industrial, de 1760 aos nossos dias.

É deste período, também, a evolução organizacional destas corporações bem como a expansão nos países em que tiveram origem, nas demais nações e pelo interior das sociedades que, por razões culturais, como na Europa e Estados Unidos, obtiveram rápida expansão em razão do princípio do voluntariado, regime que hoje mantém o funcionamento da grande maioria deste tipo de entidade, à exceção do Brasil.

Com certeza a evolução dos bombeiros está relacionada com as grandes tragédias vividas pela humanidade ao longo dos últimos séculos. Os grandes incêndios forçaram a organização de sistemas de combate ao fogo, com a estruturação destas entidades por áreas territoriais e por modelos de organização.

Desde os grandes incêndios que atingiram e quase destruíram cidades inteiras como Nínive, Jericó e até mesmo Jerusalém, a história registra como grandes, o incêndio de Roma, no ano 64 depois de Cristo, de que seria autor o Imperador Nero. Foi este, um dos maiores da antiguidade. Outros grandes incêndios, contudo,

perfilam-se no tempo e no espaço, demarcando a geografia do terror e da destruição. Ora por causas naturais, ora provocados pela ação humana, em momentos de guerra, como foi o caso do grande incêndio de Moscou, em 1812, perpetrado pelos russos, para não permitirem que as tropas de Napoleão se abrigassem na grande capital dos czares. Outros incêndios que destruíram parcialmente grandes cidades, foram os de Copenhague, em 1728; o de Constantinopla, em 1750, que consumiu mais de 10.000 residências; o de Paris, em 1871, após os motins da guerra franco-prussiana; o de Chicago, no mesmo ano, que matou 250 pessoas e desabrigou mais de 100.000.

Dentre os grandes incêndios do século XX, o de 1906, em São Francisco da Califórnia, depois do grande terremoto, se destaca como um dos mais trágicos e devastadores. Também o de Tóquio, em 1923, provocado por terremoto, matou 10 mil pessoas e desabrigou cerca de 1 milhão de japoneses. Durante a Segunda Grande Guerra, quando a aviação alemã e dos aliados devastou a maior parte

das cidades europeias, também se registraram os maiores incêndios do século, alcançando sempre as cidades mais densamente povoadas.

No Brasil, a cronologia dos incêndios registra a destruição do Teatro São João, no Rio, em 1824; a da Casa da Moeda, em 1825; um segundo incêndio no teatro São João em 1851 e um terceiro, no mesmo teatro, 5 anos depois, em 1856. No século XX, no Brasil, registram-se ainda grandes tragédias provocadas pelo fogo: em 1961, num circo em Niterói, 350 pessoas morreram queimadas. Em São Paulo, os grandes incêndios nos edifícios Andraus e Joelma, respectivamente nos anos de 1972 e 1974, quando morreram 16 pessoas no primeiro e 198 no segundo, marcam o nome do Brasil no registro das grandes tragédias do século.

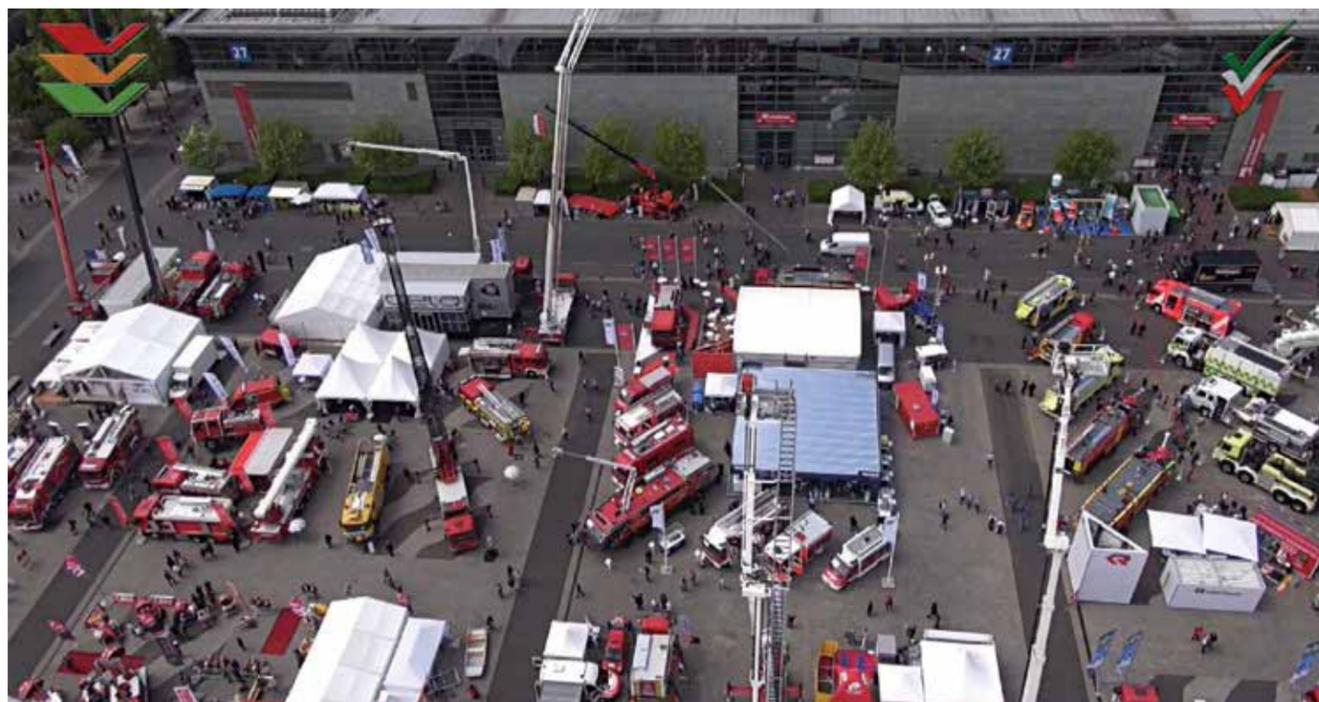
Na verdade, apesar das terríveis lições da história, a imprevidência humana continua divorciada e distante dos níveis de organização que os tempos modernos recomendam na estruturação das instituições voltadas à defesa civil e ao combate às tragédias.

A revolução industrial, que tanto progresso proporcionou à humanidade ao longo dos últimos dois séculos, especialmente no processo de urbanização das sociedades, mantém defasadas as organizações voltadas à defesa civil e notadamente no que toca ao combate ao fogo. Apesar da modernidade tecnológica alcançada pelos instrumentos de atuação, o fato principal é que, à exceção de sociedades mais evoluídas culturalmente, os bombeiros estão presentes hoje numa escassa minoria de localidades. No caso do Brasil, não chegam a 10% os municípios que contam com instituição do gênero, num painel de mais de 5.500 comunidades espalhadas pelo território nacional.

Com o surgimento de grandes patrimônios privados, bem como pela multiplicação dos chamados bens públicos, nos diferentes níveis de organização do Estado, a defesa civil e a proteção ao patrimônio, quer público ou privado, continua sendo feita de forma precária, com fragilíssima estrutura organizacional e menor eficiência de combate ao fogo, ou às inundações, ou outros casos de calamidade pública, onde se impõem a intervenção dos bombeiros.

Em países como Alemanha, Portugal, Estados Unidos, Chile, Argentina, Japão, com fortes fundamentos culturais, o exercício da defesa civil se faz preponderantemente através de organizações voluntárias, que atuam praticamente em todo o território de seus respectivos países, alcançando não só as áreas urbanas, densamente povoadas, mas o interior e as áreas agrícolas. Na Alemanha, por exemplo, qualquer ponto em que se registrar um incêndio, chega um pelotão de bombeiros num tempo médio de 3 a 9 minutos. O mesmo se repete em grande parte dos Estados Unidos, ou em vários outros países da Europa. Não é o caso, porém, das nações latino-americanas e, muito menos, do Brasil. Aqui, onde não foi possível localizar qualquer tipo de estatística ou de informação, sabe-se apenas que os municípios que detêm serviços desta natureza não chegam a 10%. Em Santa Catarina, onde surgiu o primeiro corpo de bombeiros voluntários, há 125 anos, existem apenas 84 unidades de corporações militares e 36

Feira Internacional de Proteção
contra Incêndios e Catástrofes,
Salvamento e Segurança. -
Hannover, Alemanha.



INTERSCHUTZ 2015

voluntárias, deixando a descoberto cerca de 90% dos municípios existentes.

A inexistência de informações oficiais sobre o número de incêndios no Brasil, ou de pessoas que perdem a vida em sinistros desta natureza, não permite qualquer avaliação sobre os prejuízos que a nação sofre com os incêndios. Nos Estados Unidos, apesar da grande organização do setor e da sofisticação tecnológica dos equipamentos e treinamento de pessoal, tanto profissionais quanto voluntários, numa população de 250 milhões de pessoas, 6.000 perdem a vida em ocorrência de calamidades públicas, os quais dão um prejuízo anual de 6 bilhões de dólares, excetuando-se as grandes calamidades em regiões de risco, como a Califórnia. No entanto, para se ter uma ideia de como o Brasil está defasado neste setor, basta citar que na Alemanha (antes da unificação), existia um bombeiro para cada 45 habitantes. No Japão a proporção é de 1 para 50 e no Brasil de 1 para 6.500 habitantes. Em matéria de veículos de bombeiros, a proporção é ainda mais gigantesca: na Áustria, que tem 2.297 municípios e 4.937 corpos de bombeiros, existe um carro para cada 1.800 habitantes; na Suíça, 1 para cada 2.000; nos Estados Unidos, 1 para cada 5.000 habitantes; e, no Brasil, 1 para cada 150 mil habitantes.

Na Alemanha, onde existe a melhor proporção bombeiro/habitante, existem cerca de 1 milhão de bombeiros, dos quais mais de 800 mil são voluntários, 80 mil juvenis e apenas 20 mil profissionais e cerca de quase 100 mil bombeiros empresariais, organizados em brigadas que se agregam a associações distritais, municipais, estaduais e federal, através da Federação Alemão de Bombeiros, órgão máximo que congrega e disciplina toda a estruturação das entidades no país.

A estrutura é de elevado grau de racionalidade, com levantamentos estatísticos que alcançam todos os tipos de informação, desde o estado civil do bombeiro até qual a motivação que o mantém na corporação. Além da estrutura profissional, a Alemanha vem desenvolvendo nas últimas décadas intensa mobilização dos jovens, preparando-os para a ação profissional-voluntária na idade adulta. Hoje cerca de 80.000 jovens alemães, de 12 a 18 anos pertencem a corporação em todo o país. Enquanto o custo de um bombeiro para a sociedade alemã é de 38 marcos para cada bombeiro não-voluntário, a carga tributária de proteção para o voluntário baixa para 7 marcos/ano. Naquele país, a instituição do voluntariado é antiga, remontando aos tempos do feudalismo, quando proliferaram as sociedades ginásticas, remanescentes da sociedade de cavaleiros, onde a destreza física e o espírito de proteção ao patrimônio privado ou do senhor, contava muito e eram retribuídos com singular prestígio e reconhecimento público.

A legislação alemã para o setor é das mais desenvolvidas, existindo um apreciável conjunto de leis municipais, estaduais e federais que regulamenta a prevenção contra incêndios e situações de emergência e calamidade pública.

Também em Portugal, a instituição do voluntariado é igualmente forte. Existem 35 mil bombeiros, dos quais 33 mil são voluntários, organizados em 470 corporações, das quais 419, igualmente, têm caráter voluntário. Estão organizados nacionalmente, através das zonas operacionais, em número total de 64. Com natureza jurídica definidas em níveis municipal, associativo e privativo, os bombeiros portugueses se subordinam a dois órgãos máximos: a Liga de Bombeiros, de caráter privado e o Serviço Nacional dos Bombeiros, de caráter estatal, e que operam de forma harmoniosa, tanto em operações conjuntas, ou exclusivamente pela ação de um único tipo de corporação. A exemplo do que ocorre na Alemanha, também os bombeiros portugueses cultivam de forma intensa o associativismo, com a existência de inúmeras colônias de férias e clubes exclusivamente de uso dos bombeiros e de suas famílias.

A evolução Tecnológica

9º capítulo

Exemplo do que ocorre em praticamente todas as atividades humanas, os avanços da ciência e da tecnologia também alcançam o setor específico da segurança, da proteção ao patrimônio e da defesa civil em geral. A evolução maior nesta área tem acompanhado as céleres transformações decorrentes da Revolução Industrial, ao longo dos últimos 250 anos.

Na verdade, apenas no século XX, depois das duas grandes guerras, é que tem se registrado acelerado e ininterrupto progresso na tecnologia da segurança patrimonial e na organização das corporações de bombeiros, as quais, cada vez mais, ampliam suas atividades, alargando a prestação de serviços em favor das comunidades, não só no combate ao fogo, mas em situações de perigo, desde deslocamento de cargas tóxicas, resgate de pessoas, avalanches, enchentes etc.

Mesmo não estando ainda muito distantes os tempos em que o fogo era combatido pelo processo de “cadeia”, com baldes passando de mão em mão, feitos de couro, as mangueiras de pano e escadas de corda, hoje os bombeiros dispõem, no Brasil ou nos países mais desenvolvidos, de avançada tecnologia, que vai de viaturas especiais a produtos químicos eficientes, bem como técnicas avançadas e logística de primeira linha, tudo para garantir padrões de eficiência e efetividade cada vez mais rápidos e abrangentes.

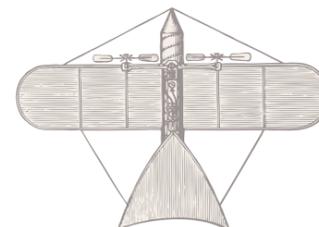
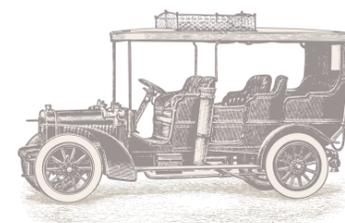
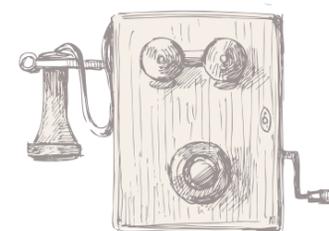
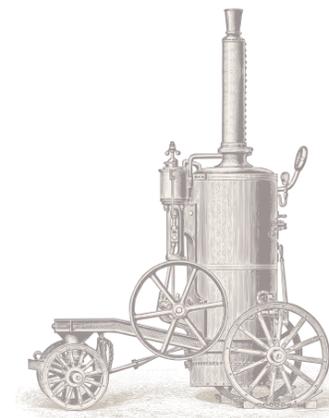
No contexto histórico e universal, magistralmente discorre sobre fatos relacionados com a evolução da instituição de combate ao fogo, o historiador alemão Wolfgang Hornung, em livro publicado em 1990, sob o título “Feuerwehrsgeschichte”, traduzido como “História dos Bombeiros”. Dentro da cronologia por ele apresentada sobre os fatos, uma série deles são ordenados a seguir:

- 1200 a.C.** - é registrada, em hieróglifos, no Egito, a primeira literatura sobre proteção contra o fogo;
- 1170 a.C.** - sacerdotes, também no Egito, no tempo de Ramsés II, descobriram o para-raios, instalando varas compridas em frente aos portões de Memphis, revestidos de ponta metálica. Não completaram, ligando-os à terra para descarga elétrica, daí muitos terem perdido a vida debaixo dessas varas. (O Egito estava na Idade do Bronze);
- 360 a.C.** - Asneias, no seu trabalho de construção de portas, recomendava que as construções de madeira fossem pintadas com vinagre, para torná-las resistentes ao fogo;
- 300 a.C.** - Durante a República romana, para proteção contra incêndios, durante a noite, havia um colégio de três homens responsáveis pelo atendimento. Eles comandavam uma guarnição de escravos junto das muralhas e portões da cidade. Pelas suas deficiências, os habitantes mais ricos montavam guarnições particulares, compostas de escravos e de guardas, os quais, mediante pagamento, quando chamados, atendiam ocorrências nas vizinhanças;

- 24 a.C.** - Também em Roma, como diretor da polícia, Marcus Egnatius Rufos, montou uma corporação de bombeiros com escravos e mercenários de reconhecida eficiência no combate de incêndios;
- 6 a.C.** - Diante de grande incêndio ocorrido em Roma, o Imperador Augusto criou sete corporações de bombeiros, de 1.000 a 1.200 homens, sob o comando de um prefeito, escolhido dentre a casta dos nobres. A cidade foi dividida em 14 regiões e cada corporação era responsável por duas delas;
- 64 d.C.** - Como maior catástrofe da idade antiga, consta o incêndio de Roma, ocorrido de 19 a 28 de junho. Foi atribuído ao Imperador Nero o papel de incendiário, porém nunca foi provado. Nero culpou os cristãos como responsáveis pelo fogo, mas 60 anos mais tarde, em face de investigações oficiais, essa culpa foi desfeita por Plinius;
- 120 d.C.** - O transporte de água para os locais de combate a incêndios, através de tripas de boi, foi sugerida por Apollodoro, de Demasco. No ponto final da montagem das tripas, instalavam-se sacos de couro, que uma vez cheios, sob pressão, jogavam a água para cima;
- 205 d.C.** - O Imperador Septimius Severus isenta os componentes das corporações de bombeiros, em Flávia Salva, de impostos públicos;
- 220 d.C.** - No tempo do Imperador Septimius Severus e Caracala, eram exigidos como componentes necessários de uma casa em Roma, os seguintes apetrechos para combater a incêndios: vinagre para apagar o fogo; cobertores; bombas; ganchos para derrubar paredes; escadas; baldes para água e vassouras;
- 644 d.C.** - No Japão, segundo o livro de história de Hihongi, em cada portão montava-se um tanque cheio de água e algumas dúzias de ganchos de madeira, formando assim a proteção básica contra incêndios;
- 1189** - A polícia de Londres determina que os habitantes de prédios, deviam colocar à disposição uma ou duas escadas para auxiliarem os vizinhos em caso de incêndio. Já no verão, os proprietários de casas deviam manter um tanque com água em frente à porta e cada dez habitantes, possuírem um gancho de ferro com corrente e cordas para derrubar paredes;
- 1276** - Na cidade livre de Augsburg, os distribuidores de vinho e água foram isentos de impostos, para nos casos de incêndios, abastecerem os devidos locais em água;
- 1438** - Marianus Jacobus, de Siena, desenvolveu uma bomba de sucção de pistão, com um cilindro de madeira, pistão furado de disco, equipado com válvula de vedação;
- 1500** - Leonardo da Vinci desenha uma escada de apenas uma longarina, que pode ser usada sem apoio da extremidade superior. Levantada por meio de um redutor sem fio, acionado por uma manivela;
- 1560** - Em Wuremberg, constroem-se as primeiras bombas, em latão ou bronze, para combate ao fogo;
- 1614** - Foram ilustrados em livro de língua alemã, os modelos de três bombas para combate a incêndios, uma sobre rodas, uma sobre duas longarinas para arrasto e outra portátil, de dois cilindros;
- 1625** - Em Hamburgo, o alarme sobre um incêndio, se fazia com tiros de espingarda, cornetas de guardiões, apitos, tambores, sinos e gritos;
- 1673** - Pela primeira vez utilizaram-se mangueiras de couro, idealizadas

- pelo chefe dos bombeiros de Amsterdam;
- 1719** - Um tecelão de Oldhay confecciona mangueira de cânhamo, sem costura;
- 1750** - Benjamin Franklin, nos Estados Unidos, comunica o descobrimento de para-raios de varetas metálicas com pontas douradas, de onde um arame vai até a terra;
- 1768** - Em Nüremberg, é construída uma “máquina de fogo”, que foi a precursora do extintor de incêndio pressurizado;
- 1802** - Eduard Regnier apresenta uma escada elástica giratória, com três cremalheiras e reduções para os três segmentos móveis, instalada sobre quatro rodas;
- 1811** - Napoleão I reorganiza o corpo de bombeiros de Paris, que existia desde 1716;
- 1820** - Em Londres, foi inventado um detector de calor que, uma vez alcançada temperatura pré-determinada, aciona um alarme;
- 1850** - Nos Estados Unidos, recomenda-se que em paredes e toldos sejam instalados furos revestidos de tubos metálicos para jorrar água em caso de incêndio. Nascia o “Springler”;
- 1864** - Em Paris, emprega-se um extintor com produtos químicos;
- 1897** - Os irmãos Bochert, em Rochendorf, constroem uma bomba de incêndio móvel, com motor de combustão interna;
- 1907** - Dräger inicia a fabricação do “pulmotor” para ressuscitar intoxicados;
- 1912** - Sai o primeiro extintor de pó químico seco e o de tetra carbono;
- 1924** - Surgem, na Alemanha, os primeiros caminhões-tanque, com bombas;
- 1956** - Na França, a fábrica Guinard, produz a primeira bomba turbinada, que fornece 6.000 litros por minuto, com alcance de 150 metros;
- 1963** - Nas comemorações do centenário do Corpo de Bombeiros de Fulda, Alemanha, é inaugurado o Museu Alemão de Bombeiros;
- 1969** - A Canadian, em Montreal, constrói um avião anfíbio, que ao deslizar sobre a água carrega um tanque com capacidade de 5.500 litros, para uso, principalmente, no combate a incêndios nas florestas;
- 1973** - Como primeiro bombeiro na Alemanha, e segundo da Europa, os bombeiros voluntários da Ulm, colocam em prática uma tesoura hidráulica para serviços de salvamento; tesoura de fabricação norte-americana;
- 1977** - O Corpo de Bombeiros de Hamburgo instala uma central computadorizada para chamadas;
- 1979** - A Metz produz a maior escada mecânica-hidráulica de salvamento, que alcança até 53 metros de altura;
- 1986** - À 26 de abril, explode o bloco IV do reator de Tchernobyl, na Ucrânia. Trabalham 240 bombeiros para debelar o incêndio, sob o alto risco de irradiação nuclear. Evitaram a fusão de 3 reatores vizinhos, que poderiam ter provocado uma catástrofe no planeta. Segundo informes oficiais, nessa fantástica operação, 6 bombeiros perderam a vida.

Ao lado desses fatos, entre os ordenados por Wolfgang Hornung, é próprio listar as grandes descobertas que contribuíram com o salto tecnológico da humanidade, induzindo, sem dúvida, o desenvolvimento e capacitação das corporações de bombeiros, tais como:



A roda

Que o homem descobriu na idade da pedra polida, milhares de anos antes de Cristo. Essa descoberta, supera em importância todas as conquistas da técnica moderna.

A máquina a vapor

Aperfeiçoada e apresentada ao mundo pelo mecânico escocês James Watt, em 1769, contando-se a partir daí, o domínio de uma fonte de energia capaz de mover as mais diversas máquinas de trabalho.

A eletricidade

Conhecida como manifestação de energia há mais de 2.000 anos, na Grécia, foi a partir da pilha, no início do século XIX, que os cientistas descobriram os fenômenos elétricos básicos que deram a luz à ciência. O conhecimento de suas origens, propriedades e domínio, aconteceu em cadeia, com as descobertas se sucedendo por parte de estudiosos, uma em decorrência da outra.

Dentre esses avanços, foi descoberto que todas as cinco formas primárias de energia – mecânica, química, nuclear, radiante e térmica – podem ser, algumas com maior complexidade, transformadas em energia elétrica. O dínamo foi inventado no final do século XIX. Thomas Alva Edison inventou a lâmpada, em 1879. Antes, em 1863, James Maxwell demonstrou matematicamente a existência de ondas eletromagnéticas, descobrindo que elas estão associadas a todas as correntes elétricas. Antes ainda, em 1727, o inglês Geay, estudou a passagem da eletricidade através de um fio, daí a existência de corpos condutores. Quase ao mesmo tempo, em 1730, Dufay descobriu a diferença entre eletricidade positiva e negativa. Em 1882, Heinrich Hertz, detectou, empiricamente, as ondas estudadas por Maxwell. Esta descoberta propiciou que o italiano Guglielmo Marconi, em 1897, produzisse o rádio. Transmitindo letras em sinais, Morse, pintor americano, criou o telégrafo sem fio.

O telefone também ancorado na eletricidade, foi invenção do escocês Alexander Graham Bell, em 1876, quando pesquisava uma solução para a comunicação de surdos-mudos, em Boston.

O automóvel

Em 1886, o alemão Gottlieb Daimler, adaptou um motor de combustão interna, às rodas traseiras de uma carruagem de cavalos. O “carro do diabo” foi chamado o primeiro automóvel, pelo barulho que produzia.

O motor diesel, produzido por Rudolf Diesel, em 1897, para substituir a máquina a vapor e graças ao seu aperfeiçoamento, emprega-se em tudo. Hoje há motor diesel com capacidade de até 15.000 HP.

O avião

Segundo os registros os inventores do avião com motor, foram os norte-americanos irmãos Wright, em 1903, mas, nesse mesmo ano, voou com um aparelho mais pesado que o ar, o 14 Bis, na França, o engenheiro brasileiro Santos Dumont, que divide com os irmãos americanos, a façanha.

A televisão

Para a transmissão à distância de fotografias ou cenas animadas, teve início ainda no século passado, em 1873, ao serem descobertas as propriedades fotoelétricas do selênio. Wisphone, combinando aquelas propriedades com um disco de sua invenção, produziu o primeiro sistema transmissor de imagens.

O computador

Surgiu em meados de 1940. Com o progresso das calculadoras, durante a Segunda Grande Guerra, nos cálculos cada vez mais complicados de pontaria balística para localizar e disparar em aviões, tiveram avanço as calculadoras eletrônicas sobre a forma de computadores analógicos e digitais, métodos básicos para cálculos.

O jato

A propulsão a jato foi descoberta pelo alemão Felix Wanke, que também desenvolveu a turbina a jato, durante a Segunda Grande Guerra. O sistema de combustão interna contínua criado por Wanke, foi um avanço em relação ao motor a cilindro, de produção energética descontínua.

Nesse enfoque, é fácil mentalizar a que patamar a tecnologia e nível de treinamento ou adestramento, compõe o campo de atuação das corporações de bombeiros e seus recursos humanos.

A evolução tecnológica acompanha ou decorre do desenvolvimento das técnicas industriais, sendo constante o aperfeiçoamento dos materiais anti-incêndio. Assim, hoje temos um considerável conjunto de estratégias e logísticas de combate ao fogo, que vão desde extintores hidráulicos até avançados inibidores de reação em cadeia, controlados eletronicamente. Também evoluem aceleradamente os níveis de eficiência e de organização das unidades, que atuam cada vez mais de forma disciplinada, aliando experiência e técnica.

O desenvolvimento da tecnologia e de equipamentos na área de atuação das corporações de bombeiros, contudo, não está ao alcance de centenas de unidades espalhadas pelo país. Não apenas em razão da escassez de recursos, sejam públicos ou privados, mas de uma sistemática não-priorização destes serviços tanto por parte do poder público, quanto das próprias comunidades. Assim, há décadas, debatem-se estas instituições com problemas de ordem material e técnica, ainda que as tecnologias e os equipamentos estejam desenvolvidos e em uso nas cidades maiores do Brasil.

De veículos puxados por parrelhas de cavalo, aos modernos – , o combate ao fogo conheceu ao longo do século XX um significativo progresso. A evolução decorre dos progressos da indústria em geral, mas avança também em função de um acelerado processo de urbanização ao longo dos últimos 60 anos, o que tem exigido a estruturação destas unidades de proteção e de socorros em quase todos os municípios.

Mesmo assim, decorreu enorme progresso entre a arregimentação de bombeiros, através de cornetas, como se fazia em Joinville ainda no começo do século, nesta que é a mais antiga corporação de bombeiros voluntários do Brasil, criada 36 anos depois de D. Pedro II ter instalado o primeiro Corpo de Bombeiros do país, no Rio de Janeiro, em 1856, através do decreto 1.775, dotando a Capital do Império de seu primeiro Corpo Provisório de Bombeiros da Corte.

Hoje, em Joinville, mas também nas capitais brasileiras, os bombeiros são acionados através de modernos sistemas de rádio, ampliando o efetivo permanente, de plantão profissional, em todas as corporações, em poucos minutos. Os equipamentos vão desde veículos especialmente planejados, a escada magirus e roupas à prova de chamas. Dos baldes de lona às machadinhas comuns, os bombeiros atuam com equipamentos especiais, como macacos hidráulicos e ferramentas de corte, além de um numeroso conjunto de agentes extintores, específicos para cada tipo de incêndio.

Os equipamentos de combate ao fogo nos dias de hoje estão cada vez mais compactos, de fácil manejo e cada vez mais difundidos, através de ampla divulgação sobre adequada utilização e efeito. As próprias corporações, em razão de experiência



Equipamento para resgate de vítimas em altura.

acumulada, desenvolvem continuamente novas técnicas e equipamentos, empregando técnicas de engenharia modernas. Mesmo assim, todavia, o fogo continua sendo um permanente desafio, a exigir não só bravura e técnica para o seu combate, mas também o exercício de novas tecnologias.

Mas a eficiência do combate ao fogo não se reduz à evolução tecnológica, mas depende, em grande parte, da rapidez com que os bombeiros chegam aos locais de sinistros. Assim, paralelamente ao desenvolvimento das técnicas de atuação, impõem-se a modernização dos sistemas de convocação, de deslocamento, mobilidade das unidades. Por isso, cada vez mais as corporações têm reservado atenções especiais aos sistemas de deslocamento, o que implica, ainda, em cuidadosas estratégias de localização dos quartéis e sub-quartéis, capazes de permitir em poucos minutos, a chegada de unidades nas mais diversas regiões das cidades, especialmente daquelas mais densamente povoadas.

A efetividade da atuação dos soldados do fogo, portanto, está diretamente ligada à

eficiência do deslocamento, o que implica em estudos de planejamento urbanístico para a localização de suas unidades. Não apenas para atender com agilidade uma determinada região, como para alcançar vias expressas, onde os veículos possam chegar mais rapidamente aos locais de chamada. Planejamento urbano, logística no tráfego de veículos, acessos mais fáceis e veículos dotados de motores mais potentes, estão diretamente relacionados às questões de combate a incêndios nos centros urbanos. Tudo isto tem ampliado a presença e a participação dos bombeiros no cotidiano das cidades, envolvendo inclusive mudanças específicas nas legislações, no que tange ao zoneamento urbano, quando nas delimitações técnicas das obras e construção civil em geral. Desta forma, nos últimos tempos, as municipalidades têm agido no sentido de subordinar às corporações os serviços gerais de autorização e fiscalização técnica dos sistemas de prevenção ao fogo, ou de cumprimento das exigências legais para cada tipo de construção.

Estruturas

No Brasil a instituição da primeira guarda de combate ao fogo remonta ao ano de 1763. Por ordem do Conde da Cunha, é criado naquele ano o Arsenal da Marinha na cidade do Rio de Janeiro. A esta repartição incumbia-se a responsabilidade de extinguir os incêndios na cidade, em razão da experiência que tinham os seus homens em apagar incêndios em suas embarcações.

Em 1797, pelo Alvará Régio de 12 de agosto, pelo título XII, expressamente se determinava ao intendente do Arsenal: “e terão sempre prontas as bombas, e todos os mais instrumentos necessários para se acudir prontamente não só aos incêndios da cidade, mas também aos do mar”. É de 1797, portanto, o início efetivo de combate a incêndios, por parte de organização estatal, no Brasil.

Já em 1808, confirma-se a incumbência do Arsenal da Marinha através da

Decisão nº 46, de 26 de outubro de 1808, pelo Infante D. Carlos, nomeado Almirante da Marinha pelo Príncipe Regente D. João, seu tio. Ao Inspetor do Arsenal, cargo criado pelo Infante, competia “dirigir pessoalmente a extinção dos incêndios das cidades, para isso levando as bombas, marujos e escravos de sua repartição e água”.

Modernamente, no século XX, os corpos de bombeiros no Brasil, apesar da criação da primeira instituição voluntária em Joinville, a partir de julho de 1892, são majoritariamente estatais militares e profissionalizados, sendo porém, ainda escassos em todo o país, pois essa solução sofre limitações, sobretudo no aspecto financeiro, como também exclui o engajamento organizado comunitário, espontâneo, propriamente dito, razão porque a grande maioria dos municípios brasileiros não dispõem de instituições desta natureza.

Na área das instituições voluntárias, apesar de sua existência desde 1892 em Joinville, apenas 33 corporações tinham sido criadas até 1986. Destas, 17 no estado do Rio Grande do Sul, 8 em São Paulo e 8 em Santa Catarina, o que demonstra que o voluntariado, uma das modalidades mais extensamente adotadas em vários países da Europa, destacando-se a Alemanha e Áustria, bem como nos Estados Unidos, não evolui em termos de Brasil.

Mesmo assim, a exemplo do que ocorre no exterior, com ênfase nos países desenvolvidos, no Brasil os corpos de bombeiros podem ser classificados nas seguintes grandes estruturas: militares, voluntários, profissionais, juvenis e empresariais.

Contrariamente ao que ocorre na Europa, no Brasil a base de todo o sistema de bombeiros centra-se nos corpos militares estatais profissionalizados, com uma grande maioria de instituições do gênero ligadas às secretarias de segurança dos estados. Apesar da colonização europeia, a partir de meados do século passado, o Brasil não se destaca pela criação de bombeiros voluntários. Com certeza explica-se este fato em razão da cultura burocrática e paternalista transplantada de Portugal, ao tempo do Brasil-Colônia e Império, onde cabe ao Estado, sempre, providências relacionadas com a segurança e a proteção ao patrimônio, quer seja público ou privado.

Já na Alemanha, de onde partiram milhares de imigrantes e através dos quais se explica a criação de corpos voluntários no Sul do Brasil, a prática do voluntariado nas ações de socorros é muito antiga. Inicia-se antes da revolução industrial naquele país e se acentua na modernidade dos nossos dias, sendo uma questão cultural, de responsabilidade social do indivíduo perante a comunidade em que vive.

No relatório da Federação Alemã de Bombeiros, explica-se o princípio da motivação: “a força motriz que sempre de novo estimula os bombeiros a prestar serviços voluntários é a satisfação de socorrer o próximo em necessidade e perigo, e assumir esta responsabilidade de modo honorífico. Um voluntário deve se submeter para o bem da sociedade e estar convencido daquilo que faz. Além desta voluntariedade, outros fundamentos dos bombeiros voluntários são: o amor à ordem e o dever de submissão. É evidente que os homens de tais princípios convivem numa amizade mútua e fiel. Os bombeiros executam as suas tarefas voluntariamente, não para receber elogios, e sim porque estão dominados pelo pensamento de investir toda a sua força e vontade, e se for preciso, a saúde e a própria vida para o bem do próximo”.

O que move o voluntariado de uma forma geral, é o sentido de missão a cumprir, de contribuição social, que, a nível individual, não apenas promove a satisfação íntima de ser útil ao próximo, mas também de, pelo exemplo e dedicação obter o reconhecimento social, da comunidade, pelo engajamento disciplinado e metódico numa instituição que visa exclusivamente o bem comum.

Na Alemanha, tanto quanto no Brasil, os direitos e deveres dos bombeiros

“A força motriz que sempre de novo estimula os bombeiros a prestar serviços voluntários é a satisfação de socorrer o próximo em necessidade e perigo, e assumir esta responsabilidade de modo honorífico. Um voluntário deve se submeter para o bem da sociedade e estar convencido daquilo que faz. Além desta voluntariedade, outros fundamentos dos bombeiros voluntários são: o amor à ordem e o dever de submissão. É evidente que os homens de tais princípios convivem numa amizade mútua e fiel. Os bombeiros executam as suas tarefas voluntariamente, não para receber elogios, e sim porque estão dominados pelo pensamento de investir toda a sua força e vontade, e se for preciso, a saúde e a própria vida para o bem do próximo”.

Federação Alemã de Bombeiros

estão regulamentados nas leis de prevenção contra incêndios. Assim, é natural que os bombeiros não devem sofrer desvantagens em suas profissões, nem no seguro da previdência social por serem bombeiros voluntários. Com a regulamentação das corporações voluntárias, os seus integrantes devem ser liberados pelos empregadores, quando necessitem se afastar de seus locais de trabalho para participarem de missões.

É tão profunda a adesão do voluntariado na Alemanha, que no setor dos bombeiros, cada segundo membro de uma família participa de alguma corporação. Em outras áreas, o índice sobe para o quarto membro, numa mesma família. Trata-se de uma questão fortemente entranhada nos valores culturais da Alemanha, daí a existência, naquele país, de quase 1 milhão de bombeiros, dos quais, 800 mil voluntários. Com dados relativos aos anos anteriores à unificação da Alemanha, de um total de 780 mil bombeiros existentes em 1986, apenas 20 mil integravam corporações profissionais, ou seja, ligadas e mantidas pelo Estado alemão.

A Federação Alemã de Bombeiros dispõe de minuciosos levantamentos sobre a estrutura de todo o sistema relacionado com os serviços de socorros e salvamentos. Estes levantamentos dão conta de uma rede de corporações em todo o território alemão, capaz de em cinco minutos, em média, fazer chegar a qualquer local em que ocorra um sinistro, uma equipe de salvamento, sejam em áreas rurais ou urbanas. Não apenas os quartéis e corporações estão profundamente disseminados em todo o território alemão, que, reconheça-se, é 20 vezes menor do que o brasileiro, como a organização dos mesmos é típica da meticulosidade germânica. Mais do que uma demonstração de civismo, o exercício do voluntariado no setor dos bombeiros, é impulso cultural, que se perde nos séculos e se confunde com instituições relacionadas com a prática esportiva, de cultura física, como as sociedades ginásticas do século XVIII.

Pesquisas revelam que o engajamento do cidadão alemão a uma corporação é de longo prazo. Em média, elas alcançam uma dedicação permanente de até 30 anos, sendo comum famílias inteiras envolvidas neste tipo de atividade, inclusive com a presença de mulheres que, nos últimos anos, somam já 0,5% do exército de quase 1 milhão de bombeiros da Alemanha.

A manutenção desta forte presença do voluntariado, em termos de Alemanha, está garantida não apenas pela profundidade e extensão de uma das mais fortes tradições culturais daquele país, mas também pela existência dos bombeiros juvenis, como já começa a acontecer no Brasil ao longo dos últimos anos.

Neste aspecto, observa o relatório da Federação Alemã de Bombeiros: “após ter sido fundado, no ano de 1882, na Alemanha, o primeiro corpo de Bombeiros Juvenil, e após a Segunda Grande Guerra, multiplicaram-se rapidamente esses corpos de bombeiros juvenis. Cerca de 77.000 jovens, na faixa de 10 a 18 anos, participam desta organização e executam, voluntariamente, serviços, sobretudo nas áreas de formação técnica dos bombeiros”.

Os bombeiros juvenis e voluntários, no Brasil constituem uma simples minoria, não chegam a 50 corporações em todo o país.

Os profissionais, a maioria no país, estão ligados ao Estado e, como tal, são funcionários públicos. São regidos por regime exclusivo e dedicação

Evento beneficente para manutenção do Projeto Yakisoba do Bombeiro Mirim, realizado em 2010. Podemos ver alguns bombeiros com roupas de aproximação adquiridas naquele ano.





Exercícios de adestramento realizados na década de 1970, de forma aberta à comunidade, no denominado Paraquedas. Atualmente, esta peça está no acervo do Museu dos Bombeiros.

Das ações de adestramento e disciplina

10º capítulo

Criadas há mais de 2 mil anos com a missão específica de dar combate ao fogo, as corporações de bombeiros não apenas desenvolveram técnicas e aperfeiçoaram tecnologias e qualificaram suas intervenções com rígido comando e disciplina, mas ampliaram significativamente o campo de atuação. Se no princípio desenvolviam ações exclusivamente ligadas à extinção de incêndios, notadamente com o advento da Revolução Industrial os bombeiros têm alargado suas missões para um amplo raio de situações, em que se exige a intervenção de homens tecnicamente instrumentados.

Os bombeiros não são mais chamados apenas em casos de incêndios, mas são convocados para atender nas mais diversas circunstâncias, chegando ao oposto do que originalmente determinou sua criação, ou seja, combater a manifestação incontrolada das águas, quer em enchentes, ou socorros de pessoas em perigo iminente de naufrágio. As ações, desta forma, estão distribuídas num amplo espectro contextual de emergência. O fogo pode ocorrer em residências, prédios públicos, empresas, depósitos, prédios comerciais, veículos, florestas, e lá estará o bombeiro atuando. Mas ele pode ser convocado para outras situações, desde o prosaico resgate de um gato de um telhado, até a retirada de acidentados em geral, seja nas estradas ou nas vias urbanas. Pode ser chamado para atuar em condições de risco em geral, desde explosões, tempestades, enchentes, pessoas ameaçadas de queda, presas em elevadores, encurraladas ou vítimas de acidentes em geral.

Assim, atuando em tão diversificado painel de lances, exige-se do bombeiro preparo técnico, qualificação física e mental, além de dispor ou saber manejar um apreciável conjunto de apetrechos ou equipamentos, desde uma simples mangueira, até instrumentos de controle eletrônico, usados modernamente para diferentes casos críticos. Trata-se, portanto, de um profissional que precisa de boa formação, constante treinamento e permanente atualização. Se nos tempos antigos, a função não exigia maiores conhecimentos técnicos, hoje o bombeiro requer uma formação não só abrangente e múltipla, mas segura e precisa. De sua eficiência, invariavelmente, dependem vidas humanas, quando não estão em jogo patrimônios materiais de grande monta. De outra parte, quando convocado, de sua qualificação – o que implica rapidez e competência – depende quase integralmente o êxito ou o fracasso da missão.

Uma das características que compõe a atividade do bombeiro, é a completa incerteza quanto o momento em que sua presença é indispensável. A imprevisibilidade de ação, exige a permanente disponibilidade, o que implica em ininterrupta vigilância. Ou melhor, os bombeiros precisam estar disponíveis a qualquer hora do dia ou da noite, em qualquer dia do ano, seja feriado, dia santo ou dia normal de trabalho. As missões, de outra parte, tanto podem ser para o combate ao fogo, quanto para liberar um cidadão preso num elevador, num poço, entre fogo, debaixo de escombros etc. Tanto pode implicar numa operação

permanente. Nas corporações voluntárias além do treinamento, realizam outras operações internas, cada um atuando na área de sua formação profissional. Assim, quando não estão em treinamento ou em missão, podem dedicar horas de trabalho nas oficinas, nos escritórios e na manutenção dos quartéis, viaturas e equipamentos.

Tanto quanto os voluntários, os profissionais igualmente estão subordinados a regimentos internos, que disciplinam e hierarquizam as instituições, bem como estão obrigados a respeitar e cumprir normas e códigos específicos.

Cumprem jornadas de trabalho por turnos, estando permanentemente à disposição das instituições, podendo ser convocados mesmo quando em período de descanso, na eventualidade de incêndios maiores, ou qualquer tipo de catástrofes públicas.

Outra modalidade de organização de bombeiro, são as “brigadas”. Assim, como o próprio nome revela, trata-se de guarnição particular, diretamente subordinada à empresa privada ou estatal. Normalmente estão implantadas em indústrias que operam materiais inflamáveis, ou correm riscos maiores de incêndios, explosões, vazamentos etc.

Estão estruturadas formal ou informalmente, ou seja, tanto existem de forma permanente, de plantão contínuo, como podem se organizar em guarnições específicas, quando ocorre algum fato que justifique a intervenção de socorro e salvamento. Normalmente as empresas criam guarnições, arcam com custo de treinamento e equipamentos, mas os seus integrantes atuam em outras funções, exercendo suas qualificações profissionais anteriores, ou seja, em atividades normais para as quais foram contratados.

simples, relativamente comum, quanto pode representar um grande desafio de organização e de preparo técnico, quando atuando em grandes catástrofes, de longas horas ou dias de duração.

Tudo isto, nos últimos anos, tem provocado uma profunda e constante reavaliação destas instituições, que precisam estar humana e materialmente equipadas, pois, delas, em larga escala, depende a segurança de milhares de pessoas, bens, animais e a ecologia.

De outra parte, os bombeiros dos nossos dias manipulam equipamentos de grande complexidade técnica, o que requer treinamento. São escadas de longo alcance, extintores com diferentes tipos de composição química, específicos para cada tipo de incêndio, além, obviamente, de manipular mangueiras de grande pressão d'água, o que requer não só força física, como também habilidade técnica.

Dirigir veículos, leves ou pesados, como os – com milhares de litros de água ou produtos químicos, exige perícia, na medida em que, na maioria das vezes, os pesados veículos trafegam em ruas de intenso tráfego, ou áreas densamente povoadas e devem trafegar sempre no limite máximo permitido, objetivando mais rapidamente alcançar o local de chamada. Mesmo que o uso de água seja a matéria-prima mais empregada no combate ao fogo, mesmo nestas situações, exige-se do bombeiro espírito de iniciativa, coragem e o melhor preparo físico possível, para horas de extenuante trabalho, sob grande pressão de ordem psicológica.

A tarefa primordial de todas as missões de um bombeiro é salvar vidas humanas. Com responsabilidade, qualquer ação requer excelente destreza física e emocional, além, é claro, de grande habilidade na operacionalidade de equipamentos em geral.

Modernamente, as corporações mais profissionalizadas e equipadas, estão especializando suas guarnições justamente para que intervenções sejam as mais eficientes possíveis. Assim, combate a incêndio em floresta não exige só um grande número de soldados, mas também de técnicas, procedimentos apropriados e de equipamentos especiais, inclusive de aviões, capazes de despejar grandes jatos de água em áreas de larga abrangência ou abastecendo-se mesmo em voos rasantes sobre rios e lagos. Como as sociedades modernas sofrem grandes transformações, especialmente nas últimas décadas do século passado, com acelerado processo de urbanização, desde o fim da Segunda Grande Guerra, também as corporações precisaram acompanhar estas mutações, evoluindo igualmente.

As situações de emergência ocorrem das formas mais inesperadas e surpreendentes, o que exige uma intervenção mais complexa e audaz dos bombeiros, tendo, sempre, como principal requisito, o rápido deslocamento do quartel até o local da operação. Nos casos de incêndios, a intoxicação por monóxido de carbono ou outras soluções tóxicas alcança sempre um elevado número de pessoas. As vítimas desses tipos de intoxicações, por exemplo, podem ser em número maior ou menor em razão do tempo de socorro. O grau de lesão e sequelas em casos de intoxicação, dependem simplesmente do tempo de ação, que está diretamente vinculado à presença de socorro técnico. Pesquisa realizada na Inglaterra, revelou que com a abreviação de 1 minuto do tempo que a vítima espera por atendimento, 5,3% das pessoas naquela situação poderiam ter sido salvas. A demora de mais 1 minuto, amplia em 5,3% os casos de vítimas fatais.



Treinamento para atendimento pré-hospitalar realizado no Centro de treinamento Henry Schmalz.

Combate e técnica

Sob o título “Como se combatem os incêndios”, a Enciclopédia da Ciência e da Tecnologia, editada na Inglaterra, tendo como membros de seu conselho de editores, os prêmios Nobel, Laurence Bragg e James Cladowich, além de consultores do governo britânico e o especialista em divulgação científica Norman Fischer, num de seus capítulos, aborda o assunto relativo às corporações modernas de bombeiros. Pela objetividade e caráter didático do texto, vale sua transcrição:

Como se combatem os incêndios

Como tantos trabalhos levados a efeito por diversas entidades, o trabalho dos bombeiros tende a passar inadvertido e é esquecido até que uma emergência o reclame. Ninguém, ao ver os bombeiros em ação, pode deixar de admirar sua destreza, sua preparação, sobretudo, seu real valor. O objetivo deste artigo não consiste em documentar o aspecto dramático, muitas vezes heroico, do trabalho dos bombeiros, mas em mostrar as técnicas que usam para apagar o fogo nos edifícios incendiados e para evitar o aparecimento e propagação do fogo.

Detecção do fogo e alarme

Para extinguir um incêndio sem prejuízos desnecessários, deve ser descoberto e combatido na sua fase inicial, pois a demora de minutos pode ser perigosa. É necessária grande quantidade de trabalho preparatório para tornar isto possível. O perigo encontra-se, principalmente, em fábricas e armazéns, e os proprietários são alertados, inclusive, em alguns casos, obrigados por lei, a instalar equipamentos para a detecção de incêndios. Alguns sistemas incorporam termostatos, dispositivos que fazem tocar uma campainha quando a temperatura aumenta muito rapidamente no edifício ou atinge valores muito altos. Um tipo simples de termostato utiliza a diferença de coeficiente de dilatação, com a temperatura, de duas lâminas de metais diferentes. Nos armazéns, grandes transatlânticos etc., são instaladas, às vezes, combinações de termostato e extintor. O mais simples projeta um jato de água quando a temperatura se eleva de modo anormal. Além da instalação de tais elementos, que operam dando informação em presença do fogo, há um sistema de alarme que pode ser acionado à mão (sirena ou sino), de modo que qualquer pessoa que note o fogo pode dar o alarme. Às vezes há uma linha direta da fábrica ao quartel de bombeiros mais próximo, para que estes possam ser avisados imediatamente.

Conhecimentos prévios

Os bombeiros necessitam saber, aproximadamente, os perigos de determinado edifício, de que elementos podem dispor, que tipo de material é capaz de dominar o fogo etc. Esta informação determina o tipo e a quantidade de material que deve ser levado. Além disso as reais condições e a situação da fábrica devem ser assinaladas de antemão, e os edifícios ou áreas são classificados considerando-se isto.

Nas grandes cidades, geralmente, são determinadas como zonas de alto perigo aquelas onde existe séria possibilidade de produzir incêndios importantes, como, por exemplo, cais, estaleiros, centros industriais, refinarias de petróleo, grandes armazéns etc.

As regras indicam, portanto, que quando os bombeiros são chamados a estas zonas devem levar tantas bombas quantos sejam necessárias, ao se dirigirem para esse setor, e no menor tempo possível.

Classificando estas zonas por importância de perigo, encontra-se a zona classe A. A primeira e a segunda bombas devem chegar ao lugar do incêndio cinco minutos depois de terem sido chamadas; a terceira bomba deve chegar oito minutos depois. No

outro extremo da escala, um edifício na zona classe D (onde o perigo de incêndio não é tão grande) necessita de somente uma bomba, que chegue dentro de 20 minutos.

O fator tempo

Como vimos, o tempo é elemento fundamental na luta contra o fogo, por isso os carros de bombeiros, além de ter cor berrante, vermelha, são dotados de sistema, ou sirena, de modo que os automóveis que estão trafegando se afastem e deixem a via livre. Inclusive nos sinais, o carro de bombeiros tem sempre preferência. Ocorre às vezes, no entanto, que nas ruas estreitas (por exemplo, na parte antiga da cidade) o trânsito se encontra bloqueado, e assim os bombeiros perdem preciosos minutos, durante os quais o incêndio adquire maiores proporções.

A presença de curiosos dificulta também o trabalho dos bombeiros, e por isso é aconselhável que, ao declarar-se um incêndio, a força pública evacue o lugar afetado.

Tipos de incêndios

O tipo de incêndio determina os métodos que devem ser usados para apagá-lo. As autoridades classificam os incêndios em três grupos principais: incêndios tipo A, no qual se encontram compreendidos materiais combustíveis comuns; incêndios tipo B, nos quais intervêm petróleo ou graxas; e incêndios tipo C, nos quais se acha material elétrico em funcionamento.

Métodos úteis para combater um tipo de incêndio podem não ser utilizáveis em outros casos. A água, por exemplo, pode ser útil para incêndios tipo A; mas não pode ser utilizada de modo inicial nos do tipo C, já que a água é condutora de eletricidade, e as possibilidades de uma descarga elétrica seriam muito grandes. Incêndios tipo B, nos quais se encontram petróleo ou graxa, são tratados geralmente com espuma, ou alguma substância que isole o ar. A água (a não ser que esteja atomizada) é menos recomendável neste caso, devido ao perigo que o petróleo incendiado respingue e se estenda sobre uma área maior. Alguns produtos químicos (como, por exemplo, sódio ou potássio) reagem energicamente com a água, que não é um bom meio para apagar este tipo de incêndio.

Incêndios de poços petrolíferos

Além dos três tipos citados, existem incêndios de maior envergadura, como os de poços de petróleo. Estes, por suas características particulares, não podem ser combatidos pelos métodos comuns. Existem equipamentos de bombeiros especializados neste gênero de trabalho. Seu primeiro trabalho consiste em aproximar-se suficientemente do foco do incêndio, o que não se consegue com facilidade (num poço do Saara o calor desenvolvido era tal que a areia se havia vitrificado numa grande extensão). Utilizam depois um explosivo, que pode ser dinamite ou trinitroglicerina, para que a onda explosiva produzida apague a chama,



Atividade de treinamento de combate a incêndio no pátio da Unidade Central.

como se apaga a de uma vela quando se sopra sobre a mesma. Este processo apresenta, no entanto, tais dificuldades que, se a reserva de petróleo não é muito grande, é preferível deixar que o incêndio se extinga ao esgotar-se o combustível.

Como se apagam os incêndios

O fogo é o resultado de uma reação química na qual entram em jogo oxigênio e um combustível. Liberta-se calor e este é também necessário para iniciar a reação e para mantê-la. Existem, portanto, três métodos de apagar o fogo: eliminar o oxigênio, eliminar o combustível e resfriá-lo. O último é, com vantagem, o mais importante. A água vertida sobre o fogo absorve enormes quantidades de calor, quando se transforma em vapor. Se a absorção do calor é mais rápida que sua produção, a temperatura desce e o incêndio se extingue rapidamente.

Como ligeira indicação podemos dizer que são necessários seis vezes mais calor (latente) para transformar a água fervendo em vapor que para levar a água da temperatura de solidificação à de ebulição.

Os outros dois métodos mencionados, eliminar o combustível e eliminar o oxigênio, são utilizados em alguns casos especiais. Frequentemente será possível retirar parte da mercadoria da loja ou armazém. Em caso extremo, pode ser necessário derrubar parte dos edifícios circundantes, para produzir um aceiro, área através da qual as chamas do edifício em fogo não podem passar. Este método tem sobretudo, importância no caso de incêndio de florestas.

Nas regiões com grandes extensões de árvores, em particular resinosas, deixam-se espaços totalmente desprovidos de vegetação (às vezes cobertos de cimento), de modo que, se um extremo da floresta se incendia, o fogo não se propaga em toda sua extensão.

Uma vez que o incêndio foi declarado e não há outro meio para impedi-lo, é necessário estabelecer um contrafogo, isto é, acender um incêndio que avance em direção contrária ao primeiro; quando os dois incêndios se reúnem já não tem nada o que queimar e, em consequência, se apagam. Este método é sempre muito perigoso e somente pode ser praticado por profissionais.

O oxigênio é imprescindível para a combustão. O ar contém aproximadamente 21% em volume de oxigênio. Somente com a redução desta porcentagem para aproximadamente 15% se consegue extinguir a maioria dos incêndios. Isto se faz cobrindo o material em combustão com uma camada de bolhas de espuma, ou utilizando areia, ou vários gases não combustíveis. Uma vez que o oxigênio do ar foi consumido na combustão por baixo da "camada", já não é possível passar mais para substituí-lo. Os produtos químicos mais empregados são o dióxido de carbono, o tetracloreto de carbono e o clorobromoetano. Um pó seco especialmente preparado para este fim é usado amplamente nos modernos extintores.

Nos laboratórios, fábricas e, em geral, nos lugares onde há perigo de incêndio, costuma haver uma cobertura em caixa fechada. Se o fogo passa para as roupas de uma pessoa, esta tem que ser envolvida rapidamente com o cobertor para evitar o contato com o ar. Agindo com rapidez suficiente, podem ser evitadas queimaduras sérias.

Em qualquer caso, é importante evitar, na medida do possível, a passagem de correntes de ar através do fogo. Portas e janelas, grandes espaços ininterruptos entre os edifícios, tudo isto aumenta as probabilidades de tais correntes de ar. Embora no momento do sinistro pouco possa ser feito pelos bombeiros neste particular, um planejamento prévio permite diminuir o perigo. Assim, por exemplo, nas salas de teatro, a lei prescreve a existência de uma cortina metálica que pode ser baixada como um pano de boca para separar o cenário da sala. Deste modo, em caso de incêndio, não haverá deslocamento de ar entre as portas principais e as aberturas da parte posterior do teatro.

Utilização do material contra incêndios

O material contra incêndios pode ser dividido em dois grupos principais: o que é utilizado de fato para combater e apagar o fogo e aquele que ajuda os bombeiros a chegar a este e a efetuar as operações de salvamento e recuperação. No primeiro grupo se encontram os hidrantes, mangueiras pulverizadores, bombas, extintores químicos de vários tipos e equipamentos para produzir espuma. O segundo grupo inclui escadas, roupa não-combustível, projetores, instrumentos cortantes, máscaras, cordas etc.

Naturalmente, não se pode falar de todo este equipamento com detalhes, e aqui somente descreveremos o primeiro grupo, dando algumas rápidas noções sobre o segundo.

A água, como já foi indicado, é a mais importante das substâncias utilizadas para combater o fogo. Pode ser transportada com os demais elementos da luta contra o fogo, ou pode ser obtida a partir de depósitos fixos, rios ou outras origens. O hidrante instalado no encanamento geral é talvez o mais utilizado.

Geralmente, sua posição está indicada por uma pequena placa de cor que tem gravada a palavra “água” e o número do diâmetro do encanamento. Abaixo deste encontra-se outro número que indica a que distância se encontra a boca do hidrante. Algumas bocas de hidrante estão situadas dentro dos edifícios. As que se acham no exterior são mais úteis, já que são mais acessíveis em caso de incêndio.

Para se obter a pressão necessária para os jatos de água é indispensável o emprego de bombas, pois grande parte da pressão é perdida pelo atrito nas tubulações. As bombas são quase sempre do tipo centrífuga e podem ser encontradas localizadas em posição fixa, no carro de bombeiros, ou podem ser transportadas à parte como bomba portátil, num reboque.

No local onde o fogo já ganhou importância é necessário utilizar um jato contínuo de água, mas há certos casos em que é preferível utilizar a água pulverizada. Em alguns incêndios onde se encontram líquidos inflamáveis, é útil um fino orvalho que possa atravessar as chamas e atingir a superfície do líquido. O interessante da água é que ela própria pode causar danos, e uma das primeiras coisas que o bombeiro tem que decidir ao chegar ao incêndio é a quantidade de água que vai utilizar. Muita água causará danos desnecessários; pouca água poderá não sufocar o incêndio.

A espuma é de utilidade no caso de incêndios de produtos químicos, e pode ser preparada sobre o terreno por dois métodos. A espuma mecânica necessita de água, um agente espumante (por exemplo, sabão) e ar. O agente espumante é adicionado à água e a mistura é espalhada. O material necessário para produzir este tipo de espuma pode ser ligado no extremo da mangueira da água.

O outro tipo de espuma se consegue por métodos químicos e esta é a base de muitos extintores portáteis. A espuma produzida por uma reação entre a solução de um sal ácido (p. ex., sulfato de alumínio) e a solução de um sal básico (p. ex., bicarbonato de sódio), misturadas a um “estabilizador”, como saponina ou alcaçuz. O estabilizador, embora não tome parte na reação, age reforçando as borbulhas. A finalidade dos dois tipos de espuma é agir como cobertura flutuante sobre o material que arde.



Acima: Atividade de treinamento de combate extremo ao fogo em área confinada.

Abaixo: Vista de parte da frota em prontidão.



Atividade de treinamento de combate a incêndio no pátio da Unidade Central.

Tipos de veículos

Os veículos que transportam os aparelhos contra incêndio são de vários tipos. Os carros-bomba têm uma bomba, geralmente tipo centrífuga, que pode propulsionar 2.000 a 4.000 litros por minuto. Costumam possuir uma bomba menor, que tira a água do tanque do veículo, que contém 200 a 400 litros e que alimenta uma pequena mangueira. Este pode entrar em ação imediatamente, enquanto são preparadas as mangueiras maiores. Uma variante do carro-bomba é a bomba de salvamento, semelhante à anterior, mas que tem uma escada de salvamento que pode girar quando se encontra estendida. Estas escadas alcançam de 12 a 16 metros de altura.

As escadas giratórias são utilizadas como “torres de águas” (que permitem lançar água de cima sobre o fogo) ou em operações de salvamento, e podem ser elevadas mecanicamente até alturas de 30 metros e às vezes superiores.

Os tanques de água se encontram montados sobre veículos com uma bomba que é rebocada, ou se encontra no mesmo veículo. Outros veículos especializados são os tanques de emergência, os tanques de espuma, os que levam as mangueiras e os carros de controle e de comunicação.

Salvamento de pessoas

Frequentemente os bombeiros devem penetrar no interior dos edifícios incendiados para resgatar pessoas ali isoladas ou para combater melhor o incêndio. Para isto devem usar roupa especial que não seja inflamável; atualmente utiliza-se o asbesto e fibras sintéticas incombustíveis. O perigo não provém somente do fogo, mas também dos gases tóxicos formados na combustão; por isto são também necessárias máscaras; o modelo mais comum contém um filtro de carvão ativo, que age como absorvente dos gases nocivos, permitindo a respiração. Se o local está muito invadido pelo fumo e pelos gases tóxicos e não há oxigênio suficiente,

é indispensável o uso de garrafas de ar comprimido. Se for impossível penetrar no edifício por qualquer lugar, dispõe-se de lonas, que um grupo de bombeiros segura para que as pessoas que foram surpreendidas pelo sinistro possam se atirar nelas. Este método, no entanto, não é utilizado com frequência por ser perigoso.

Adestramento e disciplina

Trata-se de consenso e é internacionalmente reconhecido, que a aptidão e a eficiência de um bombeiro subordinar-se diretamente a três fatores básicos: motivação, experiência e formação.

O preparo técnico de um combatente do fogo se processa por um longo e permanente aprendizado, que muitas vezes exige anos, ao longo dos quais vão se acumulando as experiências e os conhecimentos, além da solidificação de um equilíbrio psicológico, que permite operar em situações as mais adversas, inclusive a nível emocional.

A formação técnico-profissional inicia-se já no processo de seleção dos candidatos à função, quer na condição de voluntário, quanto na de profissional. Os homens são escolhidos em razão de aptidão física e psicológica, além de experiência no manejo de instrumentos afins com o exercício da profissão.

Idade, formação escolar, profissão, boa saúde influenciam na seleção mas não é o bastante. Também é preciso que o candidato revele boa conduta moral, conheça-se sua vida pregressa e, em alguns casos, como em Joinville, exige-se do voluntário a apresentação de “folha corrida”.

Por escala, a formação do bombeiro obedece a uma sequência de cursos, treinos, palestras, exercícios, que podem somar muito além das 60 horas básicas de instrução. Integrado a uma corporação, o incorporado continua por longo tempo a receber instruções, inclusive realizando fora da sede, ou do quartel onde serve, cursos específicos de formação e adestramento especializado. Normalmente é assim que funciona: com os soldados de corporações sediadas em cidades

menores, realizando cursos em unidades de cidades mais desenvolvidas, onde as condições técnicas de operacionalidade são maiores e melhores. Assim, é comum que comandantes, subcomandantes, chefes de unidade e de equipe, realizem cursos em Porto Alegre, São Paulo ou mesmo em Florianópolis. Com os anos de atuação, acumulando experiência e instrução, vai se armando paulatinamente a formação de um soldado do fogo.

Outra modalidade de formação, ocorre através das unidades mirins e juvenis, onde o menino de 10 a 14 anos de idade vai desenvolvendo a tríplice condição para a sua efetiva profissionalização, ampliando-se gradativamente os níveis de motivação, experiência e formação.

Um bombeiro mirim, ao longo de 4 anos no mínimo, desenvolve o companheirismo e espírito de corpo, acumula conhecimentos e experiência, podendo receber até 250 horas/aula no período, para só então, de forma gradativa, iniciar sua atuação.

Com a criação no Brasil, nos últimos anos, das corporações voluntárias do soldado-mirim e juvenil, não só se está garantindo a continuidade da corporação e do voluntariado, como se está produzindo uma sensata formação em longo prazo de quadros cada vez mais eficientes e preparados. Trata-se de prática conhecida na Europa, onde tem apresentado resultados auspiciosos, que se inicia no Brasil, onde, por certo, alcançará os mesmos excelentes resultados a médio e longo prazos.

A formação de um bombeiro na Alemanha, país que possui a mais larga experiência no setor, as diferentes funções exigem diferentes tipos de instrução e de prazos. Assim, segundo a Federação Alemã, um comandante de equipe necessita, após a formação básica, de cursos de técnica e profissionalização de 35 a 150 horas. Um comandante de corpo de bombeiros, mais de 16 horas; o comandante de associação, 35 horas; operador de radio telefone, 16 horas; usuário de máscara-respiratória, 20 horas; guarda-máscara-respiratória, 28 horas; e um instrutor-distrital, 35 horas de formação específica.

Treinamento para bombeiros mirins e juvenis.

Treinamento de combate a incêndio e resgate técnico vertical.



A formação obedece a uma escala ascendente, que se aperfeiçoa ao longo dos anos de atividade, através da acumulação de experiência, fator essencial para a melhoria gradativa do desempenho do bombeiro.

Outro aspecto fundamental que integra a formação de um soldado de fogo relaciona-se à questão ética, que se inicia pelo cumprimento rigoroso dos regulamentos disciplinares de cada corporação. Como instituição hierarquizada, simples e rigidamente definida, os bombeiros recebem formação severa no que tange à disciplina e ao senso de obediência, requisitos indispensáveis para o exercício, adiante, de comando diferenciado.

No caso dos Bombeiros Voluntários de Joinville, a mais antiga instituição do gênero da América Latina, o regulamento disciplinar constitui-se de 35 artigos, que se transformam num código de vida que não se restringe à vida tipo castrense, mas avança para aspectos da vida comunitária e social de cada integrante da corporação.

O Artigo 1º reza: “O sócio ativo deve ter bons antecedentes, não estar envolvido em processos criminais e deve estar empregado. O sócio ativo, após ser admitido nesta categoria, receberá o fardamento de serviço e de gala, dentro do seguinte critério: após comparecer, ininterruptamente, 3 semanas aos treinamentos práticos para o recebimento da farda de serviço e 6 meses, para o da farda de gala”.

O código disciplinar dos bombeiros de Joinville, mais de um século depois de criada a instituição, ainda guarda muito dos princípios germânicos de fidelidade, obediência e respeito, que caracterizavam as corporações nos primeiros anos, e que representam o fundamento da larga tradição moral que o mesmo usufrui na comunidade, sendo, também por este aspecto, uma instituição de grande respeitabilidade em todo o país, ao lado de sólido prestígio como corporação de elevada capacidade, em nível de profissionalismo e eficiência.

Por traduzir com fidelidade este perfil de integridade, vale transcrever mais alguns artigos do citado regulamento disciplinar. Artigo 4º “os sócios ativos devem se reunir todas as quartas-feiras, às 20 horas, no quartel da corporação, para os devidos treinamentos teóricos e práticos, com duração de 2 horas. “Trata-se de antiga tradição, soando a sirena convocatória, com pontualidade britânica, às 19h30, todas as semanas. “Pela sirena, há pelo menos cinco décadas, os joinvilenses sabem que os bombeiros estão em treinamento noturno na sede.”



“Todo o sócio ativo deve apresentar, quer no serviço, quer fora dele, um procedimento honrado. Durante o serviço deve mostrar-se correto, pontual, perseverante, obediente, prudente e corajoso”, prescreve o artigo 6º, No Artigo 20, lê-se: “procedimentos inobedientes ou incorretos ao regulamento ou às instruções gerais de serviço em vigor na corporação, serão repreendidos pelo chefe de equipe quando da primeira vez, em caso de reincidência, serão pelo Comando Geral e, em caso de nova reincidência, apelar-se-á pela exclusão do elemento.”

Os Artigos 28 e 29 dispõem sobre a condução de veículos: “os motoristas são responsáveis pelas viaturas por onde estiverem transitando, ou operando, e deverão manter estrita obediência ao Regulamento de Trânsito; e serão responsabilizados por qualquer dano e prejuízo que vierem a causar, por imprudência ou negligência às viaturas da corporação, bem como a de particulares; a velocidade máxima permitida para as viaturas da corporação é de 60 quilômetros/hora”.

Nos artigos 33 e 34, respectivamente, estão previstos os deveres e penas disciplinares, a saber: “são deveres dos chefes, subchefes e líderes em relação a seus subordinados, além dos que lhe são atribuídos pelos Estatutos nos seus capítulos XI, artigos 43 e 44”.

- a) zelar pela disciplina e propor punição na forma e nos limites dos Regulamentos, das instruções Internas em vigor e da C.L.T;
- b) promover um clima de relação funcionais harmônicas e de franca cooperação entre todos;
- c) dar-lhes apoio moral no corrente desempenho de suas funções e incentivá-los a executarem com interesse os seus serviços;
- d) treiná-los em seus serviços, seguindo as melhores técnicas de combate a incêndios e salvamentos;
- e) propor, com frequência, melhoramentos que se fizerem necessários na sua secção, ou nas dependências da corporação;
- f) zelar pela conservação dos equipamentos, viaturas e instalações da corporação;

Artigo 34 – “São penas disciplinares aplicáveis na Corporação:

- a) advertência verbal, para infrações de grau e natureza leves;
- b) advertência escrita, para infrações de grau médio e de natureza leve em reincidências;
- c) suspensão do trabalho, para infrações de grau médio e em caso de reincidência;
- d) demissão por justa causa, por infrações de grau e/ou de natureza grave.”

Industrialização e modernidade

11º capítulo

A rigor, não é possível determinar um momento inicial da grande aventura da expansão europeia. Os homens sempre estiveram profundamente interessados na interminável tarefa de reinventar o mundo e de expandi-lo para fronteiras inimagináveis. Por volta de 1500, com os grandes descobrimentos, graças à bússola e desenvolvimento dos barcos a vela e da arte da navegação, processa-se mais um capítulo desta contínua expansão. Em razão da técnica e de novos equipamentos, que tornaram mais seguras as viagens marítimas, o europeu descobre a América e grandes riquezas. Imediatamente após o capítulo da devastadora exploração de ouro e prata, movido pela ideologia mercantilista, bem como de bárbara destruição das sociedades nativas, registra-se, no Noroeste europeu, no início da chamada Revolução Industrial, decretando um novo tempo para a sociedade humana, o processo de urbanização ainda em andamento, mas com transformações surpreendentes em todos os sentidos, alcançando dimensões tecno-científicas, econômicas, sociais, culturais e espirituais, e universalizando o conhecimento.

No rescaldo das revoluções políticas, da qual a francesa, de 1789, é a mais importante e definidora de um novo paradigma ético, as sociedades europeias aceleram suas transformações econômicas e sociais. É natural, ou melhor, inevitável, que as mudanças de ordem científica e social alcancem as Américas. A profecia de que o mundo se tornaria uma aldeia global, feita em 1964 pelo canadense Marshall McLuhan, na verdade foi caracterizado pelos rumos tomados, há pelo menos dois séculos.

Depois do Iluminismo e das ideias liberalizantes de Montesquieu, de Diderot, de John Locke, de Adam Smith, de Rousseau, que vinham no embalo das transformações originadas pela invenção da Imprensa, por Gutemberg, e da Reforma de Lutero, ambas entre 1450 e 1517, decretar-se-ia a era do desenvolvimento da técnica e da ciência, bases da industrialização e, com ela, da efetiva e irreversível urbanização da humanidade.

Para se compreender as transformações da Europa neste longo e ainda inconcluso período, é preciso entender o “turbilhão da modernidade”. Ele é o agente provocador das mudanças, das contínuas desestruturações e novas reordenações chamadas, “destruições criativas”, a liberdade política, o avanço da industrialização, os estados nacionais, e, mais adiante, o estabelecimento das estruturas burocráticas administrativas que organizam o novo viver das massas, graças aos sistemas de comunicação, daí a explosão urbana, a produção, o consumo, e a política como elemento de aglutinação sobre a liberdade.

Como escrevi em “O amanhecer da modernidade”, no “Voo do Condor”, “as transformações no panorama europeu no século compreendido entre as primeiras manifestações sociais que desembocariam na Revolução Francesa de 1789, às revoluções de 1848, não apenas modificariam por inteiro a ordem social e política que vigiam, como alterariam a ordem das relações, representando o

aniquilamento das estruturas feudais ainda existentes. Foram drásticas estas modificações, trazendo ainda notável explosão demográfica. Não só em razão da aceleração do processo de urbanização, determinado pelo novo sistema de produção, com o industrialismo obtendo ritmo cada vez mais acelerado, como pela melhoria das condições de vida. Especialmente de higiene, pela qual o índice de mortalidade reduziu-se drasticamente. É preciso compreender que até 1789 os povos da Europa conheceram poucas alterações em seus modos de vida, desde os distantes tempos do Império Romano. Os povos viviam em pequenos núcleos rurais, isolados e com difícil comunicação. A alimentação e o vestuário eram de fabrico caseiro. Não existiam condições de desenvolvimento: as estradas eram péssimas e os mercados limitados enquanto a vida se desenvolvia por inteiro nestas comunidades rurais, onde até a cerveja era produzida individualmente, nas habitações rústicas de então.

“Com o advento de novos sistemas de produção, nos albores da Revolução Industrial, em poucas décadas esta situação praticamente milenar, modificar-se-á rapidamente. A população da Europa duplica em pouco menos de cem anos. Entre 1750 e 1850, passa de 140 para 275 milhões de pessoas.

A explosão demográfica, portanto, exerce influência decisiva para o estabelecimento de uma nova ordem social e política. Novos hábitos alimentares, com o consumo em larga escala de batatas, e rações para o gado nos invernos, faz com que carne e leite tenham maior oferta, o que possibilita uma alimentação mais rica. Isto, aliado a novas condições de higiene, faz com que a população cresça, inchando as cidades de gente em busca de emprego nas fábricas. Como estas multiplicam-se aceleradamente, a oferta de emprego se mantém elevada, o que estimula casamentos em idades mais jovens. Com as cidades crescendo, estas populações adquirem força de pressão sobre os governos, impondo mudanças políticas. Assim, as cidades, neste período de miraculosas transformações, acabam constituindo-se em lugares agitados, de grande efervescência social e política, de trabalho intenso e de consumo crescente. Estão ligados os motores da modernidade.”

Mais adiante, também em “O amanhecer da modernidade”, relatei: “as dores do mundo que resultam no parto da modernidade, ocorrem, simultaneamente, em determinado ponto do Noroeste europeu. Tendo como berço a Inglaterra e a França, as duas revoluções desencadeiam um processo irreversível, de ordem planetária, ainda não concluído. A verdade, porém, é que desde então o mundo tem se transformado continuamente, surgindo a mais surpreendente das civilizações: a que retirou o homem do campo, criou o consumo de massas, e desenvolvimento baseado na ciência e na tecnologia e o projetou no espaço, na conquista de novos mundos.

Tentaremos ver como a revolução industrial determina a saída de milhares de europeus para as terras do novo mundo e, como aqui, reproduzindo o que acabara de acontecer em suas terras de origem, os imigrantes realizam a façanha de instalar cidades em florestas e, nestas, sistemas de produção industrializados.”

Sobre a importância deste ciclo revolucionário, que mantém seus desdobramentos até os dias atuais, vale a opinião de Hobsbawm, no seu “A Era das Revoluções”: “não seria exagerado considerarmos esta dupla revolução – a francesa, bem mais política, e a industrial – inglesa – não tanto como uma coisa que pertença à história dos dois países que foram seus principais suportes e símbolos, mas sim como a cratera gêmea de um vulcão regional bem maior. O fato de que as erupções simultâneas ocorreram na França e na Inglaterra, e de que suas



características diferiram tão pouco, não é nem acidental nem sem importância. Mas do ponto de vista do historiador, digamos do ano 3.000, assim como do ponto de vista do observador chinês ou africano, é mais relevante anotar que elas ocorreram em algum ponto do Noroeste europeu e em seu prolongamento de além-mar, é que não poderiam sob hipótese alguma ter ocorrido naquela época em qualquer outra parte do mundo. É igualmente relevante notar que elas são, neste período, quase inconcebíveis sob qualquer outra forma que não a do triunfo do capitalismo liberal burguês.”

Mesmo em processo de rápidas transformações, até meados do século passado, o panorama europeu ainda mantém traços do que foram por quase mil anos: um lugar atrasado, arcaico, imenso em suas dimensões geográficas e pequeno em sua escala cultural. Uma ideia desse mundo, no momento em que se registra a Revolução Francesa, mas que perdura, ainda, na maior parte da Europa pelo século seguinte, é dada pelo historiador Eric J. Hobsbawm: “o mundo de 1789 era, portanto, para a maioria de seus habitantes, incalculavelmente grande. A maioria deles, a não ser que fossem arrancados de sua terrinha por algum terrível acontecimento, como o recrutamento militar, viviam e morriam no distrito ou mesmo na paróquia onde nasceram: ainda em 1861, mais de nove em cada dez habitantes de 70 a 90 departamentos franceses, moravam no departamento onde nasceram.

O resto do mundo era assunto dos agentes governamentais e dos boatos. Não havia jornais, exceto os pouquíssimos periódicos das classes média e alta – ainda em 1814 era de apenas 5 mil exemplares a circulação de um jornal francês e de qualquer forma muito pouca gente sabia ler. As notícias chegavam à maioria das pessoas, através dos viajantes e do setor móvel da população: mercadores e mascates, artesãos itinerantes, trabalhadores da temporada, grande e confusa população de andarilhos que ia desde frades ou peregrinos, até contrabandistas, ladrões e o populacho; e, é claro, através dos soldados que caíam sobre o povo durante as guerras e o aquartelavam nos períodos de paz”.

Apesar dos progressos, ainda em 1850, a sociedade rural preserva traços do feudalismo. O camponês tinha perdido, certamente, a sua condição de servo, que vigorara durante toda a Idade Média, mas ainda mantém as amarras da dependência legal. Para Hobsbawm, “a propriedade típica já de há muito deixara de ser uma unidade de iniciativa econômica, e tinha-se um sistema de cobrança de aluguéis e de outros rendimentos monetários. O camponês mais ou menos livre, grande, médio ou pequeno, era o lavrador típico. Se de alguma forma arrendatário, pagava aluguel ao senhor das terras, ou, algumas áreas, uma quota da safra. Caso fosse tecnicamente um livre proprietário, provavelmente ainda devia ao senhor local uma série de obrigações que não podiam ser convertidas em dinheiro como, por exemplo, a obrigação de enviar o seu milho para o moinho do senhor, assim como devia impostos ao príncipe, dízimos à igreja, e algumas obrigações de trabalho forçado, todas elas em contrastes com a isenção relativa das camadas sociais mais altas.”

A evolução tecnológica que possibilitou o nascimento da moderna indústria, foi um processo lento e difícil. Tão demorado quanto a acumulação de capital que permitiu, mais adiante, a organização dos primeiros empreendimentos mecanizados, a fábrica propriamente dita.

Todos os analistas deste período, são unânimes em reconhecer que de todas as inovações introduzidas no século XVIII, a mais importante foi a da máquina a vapor. As primeiras máquinas deste gênero começaram a ser utilizadas, já em escala industrial, no ano de 1700, mas o aperfeiçoamento que as tornaram



Ao lado: Novo prédio da unidade central, 2017

efetivamente importantes, só viria a acontecer na década de 1760. James Watt projeta uma máquina cuja sofisticação chega ao ponto de promover o impulso retilíneo de um pistão em movimento rotativo. A máquina desperta o interesse imediato de um fabricante de Birmingham, então próspero centro industrial da Inglaterra, de nome Bulton. Este associa-se a James Watt e tem início a produção em larga escala de máquinas a vapor. Isto fez com que, nas últimas décadas do século XVIII, a água cedesse o seu lugar ao vapor como principal fonte de energia na produção manufaturada.

Sobre esta extraordinária conquista, escreve Paul Mantoux, no clássico “A Revolução Industrial no século XVIII”: “este grande acontecimento, a intervenção da máquina a vapor, inaugurou a última fase mais decisiva da revolução industrial. Libertando-a de suas últimas cadeias, o vapor possibilitou o desenvolvimento acelerado e gigantesco da produção industrial em larga escala. Ao contrário da energia hidráulica, que requeria a proximidade de cursos d’água, a energia a vapor livrou a indústria das imposições geográficas e permitiu que ela se distanciasse dos recursos locais. Onde fosse possível adquirir carvão mineral a um preço razoável, instalava-se uma máquina a vapor. A Inglaterra possuía carvão mineral em abundância, cujo emprego, no final do século XVIII, destinava-se aos mais variados fins. Por outro lado, a construção de uma vasta rede de canais reduziu consideravelmente os custos de transporte do carvão, tornando-o mais barato. A Inglaterra transformou-se, assim, num país privilegiado, com condições únicas para o crescimento da indústria. As fábricas já não precisavam ficar confinadas nos vales, às margens de rios caudalosos, onde haviam ensaiado os primeiros passos. Tornou-se possível trazê-las para as proximidades dos mercados de onde provinham as matérias-primas e nos quais vendiam seus produtos, ou para as proximidades dos centros populacionais onde recrutavam mão-de-obra. A aglomeração das indústrias, erigidas uma ao lado da outra, deu origem às gigantescas cidades industriais, de aspecto enegrecido, com as máquinas a vapor despejando ininterruptamente densas nuvens de fumaça.”

A fase seguinte deste processo, que historiadores e economistas classificam de Segunda Revolução Industrial, viria a acontecer nas três últimas décadas do século XIX, entre 1870 a 1900. O que se registra neste segundo período é algo qualitativamente superior ao primeiro. Caracteriza-se por novas descobertas científicas, pela utilização de novas fontes de energia, como a eletricidade e o petróleo, e pela instalação de novos tipos de indústrias. É, em síntese, a combinação da ciência e da técnica, do laboratório e da fábrica.

PARTE 3

Apêndices



Diretoria e Conselho Deliberativo
 Hino dos Bombeiros Voluntários de Joinville
 Juramento e lema
 Estatuto Social
 Regulamento Disciplinar
 “Ordem da Machadinha” (agraciados até 2017)

BOMBEIROS ATIVOS DESDE O CENTENÁRIO:

Nome	Data de ingresso na corporação
Henry Schmalz (Comandante de Honra)	01/11/44
Romeu Ernesto Dressel - Equipe Tradição	22/01/58
Oswaldo Curt Baumrucker - Equipe Tradição	01/03/63
Flavio Nunes - Equipe Tradição	27/11/63
Levíno Zietz - Equipe Tradição	15/09/65
Edgar Seiler - Equipe Tradição	26/06/67
Rolf Benno Muller - Equipe Tradição	15/06/68
Ingo Karnop - Equipe Tradição	19/04/72
Oswaldo Longo Pereira - Equipe Tradição	20/09/77
Elias Guessser - Equipe Tradição	01/03/78
Bento Ademir Maliceski -Equipe Tradição	01/04/84
Salésio Caon Sobrinho - Equipe Tradição	01/06/84
Clesio Maximiano Torre	04/02/85
Luciano Mendonça Seiler	10/02/85
Márcio René Baumrucker - Equipe Tradição	01/06/85
Valmor Maliceski - Equipe Tradição	04/02/87
Heitor Ribeiro Filho	05/03/88
Marcio Cesar Soares Ferreira	18/08/89
Geremias Garcia Neto	26/03/90
Luis Carlos Gomes de Oliveira	07/08/90
Valdemar Iaguzeski	01/06/91
Daniel Antonio Bueno	09/02/91
Marcio José Lamim	10/01/92
Rodrigo João de Souza	20/03/92
Ricardo Vitorino de Souza	10/03/92
Pedro Airton Carlin	01/04/92
Ednilson Kleimann	22/04/92
Ayres Cristian Olsen - Equipe Tradição	11/10/92

Da esquerda para a direita:
 Equipe Tradição:
 Rolf Benno Muller, Elias Guessser,
 Salésio Sombrio, Márcio Rene
 Baumrucker, Romeu Ernesto
 Dressel, José Domingues Moreira,
 Bento Maliceski, Edgar Seiler.



Conselho Deliberativo

Membros Natos

Comandante do 62º Batalhão de Infantaria

Coronel Alexandre M. de Jesus

Prefeito Municipal

Udo Dohler

Presidente da Câmara Municipal de Joinville

Fernando Krelling

Presidente da Associação Comercial Industrial de Joinville

Moacir G. Thomazi

Ex Presidentes

Udo Dohler

Raul Schmidt

José Henrique Carneiro de Loyola

Felinto Koerber

Ney Oswaldo Silva Filho

Mario Kruger

Ex Comandantes

Henry Schmalz

Valmor Maliceski

Heitor Ribeiro Filho

Presidente da Associação dos Bombeiros Voluntários de Santa Catarina

Moacir G. Thomazi

Sócios Contribuintes

mandado 2017/2019

Adelir Hercilio Alves,
Adriano Bornschein Silva,
Alencar Guilherme Lehmkuhl,
Alexandre Rosenstock,
Antonio Hang,
César Pereira Döhler,
Dolores Carolina Tomaselli,
Ednelson José Meyer,
Ernesto Heinzelmann,
Georg Wigand Schmidt,
Hirio Antonio Wolf,
Ivan Frederico Hudler,
Jaime Romagna Grasso,
João Joaquim Martinelli,
Jose Bonezzi,
José Carlos Meinert,
Marcelo Hack,
Mario Zendron,
Moacir Luiz Bogo,
Oscar Ricardo Hromatka,
Oswaldo Helbig,
Ovandi Rosenstock,
Raulino João Schmitz,
Sergio Maliceski e
Vicente Otávio Martins de Resende.

Sócios Ativos

mandado 2016/2018

Abel Pereira,
Ayres Christian Olsen,
Bento Ademir Maliceski,
Claiton Ramos dos Santos,
Edgard Seiler,
Elias Guesser,
Esequiel de Sales,
Flavio Nunes,
Gilnei Rodrigues Lima,
Hemerson Luis da Veiga,
Jackson Renato Seidel,
Jeferson Fernandes Alves,
Levino Zietz,
Luciano Favarim,
Luciano Mendonça Seiler,
Marcio René Baumrucker,
Melania Irmã Felix,
Moises Schoroeder,
Oswaldo Kurt Baumrucker,
Rolf beno Muller,
Romeu Ernesto Dressel,
Salésio Coan Sombrio,
Sidney dos Santos Teixeira,
Sidney Rodrigues de Andrade e
Weder Matias de Faria.

Diretoria

mandado 2016/2018

Presidente: Moacir Gervazio Thomazi
Diretor Financeiro: José Carlos Meinert
Diretor Administrativo: Marcos Luiz Krelling

Vice Presidentes:

Adelir Hercílio Alves,
Adriano Bornschein Silva,
Alexandre Rosenstock,
César Pereira Dohler,
Danilo Conti,
Dolores Carolina Tomaselli,
Ednelson José Meyer,
Francisco Mauricio Jauregui,
Hirio Antonio Wolf,
Ivan Frederico Hudler,
Mário Zendron,
Raulino João Schmitz.

Comando Geral

mandado 2016/2018

Comandante: Jaekel Souza
Subcomandante: Jackson Jasper
Subcomandante Voluntário: Jackson Seidel

Hino dos Bombeiros Voluntários de Joinville

(criado e oficializado no ano de centenário, 1992).

MÚSICA:

Composição do Maestro Tibor Reisner

LETRA:

*Maestro Tibor Reisner
com a colaboração do Maestro Luiz Fernando Melara
Ruy Randolpho Weber.*

Em mais de um século de luta
Nós bombeiros de Joinville
Sempre lutamos com coragem
Protegendo a nossa gente!
Nunca falhamos, sempre vencemos
Com determinação.
Nosso juramento é sagrado
Nossa honra varonil.
Seja o que for, com destemor,
Aliviamos muita dor.

Somos soldados, soldados sem temor,
Não desistimos da nossa luta
Contra o mal da água e do fogo.
Somos soldados, soldados com amor.
Nem do fogo nem da morte temos medo!
Somos heróis, voluntários de todo coração.



Quadro de divisas

COMANDANTE	
SUBCOMANDANTE	
CHEFE DE EQUIPE / COORDENADOR	
SUB-CHEFE	
LÍDER DE EQUIPE	
MONITOR	

**Existente somente nas equipes de Voluntários Operacionais, Aspirantes e Mirins*

Juramento do Bombeiro

Prometo cumprir com zelo todas as obrigações de bombeiro;
Socorrer as pessoas que necessitarem do meu auxílio;
Cumprir rigorosamente os estatutos da Sociedade;
Respeitar os meus superiores hierárquicos;
Viver em completa camaradagem e,
dar com o meu comportamento
um exemplo a todos os meus companheiros.
ASSIM PROMETO.

Lema dos Bombeiros Voluntários de Joinville

“Um por todos e todos por um.
Em nome de Deus e em defesa do próximo.”

Estatuto Social da Associação Sem Fins Lucrativos Sociedade Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville

CAPÍTULO I – Da Sociedade e seus Fins

Art. 1º – A Sociedade Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville, na Rua Jaguaruna nº 13, neste Estado de Santa Catarina, fundada em 13 de julho de 1892, sem prazo determinado de duração, é uma Associação sem fins lucrativos, que será norteadada pelo presente Estatuto Social e pela legislação vigente, com personalidade jurídica e patrimônio distintos, que tem por objetivos:

- a) Manter um corpo de cidadãos que, com especial empenho e sob o regime de voluntariado, esteja pronto para execução de serviços de combate a incêndios; busca e salvamento; prestações de socorros em casos de inundações, desabamentos, catástrofes e calamidades públicas;
- b) Exercer outras atividades de apoio e socorro à comunidade;
- c) Participar das ações que lhe forem confiadas pelas autoridades e órgãos locais de defesa civil;
- d) Executar tarefas de prevenção contra sinistros inclusive realizar, quando autorizada pelos órgãos competentes, vistorias e laudos técnicos;
- e) Cooperar com as unidades de Bombeiros Militares e com brigadas internas contra incêndios mantidas pela empresa privada ou órgãos públicos;
- f) Manter uma Sede Social para promover a solidariedade entre as pessoas e o sadio companheirismo entre os bombeiros em geral;
- g) Cultivar o sentimento de respeito e prestígio às autoridades constituídas inclusive participar de desfiles e solenidades cívicas em geral;
- h) Promover a constituição de corpos de bombeiros voluntários em outros municípios;
- i) Instalar e manter em funcionamento o Museu Nacional dos Bombeiros;
- j) Instalar e manter em funcionamento Unidades Regionais no Município de Joinville;
- k) Manter um centro de treinamento integrado para formação e treinamento de seu corpo ativo, dos demais bombeiros voluntários e de brigadas de empresas privadas, bem como da população em geral;
- l) Proporcionar aos associados o necessário conforto social e buscar junto à comunidade o reconhecimento da benemerência de suas atividades comunitárias.

§ único – Todas as iniciativas desta Sociedade ficam condicionadas as suas possibilidades econômico-financeiras.

CAPÍTULO II – Da Admissão de Sócio

Art. 2º – A Sociedade é formada por quatro categorias de sócios:

- a) Sócios Ativos
- b) Sócios Contribuintes

- c) Sócios Honorários
- d) Sócios Remidos

§ 1º – Só terão direito a voto nas Assembleias Gerais os sócios ativos e contribuintes.

§ 2º – O Sócio com direito a voto poderá ser representado, por outro sócio com direito a voto nas Assembleias Gerais, mediante procuração específica.

Art. 3º – A admissão de Sócios Ativos obedece ao seguinte critério: toda pessoa que tiver atingido a idade de 18 anos, gozar de bom conceito e irrepreensível conduta, poderá ser aceita, por decisão do Alto Comando.

Art. 4º – A categoria de Sócios Contribuintes é formada por pessoas de ambos os sexos, maiores de 18 anos, bem como por pessoas jurídicas de qualquer espécie.

§ 1º – A admissão de Sócios Contribuintes compete à Diretoria, a seu exclusivo critério e mediante deliberação da maioria dos membros em reunião realizada para este fim.

§ 2º – Além dos Sócios Contribuintes, a Sociedade poderá ter como mantenedores pessoas físicas ou jurídicas não-Sócias que desejem contribuir gratuita e voluntariamente, as quais, todavia, não gozarão de quaisquer direitos de sócios.

Art. 5º – Às categorias de Sócios Honorários e Remidos poderão ser indicados.

I – Pelo Alto Comando, o Título de Sócio Honorário aos Sócios Ativos após vinte anos de serviços prestados;

II – Pela Diretoria, O Título de Sócio Remido aos Sócios Contribuintes após quarenta anos de contribuição.

§ único – As categorias supracitadas estarão isentas de qualquer contribuição pecuniária.

CAPÍTULO III – Dos Direitos dos Sócios

Art. 6º – São direitos dos Sócios Ativos:

- a) Participar das festividades sociais, quando em pleno gozo de seus direitos;
- b) Defender-se perante o Alto Comando no caso de queixas contra sua pessoa, não podendo ser julgado sem ser ouvido e contra a decisão do Alto Comando assiste-lhe o direito de apelar para o Conselho Deliberativo;
- c) Fazer ver ao Alto Comando quaisquer abusos ou irregularidades praticadas por Sócios Ativos ou outras pessoas em detrimento da Sociedade;
- d) Recorrer das decisões do Alto Comando, para o Conselho Deliberativo, quando julgá-las contrárias aos direitos e interesses da Sociedade;
- e) Tomar parte nas Assembleias Gerais, podendo propor, votar e ser votado;
- f) Requerer à Diretoria, com assinatura de pelos menos 1/3 (um terço) dos Sócios Ativos em pleno gozo de seus direitos sociais, uma Assembleia Geral para resolver assuntos de interesse social;
- g) Protestar contra a Diretoria quando esta faltar com a devida justiça e também quando os interesses da Sociedade estiverem sendo prejudicados por má administração.

- h) Isenção do pagamento de joias ou mensalidades sociais;

§ único – Para o fim previsto na letra “f” do presente artigo, a convocação não poderá ser retardada por mais de oito dias. Se estas disposições não forem cumpridas pela Diretoria, os requerentes terão o direito de dirigirem-se diretamente ao Conselho Deliberativo, cujas resoluções serão então válidas.

Art. 7º – São direitos dos Sócios Contribuintes:

- a) Participar das festividades em pleno gozo de seus direitos;
- b) Tomar parte nas Assembleias Gerais, podendo propor e votar e, ainda:
 - b.1) Se pessoa física, ser votado;
 - b.2) Se pessoa jurídica, indicar pessoa física que faça parte da administração par ser votado;
- c) Defender-se perante a Diretoria, baseado nas letras “b” e “d” do Art. 6º, no que for o referido artigo aplicável ao caso, e recorrendo das decisões da Diretoria para o Conselho Deliberativo.

Art. 8º – São direitos dos Sócios Honorários e Remidos:

Aos Sócios Honorários e Remidos assistem os mesmos direitos dos Sócios Contribuintes, com exceção do direito de voto que é exclusivo dos Sócios Ativos e Contribuintes.

CAPÍTULO IV – Dos Deveres dos Sócios

Art. 9º – São deveres dos Sócios Ativos:

- a) Observar e cumprir o presente Estatuto Social, o Regulamento Disciplinar da Sociedade e as demais instruções normativas em vigor;
- b) Acatar as resoluções dos poderes da Sociedade;
- c) Respeitar e tratar com a máxima cortesia os seus consórcios;
- d) Zelar pela conservação do patrimônio da Sociedade, indenizando-a no prazo concedido pelo Alto Comando, por qualquer prejuízo que causar por sua culpa, imprudência ou negligência;
- e) Proceder sempre corretamente quando a serviço da Sociedade;
- f) Promover o engrandecimento da Sociedade e a mais perfeita harmonia entre seus membros;
- g) Exercer os cargos para os quais for eleito ou nomeado com zelo e dedicação, caso contrário, poderá ser exonerado do cargo pelo Alto Comando e nomeado outro para preencher a vaga até a próxima eleição;
- h) Comparecer obrigatoriamente aos exercícios práticos e pôr-se à disposição do Alto Comando em caso de qualquer perigo;
- i) Tomar parte em todas as manifestações de caráter cívico para as quais a corporação tenha sido convidada;
- j) Prestar obediência aos seus superiores hierárquicos.

Art. 10º – São deveres dos Sócios Contribuintes:

- a) Observar e cumprir o presente Estatuto Social e regulamentos em vigor;
- b) Acatar as decisões dos poderes da Sociedade;
- c) Respeitar as decisões de Sócios investidos de autoridades por força do Estatuto Social;
- d) Exercer os cargos para os quais for eleito ou nomeado com zelo e dedicação;

e) Não se fazer acompanhar no recinto social, nas reuniões ou festividades promovidas pela Sociedade, por elementos eliminados do quadro social, principalmente por pessoas cuja reputação for incompatível com o bom nome e os ideais desta Sociedade;

f) Pagar pontualmente sua contribuição social.

CAPÍTULO V – Do Patrimônio e das Despesas Sociais

Art. 11º – O Patrimônio Social é constituído de:

a) Imóveis que possua ou venha a possuir;

b) Donativos ou legados testamentários que vier a receber;

c) Produto das joias e mensalidades dos Sócios Contribuintes;

d) Receita líquida proveniente da exploração de imóveis ou dependências da Sociedade;

e) Móveis e utensílios, veículos e apetrechos que possua ou venha possuir;

f) Receita proveniente de festividades sociais que realizar;

g) Subvenções dos poderes Públicos;

h) Contribuições de pessoas físicas e jurídicas que aderirem a campanhas instituídas em caráter temporário ou permanente.

§1º – A Sociedade, sem fins lucrativos, aplicará suas rendas, seus recursos e eventual resultado operacional integralmente no território nacional e na manutenção e desenvolvimento de seus objetivos institucionais.

§2º – A Sociedade, sem fins lucrativos, aplicará as subvenções e doações recebidas nas finalidades a que estejam vinculadas.

§3º – A Sociedade, não distribui resultados, dividendos, bonificações, participações ou parcelas do seu patrimônio, sob nenhuma forma ou pretexto.

Art. 12º – Consideram-se despesas da Sociedade:

a) O pagamento de impostos, taxas, aluguéis e outras similares;

b) O pagamento de juros, cotas e amortizações de dívidas hipotecárias, empréstimos e títulos de dívidas;

c) A conservação dos bens da Sociedade, móveis, imóveis, veículos e material existentes;

d) Custeio das festividades sociais promovidas pela Sociedade;

e) Despesas de administração em geral como: material de expediente, comunicações, comissões de cobrança, energia e água, viagens e representações, seguros;

f) Despesas de manutenção de veículos e consumo de combustível e lubrificante;

g) Despesas com pessoal, compreendendo salários e adicionais, FGTS, contribuições de previdência, seguro, assistência social, gratificações, treinamento, alimentação, uniformes, alojamentos e outras correlatas;

h) Outras, compatíveis com os objetivos e necessários ao funcionamento da Sociedade.

CAPÍTULO VI – Dos Poderes da Sociedade e dos Órgãos da Administração

Art. 13º – Os poderes da Sociedade são os seguintes:

a) Assembleia Geral;

b) Conselho Deliberativo;

c) Diretoria;

d) Conselho Fiscal;

e) Alto Comando.

CAPÍTULO VII – Da Assembleia Geral

Art. 14º – A Assembleia Geral é órgão soberano da Sociedade e constitui-se dos Sócios Ativos e Contribuintes em pleno gozo de seus direitos sociais. Cabendo-lhe a aprovação das contas, a eleição e a destituição do Conselho Deliberativo, a eleição da Diretoria, por proposta do Conselho Deliberativo, a alteração deste Estatuto e ainda outras atribuições nele estabelecidas.

Art. 15º – As Assembleias Gerais terão lugar ordinariamente uma vez por ano, durante o mês de junho, e extraordinariamente sempre que os interesses da Sociedade o exigirem.

Art. 16º – Para a Assembleia Geral poder funcionar observar-se-á o seguinte:

a) Em primeira convocação, se estiverem presentes pelo menos 2/3 (dois terços) dos Sócios Ativos e Contribuintes;

b) Em segunda convocação, com qualquer número de Sócios Ativos e Contribuintes, ressalvado o disposto no §2º.

§1º – As deliberações nas Assembleias, serão tomadas por Sócios Ativos e Contribuintes que representem a maioria dos presentes.

§2º – Para as deliberações que tenham como finalidade a alteração do Estatuto Social e a destituição de Membros da Diretoria é exigido deliberação da Assembleia especialmente convocada para esse fim.

Art. 17º – A Assembleia Geral obedecerá às seguintes formalidades:

a) É convocada pelo Presidente da Diretoria, por edital publicado na imprensa, com antecedência mínima de 3 (três) dias;

b) As reuniões da Assembleia Geral são abertas e presididas pelo Presidente da Diretoria ou, no seu impedimento, pelo seu substituto;

c) A mesa da Assembleia Geral será constituída pelo Presidente, ou seu substituto, o qual escolherá, entre os presentes, um secretário, que redigirá a ata, e dois escrutinadores quando necessário;

d) Para início dos trabalhos da Assembleia Geral será concedida uma tolerância de 15 (quinze) minutos, improrrogáveis, sobre a hora marcada. Findo o prazo de tolerância, o Presidente verificará o total das assinaturas no livro de presença e, se não houver número legal para abertura da sessão, mandará lavrar o termo de encerramento da primeira convocação para ½ (meia) hora mais tarde, a qual terá a mesma tolerância de 15 (quinze) minutos e funcionará com qualquer número de Sócios Ativos e Contribuintes presentes, ressalvada a hipótese no §2º do Artigo anterior;

e) As resoluções tomadas por uma Assembleia Geral só poderão ser anuladas ou reformadas por resolução de nova Assembleia Geral, produzindo, durante sua vigência, todos os efeitos legais;

f) Nas sessões das Assembleias Gerais só poderão ser tratados os assuntos constantes da ordem do dia ou da convocação.



CAPÍTULO VIII – Do Conselho Deliberativo

Art. 18º – O Conselho Deliberativo resolverá as questões da esfera de ação que lhe é atribuída por este Estatuto.

Art. 19º – Conselho Deliberativo é composto de 50 membros eleitos pela Assembleia Geral, sendo 25 Sócios Ativos e 25 Sócios Contribuintes, além dos membros natos a saber: Comandante 62º BI, Prefeito Municipal, Presidente da Câmara de Vereadores e Presidente da Associação Comercial e Industrial de Joinville, todos desta cidade, e ainda o Presidente da Associação de Bombeiros Voluntários no estado de Santa Catarina – ABVESC, os Ex-Presidentes e os Ex-Comandantes da Sociedade enquanto permanecerem sócios da entidade.

Art. 20º – O Conselho Deliberativo reunir-se-á ordinariamente uma vez por ano, dentro de 180 dias após o encerramento do exercício social, que coincide com o ano civil, para os fins previstos no artigo 21, letras “a”, “b” e “c” e extraordinariamente sempre que os interesses sociais o exigirem, principalmente para os demais fins prescritos no Artigo 21.

§ único – As reuniões do Conselho Deliberativo são convocadas e presididas pelo Presidente da Diretoria, não terão quorum mínimo de instalação de deliberação conforme a maioria de votos dos conselheiros presentes.

Art. 21º – Ao Conselho Deliberativo compete:

- a) Eleger o Conselho Fiscal e nomear o Alto Comando;
- b) Conferir as categorias de Sócios Honorários e Remidos indicados pelo Alto Comando ou pela Diretoria;
- c) Aprovar ou não o Relatório e as Demonstrações Financeiras Anuais apresentadas pela Diretoria com parecer do Conselho Fiscal, ad referendum da Assembleia Geral, e os relatórios de eventuais Comissões e do Alto Comando;
- d) Tomar conhecimento dos atos da Diretoria e do Alto Comando, impugnados por qualquer Sócio e que sejam em grau de recurso e sujeitos a sua decisão.

Art. 22º – Exceto os membros natos do Conselho Deliberativo, cujo prazo de mandato é indeterminado, os demais, eleitos, terão mandato de 2 (dois) anos, intercalando-se a eleição dos representantes dos Sócios Ativos com a eleição dos representantes dos Sócios Contribuintes, sendo obrigatória, em cada eleição, a renovação de 5 (cinco) dos membros de cada representação.

§ único – O prazo de gestão estender-se-á até a investidura dos novos membros eleitos.

CAPÍTULO IX – Da Diretoria

Art. 23º – A Diretoria, eleita na forma do Artigo 14º, terá mandato de 2 (dois) anos, permitida a reeleição, e será formada pelos seguintes membros: Presidente, 12 Vice-Presidentes, Diretor Administrativo e Diretor Financeiro.

§1º – Em cada eleição de Diretoria deverá obrigatoriamente haver substituição de pelo menos três de seus membros.

§2º – Todos os membros da Diretoria deverão participar alternadamente do processo de substituição, podendo os substituídos serem reconduzidos em quaisquer eleições que se seguirem.

§3º – O prazo de gestão estender-se-á até a investidura de novos membros eleitos.

Art. 24º – Na vacância de cargos na Diretoria observe-se-á:

- a) O Presidente será substituído pelo vice-Presidente citado em primeiro lugar na ata de eleição e assim sucessivamente;
 - b) O Diretor Administrativo e o Diretor Financeiro serão substituídos por um dos Vice-Presidentes, escolhido em reunião da Diretoria;
 - c) Os Vice-Presidentes poderão manter cargos vagos até que se reduzam a 6 (seis) quando então será convocado o Conselho Deliberativo para preenchê-los.
- Art. 25º – Compete à Diretoria, além de outras atribuições previstas neste Estatuto:
- a) A administração da Sociedade em geral cabendo-lhe, nos termos deste Estatuto e através dos seus membros, todos os atos necessários à consecução dos objetivos sociais;
 - b) Organizar e reformar os regulamentos especiais, sem ferir o presente Estatuto, devendo cada um deles ser submetido à consideração do Conselho Deliberativo;
 - c) Admitir, emitir e fixar os salários dos empregados e as percentagens dos cobradores;
 - d) Aprovar a admissão de Sócios Contribuintes e aumentar ou diminuir, de acordo com as conveniências sociais, as joias e as contribuições desta categoria;
 - e) Reunir-se ordinariamente uma vez por mês, em conjunto com o Alto Comando, sempre na primeira quarta-feira útil do mês, ou extraordinariamente por convocação do Presidente sempre que os interesses da Sociedade assim exigirem;
 - f) Indicar Sócios Contribuintes à Categoria Sócios Remidos.

Art. 26º – Ao Presidente da Diretoria, além de outras atribuições previstas no Estatuto Social, compete:

- a) Representar a Sociedade em suas relações externas e em juízo, ativa e passivamente, pessoalmente ou por procurador legalmente constituído;
- b) Nomear os representantes da Sociedade para as reuniões cívico-sociais para as quais a Sociedade tenha sido convidada e nas quais esteja impedido de comparecer, observando que ela seja, sempre que possível, representada pelo Presidente conjuntamente com o Comandante ou por seus substitutos;
- c) Convocar, quando achar necessário, as reuniões da Diretoria e do Conselho Deliberativo e presidi-las;
- d) Ter o voto de desempate nas reuniões que presidir;
- e) Fiscalizar a execução de todos atos administrativos;
- f) Organizar o Relatório Anual das atividades da Sociedade com o concurso do Alto Comando, submetendo-o, acompanhado das respectivas demonstrações financeiras, à apreciação e aprovação do Conselho Deliberativo após parecer do Conselho Fiscal;
- g) Nomear comissões especiais para os fins que julgar necessário, visando o engrandecimento da Sociedade e uma melhor administração, seja técnica, social ou financeira;
- h) Deliberar sobre as diretrizes do marketing da corporação e fixar dotação em termos percentuais sobre a receita para esta destinação.



Art. 27º – Aos Vice-Presidentes compete cooperar com o Presidente no desempenho de suas atribuições, substituí-lo em suas ausências e impedimentos, na ordem de suas citações na ata de eleição e desempenhar funções especiais ou missões designadas pelo Presidente, inclusive a substituição temporária ou definitiva do Diretor Administrativo ou do Diretor Financeiro.

Art. 28º – Ao Diretor Administrativo compete dirigir e distribuir os serviços internos da secretaria, registrar os atos dos poderes da Sociedade e coligir os dados necessários ao relatório da Diretoria, firmado pelo Presidente.

Art. 29º – Ao Diretor Financeiro compete elaborar a proposta anual do orçamento a ser submetido e aprovado pelo Conselho Deliberativo, bem como superintender os serviços gerais da tesouraria, responsabilizando-se pelo processo de arrecadação da receita e pagamento das despesas, escrituração contábil e a elaboração dos balancetes mensais e demonstrações financeiras anuais da Sociedade.

Art. 30º – O Vice-Presidente administrador do Museu Nacional do Bombeiro contará com dotação orçamentária para, de acordo com o seu regulamento e diretrizes da Diretoria, administrá-lo apresentando-lhe relatórios das atividades do ano anterior, até o mês de março de cada ano.

Art. 31º – Compete a quaisquer dos Diretores, sempre em conjunto de dois, ou um deles juntamente com um procurador, assinar todos os documentos em geral, instrumentos contratuais, inclusive aceitar, emitir ou endossar cheques ou títulos cambiais.

CAPÍTULO X – Do Conselho Fiscal

Art. 32º – O Conselho Fiscal, eleito por 2 (dois) anos da forma do Artigo 21 letra “a”, permitida a reeleição, é composto de 3 (três) membros: dois Sócios Ativos e um Sócio Contribuinte e respectivos suplentes.

Art. 33º – Os 3 (três) membros do Conselho Fiscal elegerão entre si e dentre eles um Presidente e este designará, também dentre eles, um Secretário.

Art. 34º – Compete ao Conselho Fiscal:

- a) Examinar todos os livros de escrituração da Sociedade, inclusive todos os documentos da receita e das despesas, procedendo à verificação dos saldos;
- b) Levar ao conhecimento do Conselho Deliberativo as faltas ou as irregularidades encontradas, indicando as causas, os responsáveis e as medidas a serem tomadas;
- c) Emitir parecer por escrito sobre as demonstrações financeiras bem como sobre todas as consultas que lhe forem feitas pelos poderes da Sociedade;
- d) Quando convocado pelo Presidente da Diretoria, tomar parte nas reuniões da Diretoria, podendo seus membros discutir e votar os assuntos propostos e debatidos;
- e) Solicitar do Presidente da Diretoria a convocação do Conselho Deliberativo para os fins previstos na letra “b” do presente artigo;
- f) Solicitar à Diretoria todos os esclarecimentos que julgar necessários para o exato desempenho de suas atribuições.

CAPÍTULO XI – Do Alto Comando

Art. 35º – Os membros do Alto Comando, serão nomeados por até 2 (dois) anos, na forma do Artigo 21, letra “a”, podendo ser mantidos no todo, ou em parte por iguais períodos, substituídos ou remanejados a qualquer tempo pelo Conselho Deliberativo por proposta da Diretoria ou pelo Presidente ad referendum deste.

§ único: O Alto Comando é composto pelos seguintes cargos:

- a) Comandante Institucional;
- b) Comandante Operacional;
- c) Subcomandante dos Voluntários.

Art. 36º – Compete ao Alto Comando:

- a) Nomear o Ajudante de Ordem, o Chefe Instrutor Geral e, para as Equipes de Voluntários, Aspirantes, Mirins e Socorristas os seguintes membros: Chefes de Equipes, Subchefes de Equipes, Líderes de Equipes e Monitores;
- b) Propor à Diretoria as necessárias alterações na estrutura ou organograma voltado à atividade fim, o que pode ser feito a qualquer época ad referendum do Conselho Deliberativo;
- c) Compatibilizar o parque de veículos e equipamentos da corporação com as diretrizes do Conselho Deliberativo em função das necessidades e dos recursos disponibilizados;
- d) Com a participação dos Diretores, Presidente e Financeiro e membros voluntários de reconhecida experiência, compor comissão de compras e vendas que deliberará dentro dos parâmetros dos valores estabelecidos pela Diretoria;
- e) Guarda, segurança e manutenção dos bens da Sociedade;
- f) Oferecer suporte técnico e de pessoal para a manutenção e operacionalização do Museu Nacional dos Bombeiros e de Banda Fanfarras;
- g) Promover a instrução e o treinamento do pessoal subalterno, mantendo um Corpo de Aspirantes compostos de jovens de 15 a 18 anos, e um Corpo de Mirins, de jovens de 10 a 14 anos, desde que aptos física e mentalmente, com prerrogativas de assistirem reuniões do Conselho Deliberativo e Assembleia Gerais, sem direito a voto;
- h) Buscar permanente aperfeiçoamento de seus membros, do uso da informática e do sistema de comunicações para sempre melhor desempenho da Corporação;
- i) Manter atualizado um sistema de registro de ocorrências e estatísticas da Sociedade;
- j) Manter estreito relacionamento técnico e operacional com a Defesa Civil do Estado e do Município, objetivando o planejamento para a pronta ação conjunta em casos de emergência ou calamidade pública.

Art. 37º – Compete ao Comandante Institucional:

- a) Coordenar o desenvolvimento e a execução do plano estratégico da Corporação;
- b) Representar a Corporação e buscar apoios institucionais, jurídicos, financeiros e outros, junto a entidades políticas (Câmara de Vereadores – Assembleia Legislativa Estadual, Governo Municipal, Estadual e Federal) organizações representativas de classe;
- c) Responsabilizar-se pela participação e representação da Sociedade nos

eventos cívicos e sociais no Município ou onde o Diretor Presidente determinar, considerando-se seu acompanhante, sempre que o mesmo se fizer presente;

d) Acompanhar as AG. Reuniões do Conselho Deliberativo, assistido dos demais membros do Alto Comando, relatando sistematicamente os resultados das ações desenvolvidas;

e) Concentrar-se na busca de fontes de receita para a Corporação, especialmente através de pessoas jurídicas, desenvolvendo estratégias para esse fim;

f) Representar a Corporação junto a ABVESC, quando necessário representar a Diretoria e acompanhar o Comandante Operacional;

g) Realizar demais atividades que lhe forem atribuídas pela Diretoria.

Art. 38º – Compete ao Comandante de Operações:

a) Nomear os coordenadores do setor de treinamento – CEI, atividades técnicas – CAT – e das equipes efetivas;

b) Manter atualizado um sistema de registro de ocorrências e estatísticas da Sociedade, relatando sistematicamente seu status a Diretoria e Comunidade em geral, através dos meios de comunicação;

c) Compatibilizar a frota de veículos e equipamentos da Corporação, com as diretrizes financeiras da Diretoria e Conselho Deliberativo, em função das necessidades e dos recursos disponibilizado, e administrar o setor de conservação e assistência técnica dos veículos, edificações e equipamentos da Sociedade;

d) Garantir a capacitação técnica e operacional do pessoal subalterno, mantendo equipes de voluntários e efetivos operacionais, voluntários não operacionais, aspirantes e mirins;

e) Cumprir as orientações recebidas da Diretoria, relatando o desempenho de suas atividades;

f) Administrar as atividades operacionais dos coordenadores e equipes sob sua responsabilidade, bem como os recursos financeiros que forem destinados a atividade operacional;

g) Atuar de forma harmônica com a área de recursos humanos que lhe assegurará quadros de recursos humanos devidamente recrutados, bem como, determinar punições e demissões quando necessária para manutenção da ordem e disciplina;

h) Supervisionar as atividades do setor de treinamento – CEI – atividades técnicas – CAT – e apoio operacional, humanizando as ações destes setores e valer-se das recomendações técnicas e logísticas dos mesmos em seus programas de ações;

i) Coordenar as atividades do Subcomando dos Voluntários, assegurando-lhe condições para a execução de suas atividades informando-lhe diretrizes de suas funções e fazendo acompanhamento de suas atividades;

j) Guarda, segurança e manutenção dos bens da Sociedade;

k) Com a participação dos Diretores, Presidentes e Financeiro e demais membros da Diretoria, deliberar sobre a compra e venda de equipamentos;

l) Compôr comissão técnica de compras e vendas de equipamentos que deliberará dentro dos parâmetros dos valores estabelecidos pela Diretoria, nos assuntos relacionados a edificações, frota, equipamentos, etc.;

m) Oferecer o suporte técnico e de pessoal, para a manutenção e operacionalização do Museu Nacional dos Bombeiros e da Banda Fanfarra;

n) Participar ativamente das reuniões de CMT – e no âmbito da ABVESC;

o) Propor a Diretoria as necessárias alterações na estrutura, ou organograma, voltado a atividade fim o que pode ser feito a qualquer época ad referendum do Conselho Deliberativo;

p) Buscar permanente aperfeiçoamento de seus membros, do uso da informática e do sistema de comunicações para sempre melhor desempenho da Corporação;

q) Outras atribuições que lhe forem confiadas pela Diretoria.

Art. 39º – Compete ao Subcomandante do Voluntariado:

a) Cumprir e fazer cumprir as decisões do Comandante Operacional, relatando-lhe o desempenho de suas atividades;

b) Responsabilizar-se por selecionar e incorporar o pessoal necessário a formação do quadro de voluntários da Sociedade;

c) Nomear os coordenadores das equipes voluntárias sob sua responsabilidade e analisar nomeações feitas pelos seus coordenadores para os cargos de Subchefes, Líderes e Monitores;

d) Dar prioridade a ampliação do quadro de voluntários;

e) Elaborar planos e coordenar atividades de inclusão e aproximação dos brigadistas industriais nas atividades da Corporação;

f) Desenvolver e executar com especial compromisso planos, políticas e práticas que permitam o entrosamento permanente dos bombeiros voluntários com os bombeiros efetivos e brigadistas industriais e sociedade em geral;

h) Responder pela elaboração, supervisão e aplicação dos treinamentos necessários;

i) Outras atividades e atribuições que lhe forem confiadas pela Diretoria ou pelo Alto Comando.

Art. 40º – Compete ao Ajudante de Ordem:

a) Estar à disposição do Comandante, auxiliando-o em suas atribuições e missões que lhe forem confiadas pelo Alto Comando;

b) Desempenhar as atividades de relações públicas internamente, bem como garantir o atendimento e hospitalidade a bombeiros que vieram fazer visitas ou treinamentos na Corporação;

c) Receber e registrar as reclamações internas e externas, encaminhando-as ao Alto Comando pelo relato à Diretoria e providências.

Art. 41º – Compete ao CAT (Centro de Atividades Técnicas) a análise de plantas e projetos imobiliários, a vistoria de obras, e outros trabalhos técnicos a fim de recomendar aos poderes públicos sua aprovação e concessão de alvará.

Art. 42º – Compete ao Chefe-Instrutor:

a) Programar e administrar os treinamentos;

b) Supervisionar as chefias no cumprimento dos programas estabelecidos;

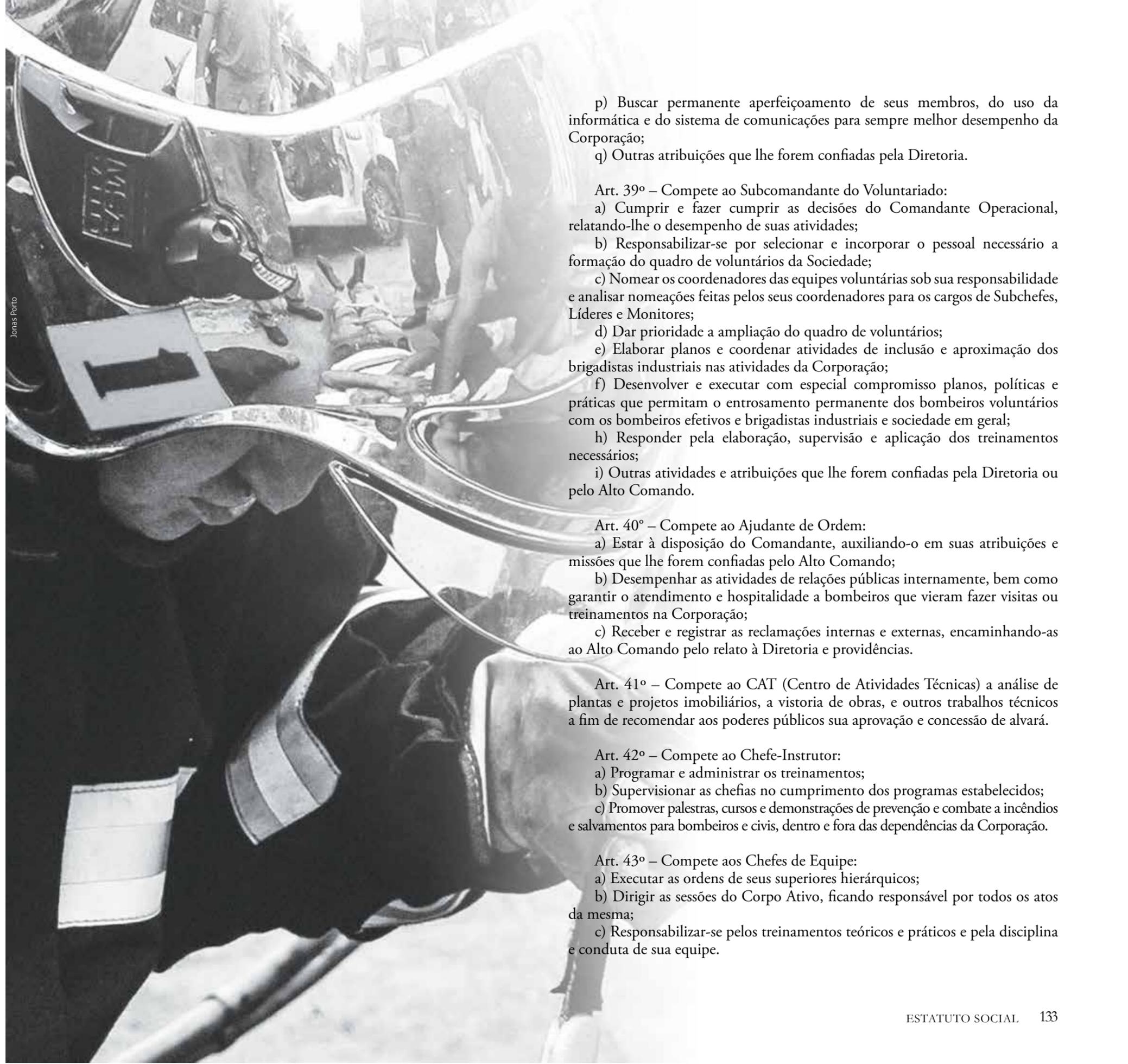
c) Promover palestras, cursos e demonstrações de prevenção e combate a incêndios e salvamentos para bombeiros e civis, dentro e fora das dependências da Corporação.

Art. 43º – Compete aos Chefes de Equipe:

a) Executar as ordens de seus superiores hierárquicos;

b) Dirigir as sessões do Corpo Ativo, ficando responsável por todos os atos da mesma;

c) Responsabilizar-se pelos treinamentos teóricos e práticos e pela disciplina e conduta de sua equipe.



Jonas Porto

Art. 44º – Compete ao Subchefe de equipes:

a) Executar os serviços que lhes forem atribuídos pelos Chefes de Equipes e substituí-los em seus impedimentos ocasionais.

Art. 45º – Compete aos Líderes de Equipe e Monitores:

a) Executar os serviços que lhes forem atribuídos pelos seus superiores hierárquicos e substituir superior hierárquico imediato em seus impedimentos ocasionais.

Art. 46º – A Sociedade poderá manter um Corpo Ativo Profissional, com estrutura similar à dos Bombeiros Voluntários, para viabilizar a manutenção e a operacionalização do plantão permanente.

CAPÍTULO XII – Das Eleições

Art. 47º – Os cargos do Conselho Deliberativo do Conselho Fiscal, da Diretoria serão providos por meio de eleições nos termos dos Artigos 14 e 21 do estatuto Social, salvo previsto no Artigo 24.

CAPÍTULO XIII – Disposições Gerais e Transitórias

Art. 48º – Para regulamentar e estabelecer a ordem interna da Sociedade, no que diz respeito ao Corpo Ativo, será adotado um Regulamento Disciplinar redigido em separado e que fará parte integrante do presente Estatuto.

§ 1º – O Regulamento Disciplinar será elaborado pelo Alto Comando da Sociedade, conjuntamente com a Diretoria.

Art. 49º – Os Sócios/Associados não respondem subsidiamente pelas obrigações sociais.

Art. 50º – Não percebe os Diretores da Sociedade seus Conselheiros, Sócios, Instituidores, Bem-feitores ou equivalentes remuneração, vantagens ou benefícios, direta ou indiretamente, por qualquer forma ou título, em razão das competências, funções ou atividades que lhes sejam atribuídas por este Estatuto Social.

Art. 51º – A Sociedade sem fins lucrativos, não se constitui em patrimônio de indivíduo ou de sociedade sem caráter beneficente de assistência social.

§ 1º – A prestação do serviço será feita de forma gratuita, permanente, sem qualquer discriminação de clientela, de acordo como Plano de Trabalho aprovado pelo CNAS.

Art. 52º – A Sociedade poderá outorgar títulos de Presidente de Honra e Comandante de Honra, a quem julgar merecedores destes postos, por indicação do Alto Comando ou da Diretoria e aprovação do Conselho Deliberativo.

§ 1º – O Presidente de Honra, quando convocado pelo Presidente da Sociedade poderá substituí-lo na Representação Externa da Sociedade em Atos Cívicos e Festivos e internamente em Reuniões e Assembleias.

§ 2º O Comandante de Honra, quando convocado pelo Presidente da



Sociedade, poderá transitoriamente substituir o Comandante nas suas ausências ou impedimentos, bem como, se convidado, assumir o comando do Corpo Ativo, nos dias festivos.

Art. 53º – A dissolução da Sociedade somente poderá ser decidida em Assembleia Geral a que tenham comparecido pelo menos 2/3 (dois terços) da soma dos Sócios Ativos e Contribuintes, em primeira convocação; pelo menos metade dos Sócios, em segunda convocação, que deverá ser pelo menos 10 (dez) dias após a primeira; e com qualquer número de associados na terceira convocação, que deverá ser pelo menos 5 (cinco) dias após a segunda.

Art. 54º – Dissolvida a Sociedade o seu patrimônio remanescente reverterá à outra Entidade Congênera do Município, registrada no CNAS, ou, na sua inexistência, à Fazenda Pública do Município de Joinville. Em decorrência, os Sócios/Associados não receberão qualquer tipo de indenização ou restituição das contribuições que tiverem prestado pela extinção da respectiva Associação.

Art. 55º – Os Diretores e Conselheiros não são pessoalmente responsáveis pelos atos de gestão que praticarem no exercício de seus cargos, mas responderão perante a Sociedade e perante terceiros, pelos excessos que eventualmente praticarem.

Art. 56º – A Sociedade foi fundada pelas seguintes pessoas: Oscar Antônio Schneider, Dr. Carlos Lange, W. Wewetzer, Alexandre Schlemm, H. Hille, Friedrich Stoll, Carl Parucker Jr., Paul Stamm, Fredderico Hudler, Hermann Stein, Carl G. Etzold, Augusto Fissmer, G. Raschke, W. Berner, Paulo Schoof, Felix Heinzelmann, C. Gruensch, João Karsten, Wilhelm Walther, Wilhelm Manteufel, Mathias Herkenhoff, Carl Urban, Victor Mueller, E. Stamm, Otto Delitsch, E. Wassermann, Edmundo Uhlemann, D. Sellmer, Francisco Schendel, Eduardo Miers, T. Kreutz, Francisco Lepper, Otto Boehm, C. Schumann, Max Friedrich, Otto Gelbcke Jr., F. Timm, C. Isensee, Eduardo Hoffmann, Eduardo Loss.

Art. 57º Os Sócios, nestes ato elegem o Fórum da Cidade de Joinville-Santa Catarina, para o exercício e cumprimento dos direitos e obrigações resultantes deste instrumento, bem como para solução de quaisquer litígios que dele possam decorrer, renunciando a qualquer outro fórum, por mais especial ou privilegiado que outro venha a ser.

Joinville 28 de Julho de 2006.

Registrado no Cartório Especial de Títulos e Documentos de Joinville, sob o número 1440 no Livro A, nº 07, às folhas 14v à 16v, em 27/01/1994 e sob nº 00222 às folhas 072 no Livro A-02, dia 09/07/1996, e sob o nº 001067 às folhas 017, no Livro A-08, dia 28/05/1999, e sob o nº 001432 às folhas 082 no Livro A-10, dia 24/08/2000; e sob o nº 003003, às folhas 003 no Livro-A 021, dia 23/07/2002; e sob o nº 003041, às folhas 041, no Livro A-021, dia 05/08/2002, Livro A-69, dia 06/08/2006, sob nº 95303, e averbada à margem do seu Estatuto no Livro A-67, às folhas 14, sob nº 1440, Livro A-113, dia 11/08/2006, sob o número 146794 e averbada à margem do seu registro no Livro A-07, às folhas 14v à 16, sob o nº 1440.

Regulamento Disciplinar da Sociedade Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville

Art. 1º – A admissão de pessoa ao quadro de Sócios Ativos é definida e regulamentada pela Instrução Normativa Nº 01/1998, sendo permitidas propostas de alteração a qualquer Sócio Ativo, mediante aprovação do Alto Comando.

Art. 2º – Não é permitido ao Sócio Ativo ou Bombeiro Efetivo fardado frequentar bailes, boates, casas de jogos e espetáculos, cinemas, bares, festas em geral e outros locais de diversão pública.

Não é permitido ao Sócio Ativo, se fazer presente em solenidades cívicas e ou militares, palestras, demonstrações, reuniões de qualquer caráter estando fardado, ou representar a Corporação sem a devida permissão escrita por parte do Comando. Não é permitida a utilização do fardamento ou partes integrantes dele em outras atividades que não sejam em serviços da Corporação.

Art. 3º – Não é permitido ao Sócio Ativo ou Bombeiro Efetivo fazer qualquer espécie de arrecadação em nome da Sociedade, sem autorização expressa do Diretor Financeiro quando se tratar de recursos financeiros e do Presidente quando se tratar de bens físicos. Também não é permitida a utilização de fardamento ou nome da Corporação na realização de propagandas, vendas ou de arrecadações com fins particulares ou de outras instituições, salvo com autorização por escrito por parte do Comando.

Art. 4º – Os Sócios Ativos devem comparecer à Sede da Corporação ou outros locais designados previamente por seus superiores hierárquicos, sempre que:

- se realizarem treinamentos teóricos e práticos de atividade, aos sábados à tarde ou as quartas-feiras à noite, ou outros dias e horários esporádicos especificados;
- se realizarem treinamentos simulados de atividade de socorro e mobilização;
- se realizarem atividades e eventos cívicos e militares (desfiles, formaturas, etc.) quando solicitados pelos superiores hierárquicos;
- em caso de acionamentos para atuações em situações emergenciais, devendo se dirigir ao quartel central ou a locais determinados;
- em casos de cumprimento de escalas de serviço voluntárias agendadas previamente;
- em casos de solicitação de comparecimento por parte de suas chefias hierárquicas.

§1º – Os Sócios Ativos impedidos de comparecer aos chamados e convocações de seus superiores (em situações conforme descrito no Artigo 4º), devem justificar suas faltas verbalmente ou por escrito, alegando os motivos de sua falta. As justificativas serão analisadas pelo superior hierárquico.



§2º – Os Sócios Ativos tem por obrigação comparecer devidamente uniformizados a quaisquer serviços da Corporação. Devem apresentar, quer no serviço, quer fora dele, procedimentos honrados. Durante as atividades, devem mostrar-se corretos, pontuais, perseverantes, obedientes, prudentes e corajosos.

§3º – No caso de 3 (três) faltas consecutivas sem justificativas, o (a) faltante será advertido (a) pelo superior hierárquico na primeira vez. Em casos de reincidência, poderá ser tratado conforme o Artigo Social.

Art. 5º – As saudações e ordem unida devem se realizar de acordo com a Instrução Normativa 02/1998 (Manual da Ordem Unida e Saudações), assim como a composição de fardamentos e uniformes, são descritos e regulamentados pela Instrução Normativa 03/1998.

Art. 6º – Os Sócios Ativos e Bombeiros Efetivos devem obedecer ao Comando e ordens de seus respectivos superiores hierárquicos e reportarem-se a eles quando se tratarem de questões relacionadas a serviços.

Quando em realização de trabalhos em escalas voluntárias junto aos quadros efetivos, os sócios Ativos devem seguir as determinações dos Chefes de serviço das unidades, ou Comandantes de guarnições das quais fizerem parte.

Art. 7º – Todo Sócio Ativo, que pretender, por qualquer motivo, ausentar-se por mais de 30 (trinta) dias, deve comunicar ao seu superior hierárquico.

Art. 8º – Durante os serviços da Sociedade, em treinamentos ou demais trabalhos voluntários, nenhum Sócio Ativo poderá se afastar de suas funções sem a permissão do seu superior hierárquico ou de Comandantes de guarnição em socorros. Uma vez dada a permissão para o afastamento, não deve ser feita de modo a provocar desordens ou prejudicar os serviços em andamento.

§ único: Somente com a permissão dos superiores hierárquicos é permitido fumar durante a permanência nas instalações da Corporação, obedecendo-se locais específicos para tal, se existirem; é proibido fumar durante qualquer serviço emergencial, atendimento externo, treinamento, etc.

Art. 9º – Os alimentos e donativos que durante o serviço forem doados por autoridades ou particulares, e da mesma forma, materiais de valor, objetos pessoais recolhidos ou encontrados, que sejam ou não pertencentes às vítimas em casos de atendimentos, devem ser entregues ao Chefe da guarnição de socorro.

Art. 10º – Os respectivos Chefes, Subchefes e Líderes de equipe são responsáveis pelo manuseio e conservação de equipamentos, materiais, instalações e demais instrumentos utilizados durante operações de treinamento, atendimento ou emergenciais. A manutenção dos fardamentos e uniformes são de responsabilidade individual, podendo, em caso de extravio ou deterioração por mau uso, ser cobrados dos Sócios Ativos, seus respectivos valores em dinheiro. Novas solicitações somente serão aceitas, mediante apresentação de requisição assinada pelo responsável pela equipe ao almoxarife, mediante devolução de peça defeituosa.

Art. 11º – Procedimentos incorretos ou de desobediência aos regulamentos ou as instruções gerais de serviço em vigor na Corporação serão punidos (dependendo do grau dado) pelos Chefes, Subchefes ou Líderes de equipe. Demais questões de ordem disciplinar devem ser tratados pelo responsável por cada equipe que, dependendo da gravidade, deverá levar ao tratamento dos superiores hierárquicos;

§1º – Casos disciplinares mais graves, não resolvidos pelos responsáveis, pelos grupos, devem ser tratados e decididos pelo Comando, com a participação do responsável pelo grupo.

§2º – A todos os Sócios Ativos, é reservado o direito a resposta, esclarecimento e defesa.

Art. 12º – Não será tolerado a tentativa, ou agressão física consumada, dentro ou fora da Corporação, contra superiores hierárquicos, colegas da Corporação ou qualquer pessoa da Comunidade.

Art. 13º – Os Bombeiros devem ser sinceros e honestos em suas atitudes.

Art. 14º – Os Bombeiros devem levar imediatamente ao conhecimento dos superiores qualquer irregularidade ou procedimento irregular dentro da Corporação de que tiverem conhecimento ou que tiverem observado, caso contrário poderão ser co-responsabilizados pelos eventuais danos que surgirem em decorrência de sua omissão.

Art. 15º – É dever dos Bombeiros em geral (Voluntários e Efetivos), zelar pelas boas condições de funcionamento dos equipamentos e instalações da Sociedade, mantendo absolutamente limpas e em perfeitas condições de higiene e de uso todas as dependências e equipamentos da Corporação. Os respectivos Chefes, Subchefes e Líderes de equipe são responsáveis pela fiscalização no cumprimento destas condições.

Art. 16º – Não é permitido o uso dos telefones da Corporação para fins particulares, salvo em caso de necessidade urgente e com autorização escrita do Chefe Imediato.

Art. 17º – A apresentação das sugestões e ideias, por parte de qualquer membro da corporação, que venha contribuir para melhoria e simplificação dos trabalhos, premiação dos atos de bravura ou ações heroicas, credencia- o a receber declaração de reconhecimento pelo Alto Comando e homenagens através de diplomas, troféus ou medalhas condizentes, quando forem instituídas.

Art. 18º – Os motoristas são responsáveis pelas viaturas que estiverem dirigindo ou operando e deverão observar rigorosamente as determinações do Código de Trânsito Brasileiro. Serão responsabilizados por quaisquer danos ou prejuízos que vierem a causar as viaturas da Corporação bem como a de particulares por imprudência ou negligência. Em situações de deslocamentos em emergências, cabe ao Comandante da guarnição, orientar e advertir os motoristas quanto a excesso de velocidade, manobras arriscadas, e outros procedimentos que possam gerar risco.



Art. 19º – A velocidade máxima permitida para as viaturas da Corporação é aquela estabelecida pelo Código de Trânsito Brasileiro, com as exceções cabíveis na operação de viaturas em deslocamentos de situações de emergência autorizadas pelo Comandante da guarnição e com o uso da sinalização luminosa e sonora (giratórias e sirenes).

Art. 20º – A admissão ao quadro de pessoal efetivo, será efetuada pelo Alto Comando, dentro das normas de seleção de pessoal, por um período experimental de 90 (noventa) dias, durante os quais, fica reservado a ambas as partes o direito de rescindir o contrato sem aviso prévio. Durante o período de experiência, o funcionário prestará serviços somente na unidade central da Corporação.

Art. 21º – Após o término do período experimental, o empregado poderá ser designado para exercer outras atividades em qualquer dependência da Corporação, ser transferido para outras seções e inclusive para outra unidade, de acordo com as necessidades da Corporação ou critério do Comando.

Art. 22º – As Chefias do plantão efetivo serão nomeadas pelo Alto Comando.

Art. 23º – São deveres dos Chefes, Subchefes, Líderes e Monitores em relação aos seus subordinados, além do que lhes são atribuídos pelo Estatuto no seu Capítulo XI Art. 42º, 43º e 44º:

- a) Zelar pela disciplina e propor punição na forma e nos limites do Regulamento, das Instruções Normativas Internas em vigor e da CLT;
- b) Promover um clima de relações funcionais harmônicas e de franca cooperação entre todos;
- c) Dar aos subordinados apoio moral no desempenho das suas funções e incentivá-los a executarem com interesse os seus serviços;
- d) Treiná-los em seus serviços seguindo as melhores técnicas de salvamento e combate a incêndios;
- e) Propor melhoramentos que se fazem necessários na sua seção ou nas dependências da Corporação.

Art. 24º – São penas disciplinares aplicáveis na Corporação:

- a) Advertência verbal, para infrações de natureza leve e grau médio. Podem ser aplicadas pelos Chefes, Subchefes e Líderes de equipe;
- b) Advertência escrita para infrações de natureza leve e grau médio em reincidência. Podem ser aplicadas pelos Chefes, Subchefes de equipe.
- c) Suspensão do trabalho ou de participação de trabalhos voluntários, para infrações de grau médio e em casos de reincidência. Somente podem ser aplicadas pelo Comando, mediante comunicação escrita;
- d) Demissão por justa causa ou exclusão dos quadros de Sócios Ativos, por infrações de grau e/ou natureza grave ou em caso de sucessivas suspensões. Somente podem, ser aplicadas pelo Comando, mediante comunicação escrita.

§ único: Não há sequência gradativa de punições, cabendo ao Comandante e as Chefias avaliar a natureza, a gravidade e circunstâncias antecedentes à falta praticada e seus reflexos internos, aplicando a penalidade que julgar necessária e conveniente para cada caso.

Machadinha Simbólica

Oferecida aos sócios ao completarem 40 anos de contribuição.



1964

Alberto Bornschein
Adolfo Kluever
Alberto Colin Sobrinho
Rudolfo Schmalz
Walter Brand
Fernando Tilp
Bruno Kupsch
Georg Kller
Guilherme Fissmer
Gustavo Karmann
Paulo Weck
Max Keller
Ricardo Koehler
Lourenço G. Heinzelmann “*in memoriam*”

1965

Wolfgang Altemburg
Erich Muschellack “*in memoriam*”
Arno Lepper
Cel. Abel F. Paula
João Souto Sampaio
Cel. Ramos Rocha
Gotthard Kaesemodel Jr.
Hanz Beckmann
Hermann Metz
Karl Von Zeska
Liga Sociedade Joinvillense
Rudolfo Neumann

1966

Wolfgang Voigt
Alfredo Kumlehn “*in memoriam*”

1967

Nilson Wilson Bender
Vva. Germano Kurt Freissler

1968

Arno Schwartz
Bernardo Hoepfner
João Schmalz
Erwino Doerlitz “*in memoriam*”
Wylly Jerke

1969 - Guilherme Urban

1970

Ademar F. Filho

Eugen Schmidt

1971

Leonardo Meinert
Nelson Walter
Ademar Garcia

1972 - Alfonso Koentopp

1973

Ewaldo Eichholz “*in memoriam*”
Arlindo Borowski “*in memoriam*”
Alfredo Geiser
Emílio Kurt Gern
Ervino Wetzel
Luiz Kumlehn
Manoel H. Schmalz

1974

Fritz G. Hoffmann
Henrique Vogelsanger
José A. Moreira
Roberto Nagel

1975

Adolfo Fischer
Adolfo Kielwagen
Germano Stein Jr.
Leopoldo Elling
Paulo Medeiros
Arthur Wetzel “*in memoriam*”

1976

Afonso H. F. Bruske
Gustavo Parucker Jr.
Mirko Mayerle
Ubirajara P. Dippold

1977

Arno Huth
Fritz Rosskamp
Darcy Schroeder Cubas
Heinz Lepper
Leopoldo Moncich

1978 - Alfredo Boehm

1979

Herbert Kanning

Rudolfo Bohn
Herbert Kanning
Rudolfo Bohn
Ewaldo Stamm
Hans Becker

1980 - Werner Ravache

1981 - Carlos Mueller

1982

Alfredo Davet
Francisco Vian
Han Meyer
Heinrich Miers
Hervert Schwarz
Otto A. F. Mueller
Bruno Kluever “*in memoriam*”
Carlos E. Richter “*in memoriam*”
Conrado Hagemann “*in memoriam*”
Edmundo Hoepfner “*in memoriam*”
Gustavo E. Grant “*in memoriam*”
Waldemar Scholz

1983

Alfredo Krüeger
Heinz Schroeder
Jorge A. Vogelsanger
Otto Kien
Romeu Pinheiro
Walter Scroeder
Wigand Schmidt

1984

Augusto Fissmer
Albano Schulz “*in memoriam*”
Edmundo Ziebarth
Geraldo Wetzel
Siegfried G. Holz

1985

Heinz Miers
Afonso Kricheldorf “*in memoriam*”
Arno Schwartz “*in memoriam*”
Valdemar Miers “*in memoriam*”

1986

Adolfo Holz
Bruno Kloth

Ewaldo Rieper
Georg H. Wehling
Guido F. G. Hoffmann
Hubert Meyer
Walter Brietzig

1987

Antônio Francisco Mira
Edmundo Karl Gellert

1988

Vergílio Boehm
Rolf Eisenhut
Adhemar Hoepner
Heinz Vollrath
Adolfo Mayer
Afonso M. Wolf “*in memoriam*”
Eugênio Wolter “*in memoriam*”

1989

Arthur Carlos Klug
Alberto Finkbeiner
Gerhart Maier
Leonardo Wenck
Mário Schuetzler
Nelson Fernandes - 40 anos como bombeiro voluntário
Otto Niemeyer “*in memoriam*”
Paulo Scholz “*in memoriam*”
Waldemar Ganske
Waldemar Koentopp Ltda
Werner Altmann
Carlos Kiefer “*in memoriam*”
Emílio Klaas “*in memoriam*”
Norvaldo G. da Luz “*in memoriam*”
Tricotagem Alfredo Marquardt
Helmuth Von Gehlen “*in memoriam*”
Ernesto Meyer “*in memoriam*”

1990

Erwino Wittitz
Eugênio Melzer
Herbert W. Fuchsberger
Hercílio Hoefner
Jorge Keller
Nelson Geiser
Adolfo Herkenhoff Jr. “*in memoriam*”
Milton Schmalz “*in memoriam*”
Walter Mayer “*in memoriam*”

1991

Nelson Meister
Agenor Scholz Maia
Norberto Ritzmann
Alberto Bornschein
Oscar Eerhardt
Alfredo Schneider
Oswaldo Medeiros
Alfredo Seidemann
Otto Artmann

Anibale Stolf
Raulino Kamradt
Bruno Carlos Ehrhardt
Roberto Wagner
Bruno Volles
Roland Puschel
Carrocerias Nielson S/A.
Rolf Gern
Cia. Fabril Lepper
Rolf Heinzelmann
Cia. Wetzel Industrial
Sylvio Albrecht Schmalz
Comércio E Indústria Germano Stein S/A.
Arthur Vogelsanger “*in memoriam*”
Drogaria e Farmácia Catarinense S/A.
Arthur Wolter “*in memoriam*”
Döhler S/A.
Carlos Guilherme Kasting “*in memoriam*”
Nelson De Miranda Coutinho
Egon Kurt Heinzelmann “*in memoriam*”
Egon Schubert
Heinz Muschellack
Paulo Schlemm “*in memoriam*”
Erwin Dumke
Waldemar Nass
Harold Maul
Hubert L. Meier
Erwim Schroeder
Haroldo Ilg
Hercílio Hardt
Harry Hang
João Victor Meinert

1992

Alfredo Korb
Alfredo Salfer
Rolf Larson
Karl Gromann
Luiz Müller
Aribert Roos
Konrad Kaesemodel
Werner Wise “*in memoriam*”
Sadala Cezar Amim Ghanen
Vicente Alves Pereira
Landoaldo v. Lindroth “*in memoriam*”
Toribio Soares Pereira “*in memoriam*”
Leopoldo Koentopp “*in memoriam*”
Werner Maililiano Ried
Heinz Baumer
Henrique Douat Filho
Werner Max Heinzelmann
Vva. Hervert Colin
Lauro Hattenhauer
Inge Colin
Alvim Alfonso Stamm “*in memoriam*”
João Hansen Júnior

1993

Freitag & Cia. Ltda.
Gastão Wendel

Gerd Oskar J. Neermann
Gerhard Steuernagel
Harald Schmalz
Harry Carlos Creuz
Ingo Bust
Jacy Batista
Johann Friedrich Fritz Guntert
Leopoldo Krüger
Valentim Krüger “*in memoriam*”
Maria C. Q. de A. Schmidt
Martin Baechtold
Nasim Farah
Nilson Wilson Bender
Norberto Hardt
Consul S/A.
Norberto Heins Rost
Walter Ferreira
Osny Schumacher
Egídio Fusinato
Paulo Bruno G. Muller
Egon Schmalz
Reinaldo Barth
Elisio Busi
Rubens Treck
Eugênio Bruske
Theodoro Boing
Walter Brunnckow “*in memoriam*”
Willy Brandt “*in memoriam*”
Eugênio Koentopp
Norberto V. Paul “*in memoriam*”
Atíla Becker “*in memoriam*”
Werner Klein
Euvaldo Pinheiro
Edith Colin
Fausto Rocha Coutinho
Vigando Paul “*in memoriam*”
Gustavo Elling “*in memoriam*”
Guilherme Gollnick “*in memoriam*”
Erhardt Schoen “*in memoriam*”
Felinto Jordan
Plácido Hugo De Oliveira “*in memoriam*”
Herbert Redin “*in memoriam*”
Wolfgang Hermann Kohls
Waldemário Sancho Moreira “*in memoriam*”
Wittich Freitag
Theodoro Dauner “*in memoriam*”
Fritz Gassenferth “*in memoriam*”
Valter Ramsdorf
Gerhard Baechtold “*in memoriam*”

1994

Nerval Pereira
Raul Augusto Schramm
Boris Rassweiler
Brandino Bramigk
Egon Guilherme Fissmer
Herbert Hansson
Alfredo Hoffmann
João Corrêa Filho
João Ostrovsk

Arilda Zimmermann
Adison De Oliveira Silva
Gerhard Fischer *“in memoriam”*
Martin Bistsch *“in memoriam”*
Hamilton Ziehmann
Walter Scholz

1995
Adalberto Tremel
Adolfo Aldo Stoll
Alfredo Wehmuth
Amandos Jurgens
Angelo Gascho
Elvira Boehm Rother
Ewaldo Rosenbrock
Félix Busse
Gert Milbradt
José Jorge Yunes *“in memoriam”*
Heinz Krehmcke
Wigando Meier
João da C. de Oliveira *“in memoriam”*
Theodoro Batista Tavares
Henrique Eggert
João Batista Tavares Jr.
Kurt Paulo A. Phillipi
Alfredo Weber *“in memoriam”*
Leopoldo Niermeyer
Lothar Doubrawa
Moritz Bruckheimer
Nelson Zimath
Nivaldo A. Boettcher
Norberto F. Hedler
Orestes do Amaral
Selma Maria G. Carneiro

1996
Rodrigo Otavio Lobo
Rolf Mainert
Romeu Kumlehn
Ronaldo Eduardo Jerke
Theo Fernando Bub
Victor Rolf Seifert
Adolar Vierheller
Carl Heinz Boebel
Victório Perini
Adolfo B. Schneider
Iris Santana
Henrique Eick
Harald Lange
Atila Urban *“in memoriam”*
Alzir Mário Schmidt
Dr. José Acácio Moreira *“in memoriam”*
Gerd Miers
Norberto Fleith
Gustavo D. Bade *“in memoriam”*
Élio Luiz Krieger
Lauro Mueller *“in memoriam”*
Max Aenischlin
Emílio Roberto Fissmer
Ralf Fock

Vva. Paulo Stricker
Herberto Meyer
Ervino Fischer
Raul Behnke *“in memoriam”*
Flávio Moreira
Mário Eugênio Boehm
Waldemar Vogelsanger
Gerhard Ried
Bruno Brodbeck
Hanz Mangold

1997
Erna Ehrardt
Heinz Osmar Borck
Jonas Timm
Nelson Shedschlag
Reinhard Schroeder
Eugênio Nielson *“in memoriam”*
Werner Arno Schubert *“in memoriam”*

1998
Ernesto Wagner
Horst Irineu Vogelsanger
Ivo Ritzmann
Ivo Raul Salomon
Humberto Felipe Werner
Neusa Raquel Winter
Ralf Ricardo Friedrich
Osmar Helcias Schwartz
Rolf Ziesche
Heinz Brueske
Guenther Lothar
Acyr Gomes Vidal
Leonardo Hoos
Alfredo Alexandre Coutinho
Ronaldo Braatz
Herbert Baechtold *“in memoriam”*
Casimiro Basilio de Salves
Romeu Ernesto Dressel*
Antenor Batista *“in memoriam”*
Maria Schwanke *“in memoriam”*
Aymoré Palhares

1999
Henrich Waldemar Berg
Milton Wuthstrack
Aminton José Baptista
Bertoldo Dorival Reinert
Nelson Guilherme Berndt
Flávio Cezerino Krelling
Carlito Moreira
Norberto Huth
Raul Gern
Armin Wetzell
Roberto Miranda
Guilherme Affonso Walter *“in memoriam”*
Roland Salfer
Aribert Henke *“in memoriam”*
Helmuth Pahl *“in memoriam”*

Wilson Waldemar Nass
Ubirajara Piazeira Dippold *“in memoriam”*
Amandus Alfredo May *“in memoriam”*

2000
Benno Paust
Dorival Sell
Harald Karmann
Helmuth Schmidt
Hirio Antonio Wolf
Ico Manfred Ravache
Ivo Carlos Haensch
Norberto Stamm
Peter Markus Mayerle
Roland Wolf
Valfredo Hannegraf
Evandro Petry *“in memoriam”*

2001
Werner Vogelsanger
Nelson Koentopp
Orlando Rosa
Orlando do Amaral Tavares

2002
Oscar Roberto Schneider *“in memoriam”*
Percy Romeu Monich *“in memoriam”*
Raphael Bueno De Miranda
Adir Admir De Miranda
Raymundo Welter *“in memoriam”*
Altamiro Américo da Silva
Irineu Kienen
Rene Rollin
Hermes Rauch
Arminio Marquardt
Rolf Guilherme Schneider
João Donato da Luz
Arno Harger
Mário Gern
Hercílio Kasten
Rubens Voigt
Livadário Nóbrega
Luiz Carlos Moreira
Nelson Hansen
Norberto Schroeder
Arthur Oscar Langsch
Henrique Horácio Jordan *“in memoriam”*
Azidio Prochnow
Jaime Theopompo Firmino
Werner Bozler *“in memoriam”*
Carlos Eugênio Kasting
Waldemar Klaas
Edison Kohler
Gehard Ravache
Wolfgang Voigt *“in memoriam”*
Eduardo Ledoux De Oliveira
Ademar Max Stuewe*
Eugênio Volles
Felipe Bublitz

2003
Léo Mertens *“in memoriam”*
Alberto Fiúza Rollin
Ewaldo Koentopp
Jaime Antônio Brandt
Pedro Vieira Garcia
Egon Natalício Lischka
Hermes Boldt
Edmund Bernardo Beckert
Erwin Paul Arntz
Erwin Colin *“in memoriam”*
Mário Merkle
Zulmar Sancho Moreira
Peter Jankowski
Silvio Polzin Pereira
José Renato Stein
Emílio Klaas Jr.
Ewaldo Rieper Jr.
Oswaldo Curt Baumrucker
Harold Nielson *“in memoriam”*

2004
Werner Hoerning
Edgar Seiler
Cláudio Roberto Costa
Célio Steffen
Luiz Reimer
Mário Fernando Wehling
Waldir Belarmino de Souza
Dourival de Lima
Adhemar Dobner
Max Carlos Colin
Renato Benkendorf
Renato Marcos Liebel
Heinz Henrique Fissmer
Herbert Radun
Curt Nass
Márcio Tremel
Christiano Woestehoff
Nelson Lutke
Norberto Klein *“in memoriam”*
Rodolfo Sponer
Nelson Wetzell
Erhardt Fritzke
João Cecílio Cidral
Harry Briant Ziehmann
Reinaldo Matthies
Adalberto R. Seifert
Paulo E. Stoeberl
Ellmer N. Briesemeister
Paulo Roland Unger
Anibal da Silva
Walter Ladewig Silva
Romeu Felipe Baumer
Werner Schulze
Sylvio Sniecikovski
Hugo Paulo Steuernagel
Oscar Ricardo Hromatka

2005
Rolf Barkemeyer
Rolf Riesenberg
Renato Krüger
Affonso Todt
Aldo Luiz Marquardt
Antônio Zimmermann *“in memoriam”*
Wilmar Arthur Hansen
Oswaldo Rieper
Kuniberto Sacht
Leonardo Haensch
Norberto Polzin
Osni Bachtold
Osny Vollani

2006
Horst H. Wippel
Ildemar Manke
Italo Stolf
Mario Alpheis
Oswaldo Jahn
Udo Brietzig
Waldir Wille
Wilfred Hardt
Friedrich H. H. Mueller
Angelo Mueller
Antonio Gasperi
Armin Walter Hildebrand
Eugenio R. G. Mueller
Anton Stadelmann

2007
José Fagundes Nunes
Leandro Bruno Ostrowski
Luiz Carlos Schulz
Mário Winter
Otto Adolfo Frederico Müller
Raulino Kuhnen
Reinaldo Holz
Rolf Rudnick
Ruy Dressel
Sérgio Scheibel
Silvio Isidoro Müller
Edgard Seiler*
Carlos da Costa Pereira Filho
Helmar Kampchen Pereira
Hilário Arthur Schramm
Ingo Butzke
João Aurélio Hostim

2008
Amandus Fischer
Martin Nehls
Nivaldo Schroeder
Norberto Kamrand
Oswaldo Anding
Randolfo Raiter
Reynaldo Knittel
Waldir Jahn
Romeu Ernesto Dressel

2009
Ademar Alfredo Thieme
Eladir Miers
Elinor Ritzmann
Oswaldo Hedler
Oswaldo Schroeder
Silvino Driessen
Otto Eduardo Kuhr
Palmiro Budal Arins
Romeu Neumann
Osni Volani
Rolf Beno Muller

2010
Aryo Girt Olsenagoberto Schmidlin
Dorival Hansen
Edgar Gottschlk *“in memoriam”*
Raulino Rosskamp
Ronald Nass

2011
Acácio Bachtold *“in memoriam”*
Arthur Muller
Carlos Roberto Bust
Georg Wigand Schmidt

2012
José Domingos Moreira *“in memoriam”*
Edgard Seiler
Ademar Max Stuewe

2014 - Rubéns de Almeida

2015
Álvaro Osmar Gomes
Eduardo Mauro Mattar Nunes dos Reis
Hermes Berg
Juan Arturo Ramires Villacorta
Ruy Meyer
Gert Heinz Schulz
Horst Petherhans
Klaus Eduardo Meyer
Raul Cláudio Schramm
Romeu Schwochow *“in memoriam”*
Waldir Carlos Schulz
Juarez José Piccolli

2016
Aloísio Kruger
Klaus M. Himpel
Oswaldo José Helbig
Norberto Artmann
Romeu Fucksberger
Nivaldo Klein
Sergio Augusto Maliseski
José Bonezzi
Nelson Mielke
Marco Aurélio Fettbach
Antonio Hang

Ordem da Machadinha

Honraria instituída em 1952 com o objetivo de agradecer as pessoas físicas ou jurídicas que efetivamente colaboram com a manutenção do Bombeiros Voluntários de Joinville.



- 1953**
Albert Lepper
Walter Hermann Meyer
- 1956**
Plácido Olímpio De Oliveira
Rolf Colin
Irineu Bornhausen
Lauro Carneiro De Loyola
Affonso Koehntopp
Erwino Müller
Carlos Gomes De Oliveira
Clóvis Salgado
Cel. José Domingos dos Santos
Cel. Vasco Kropf Carvalho
- 1958**
Lourenço G. Heinzelmann
Waldemar Walter
Tupy Barreto
Ricardo Giffhorn
Norberto M. Ramos
- 1959**
Juscelino Kubitschek de Oliveira
Isold Bruth Lepper
Guilherme Melzer
- 1963**
Ranieri Mazzili
- 1967**
Ivo Silveira
Fundição Tupy S/A
- 1969**
Nilson Wilson Bender
- 1972**
Henry Schmalz
- 1975**
Luiz Gomes
Oswaldo Moreira Douat
Pedro Colin
- 1976**
Plínio Bueno
- 1977**
Antônio Carlos Konder Reis
Luiz Henrique da Silveira
- 1979**
Assoc. Com. Ind. de Joinville
Dieter Pinow
Udo Döhler
- 1980**
Aymoré Palhares
Wilson Landmann
- 1981**
André A. Krüger
Ewaldo Eichholz
Jorge Konder Bornhausen
- 1982**
Gunther S. Schlieper
Jaime Couto
- 1985**
Esperidião Amin Helou Filho
Nagib Zattar
- 1986**
Arthur Zietz
- 1992**
Cel. Agostinho Monteiro Neto
Karl Mayer Textil Maschinen Fabrik
Luiz Antônio Fleury Filho
Gerhard Bold
- 1994**
Wilson Pedro Kleinübing
Wittich Freitag
Adelcor Francisco Vieira
Sérgio Uchoa Resende
- 1995**
Cel. Edson Sampaio
Georg Wigand Schmidt
Cel. Lourival de Souza
Harold Nielson
Cel. Joaquim G. Alonso Gonçalves

- 1996**
Carlos Cabanas Campos
Cel. José Rajão Filho
Paulo Ernani Da Cunha Tatim
Ivo Birckholz
Renato Kühn
Alexandre Karsten
Maestro Luiz Fernando Melara
Maestro Tibor Reischer
Rui Randolpho Weber
Capitão Rui José Gaspareto
- 1997**
José Henrique Carneiro de Loyola
Oswaldo Silva Filho
Américo Salvador de Oliveira
Irineu Lauro Späth
Wilhelm Zettel
- 1998**
AMABI - Ass. dos Moradores do
Boa Vista e Iriú
Ernesto Heinzelmann
Francisco Amaury Olsen
Gen. de Bda. Alberto M. Cardoso
Gerhard Steuernagel
Mário Egerland
Ninfa Valterio König
- 1999**
Jornal A Notícia
FIESC - Federação das Indústrias do
Estado de Santa Catarina
Lauro Salvador
- 2001**
Mário Krüger
Luiz Carlos Meinert
Antônio Carlos Vieira
- 2002**
Fernando Henrique Cardoso
Governo de Santa Catarina
Município de Joinville
62º Batalhão de Infantaria
Felinto Koerber
Antônio Felisberto Pinheiro

- 2003**
Apolinário Ternes
Marco Antônio Tebaldi
Gidion S/A. Transporte e Turismo
Transtusa Transporte e Turismo
Sto. Antônio LTDA
- 2004**
Odil José Cota
Max Roberto Bornholdt
Evi Varela
Palhares Advogados Associados
Cia. de Desenvolvimento e
Urbanização de Joinville
Henrique Meyer Corretora de Seguros
Impressora Ipiranga S/A.
- 2006**
Baltazar Buschle
Lothar Eckhoff
Centrais Elétricas de Santa Catarina -
CELESC S/A.
- 2007**
Mário Zendron
Moacir Gervásio Thomazi
Mário Benjamin Bartos
Selecta Auditores
- 2008**
Sergio Rodrigues Alves - Secretário
Estadual da Fazenda
Empresa Colley Embalagens Ltda
Instituto Carl Hansen
- 2009**
Cleverson Siewert - Diretor do
Tesouro do Estado
- 2010**
Ovandi Rosenstock - empresário
- 2011**
Carlito Mers - Prefeito Municipal
de Joinville
- 2012**
Nereu Martinelli - empresário

- 2013**
Raimundo Colombo - Governador do Estado
de Santa Catarina
- 2014**
SINDUSCON - Sindicato das Indústrias da
Construção Civil
- 2015**
Nelson Corona Secretário da Fazenda do
Município de Joinville
- 2016**
Não houve agraciado

Bibliografia

Documentos manuscritos

Livro de Atas da Sociedade Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville, de 1892 a 1992;
Arquivo Histórico de Joinville, pastas da seção histórica;
Estatuto e Regimento Interno Disciplinar (AHJ);
Livreto publicado aos 50 anos da entidade (AHJ).

Jornais

Kolonie-Zeitung – 1892/42;
Jornal de Joinville – 1919;
Jornal A Notícia – 1923/1992.

Relatórios

Da Federação Alemã dos Bombeiros, 1986;
Do Serviço Nacional de Bombeiros, de Portugal, 1992;
Do Sistema de Bombeiros do Chile.

Livros

BONNEFON, CHARLES. *História da Alemanha*, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1945;
DIAS, JOSÉ ROBERTO DE SOUZA. *Imigrantes & Indústria*, Editora Rios, São Paulo, 1987;
DRUCKER, PETER. *Sociedades Pós-Capitalistas*, Pioneira, São Paulo, 1993;
FICKER, CARLOS. *História de Joinville*, Ypiranga, 1965;
HOBSBAWM, ERIC J. *A Era das Revoluções*, Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1977;
HORNUNG, WOLFGANG. *História dos Bombeiros (Feuerwehrgeschichte)*, Kohlhammer, Stuttgart, 1990;
MANTOUX, PAUL. *A Revolução Industrial no Século XVIII*, Unesp – Hucitec, São Paulo, 1988;
TERNES, APOLINÁRIO. *História de Joinville, História Econômica de Joinville, O Voo do Condor e A construção da cidade*, 1981/86/89 e 1993;

O Autor



APOLINÁRIO TERNES é jornalista e historiador, autor de mais de 30 obras sobre a história de Joinville e da região Norte de Santa Catarina. De sua produção destacam-se os livros 'Joinville, uma abordagem crítica', 1984; 'História Econômica de Joinville', 1986; 'Joinville, a construção da cidade', 1993 e 'Tempos Modernos', 2008, sobre a história da cidade entre os anos de 1973-2008. Escreveu ainda livros sobre a história da WEG, Tupy, Condor, Lepper, A Notícia, a Imperial Estrada Dona Francisca, Colégio Bom Jesus e a ficção 'Os Manuscritos de Von Klopper', de 1991.

Foi membro dos Conselhos de Cultura de SC e de Joinville, é membro do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e da Academia Joinvilense de Letras. Dirigiu o Arquivo Histórico e a Biblioteca Pública de Joinville. Exerceu as funções de editorialista de A Notícia no período de 1979-2007, jornal em que manteve artigos regulares aos domingos por mais de três décadas.

Em 2005, recebeu o título de 'Cidadão Benemérito de Joinville', a Comenda Joaquim Manoel de Almeida Coelho, do Instituto Histórico e Geográfico de SC e a Medalha Anita Garibaldi, do governo de Santa Catarina. Com formação em História e Direito, é Mestre em Educação e Cultura, pela Udesc – 2004.





copper
indústria

NeoGrid

